

"Um romance notável de um dos maiores autores da atualidade."

The Washington Post

A BALADA DE ADAM HENRY

IAN MCEWAN

COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



IAN MCEWAN

A balada de
Adam Henry

Tradução
Jorio Dauster

A Ray Dolan

Sempre que um tribunal decidir sobre qualquer questão relativa [...] à formação de uma criança, [...] o bem-estar dessa criança deverá constituir a principal preocupação da corte.

(Seção I(a), Lei da Criança (1989))

Londres. Sessões do tribunal encerradas havia uma semana. O tempo implacável de junho. Fiona Maye, juíza do Tribunal Superior, em casa na noite de domingo e deitada numa *chaise longue*, olha além de seus pés calçados com meia para o fundo da sala e a vista parcial das estantes embutidas junto à lareira; do lado oposto, perto de uma janela alta, uma pequena litografia de Renoir representando uma mulher no banho, comprada trinta anos atrás por cinquenta libras. Provavelmente falsa. Abaixo da gravura, no centro de uma mesa redonda de nogueira, um vaso azul. Nenhuma recordação de sua origem. Nem de quando pusera flores nele pela última vez. Havia um ano a lareira não era acesa. Gotas de chuva enegrecidas caíam de forma irregular no suporte de ferro da lareira, estalando ao se chocarem com as folhas de jornal amarrotadas que já começavam a amarelar com o passar do tempo. Um tapete Bokhara cobrindo as largas tábuas enceradas. Na margem de seu campo de visão, um piano de cauda curta sobre cujo tampo negro e reluzente se viam fotografias da família em molduras de prata. No chão, ao lado da *chaise longue* e a seu alcance, o rascunho de uma sentença. E Fiona, deitada de costas, desejando que todas aquelas coisas fossem parar no fundo do mar.

Na sua mão, o segundo copo de uísque com água. Ela estava trêmula depois de uma discussão muito desagradável com o marido. Raramente bebia, mas o Talisker com água da torneira era um bálsamo, e ela pensou que poderia atravessar a sala até o aparador para se servir de um terceiro. Menos uísque, mais água, pois estaria no tribunal amanhã e agora era a juíza de plantão, disponível para atender a qualquer pedido repentino embora ainda estivesse se recuperando. Ele tinha feito uma declaração chocante e lhe imposto um fardo insuportável. Pela primeira vez em anos ela havia de fato gritado, e um tênue eco ainda soava em seus ouvidos. “Seu idiota! Seu idiota de *merda*!” Desde suas visitas alegres a Newcastle, quando adolescente, ela não tinha dito um único

palavrão em voz alta, embora alguma palavra possante vez por outra invadisse seus pensamentos quando ouvia uma argumentação interesseira ou uma opinião legal irrelevante.

E então, não muito depois, ofegante com o insulto, disse em voz alta pelo menos duas vezes: “Como você *ousa* me dizer isso?”.

Não chegava a ser uma pergunta, mas ele respondeu calmamente. “Eu preciso. Tenho cinquenta e nove anos. É minha última chance. Ainda não me mostraram nenhuma prova de vida no Além.”

Um comentário presunçoso, e ela ficou sem palavras. Apenas o olhou fixamente, talvez de boca aberta. Agora, deitada na *chaise longue*, lhe ocorreu a resposta: “Cinquenta e nove? Jack, você tem *sessenta*! É patético, é vulgar”.

Na verdade, o que ela havia dito, sem muita convicção, foi: “Isso é ridículo demais!”.

“Fiona, qual foi a última vez que fizemos sexo?”

Quando tinha sido? Ele já havia perguntado isso antes, em tons que variavam do queixoso ao irritadiço. Mas o passado recente, movimentado demais, é difícil de recordar. A Vara de Família fervilhava com estranhos conflitos, argumentos especiosos, meias verdades íntimas, acusações exóticas. E, como em todos os ramos do direito, pequenas peculiaridades circunstanciais precisavam ser assimiladas rapidamente. Na semana anterior ela ouvira as alegações finais de um casal de judeus, com graus diversos de ortodoxia, que estava se divorciando e disputava a educação das filhas. O rascunho da decisão estava no chão ao lado dela. No dia seguinte, se apresentaria diante dela uma inglesa desesperada, magérrima e pálida, altamente educada, convencida de que, malgrado as garantias dadas pela corte, sua filha estava prestes a ser levada pelo pai, um homem de negócios marroquino e muçulmano praticante, para viver em Rabat, onde ele pretendia se instalar definitivamente. Além disso, disputas rotineiras sobre a residência de crianças, casas, pensões, rendas, heranças. Só as grandes fortunas vinham ao Tribunal Superior. A riqueza em geral não conseguia trazer uma felicidade duradoura. Os pais logo aprendiam o novo vocabulário e os procedimentos legais aplicáveis às crianças, pasmos ao se verem combatendo a pessoa que um dia haviam amado. E, aguardando nos bastidores, meninos e meninas identificados apenas pelo primeiro nome nos documentos constantes dos processos, pequenos Bens e Sarahs, atônitos, se abraçando enquanto os deuses acima deles batalhavam até o amargo fim, indo da Vara de Família para o Tribunal Superior e de lá para o Tribunal de Recursos.

Todo esse sofrimento tinha temas em comum, refletindo a uniformidade dos comportamentos humanos, mas continuava a fasciná-la. Ela acreditava ser capaz de injetar razoabilidade em situações onde não havia mais esperança. De modo geral, acreditava nos preceitos da Lei da Criança. Em momentos de otimismo, considerava esse estatuto um marco importante no progresso da

civilização, por colocar, num texto legal, as necessidades das crianças acima das de seus pais. Os dias de Fiona Maye eram cheios e à noite, recentemente, se sucediam os jantares, uma comemoração no Middle Temple Hall em homenagem a um colega que se aposentava, um concerto no Kings Place (Schubert, Scriabin), e táxis, metrô, roupas para buscar na lavanderia, a redação de uma carta a fim de arranjar uma escola especial para o filho autista da arrumadeira e, por fim, algumas horas de sono. Onde entrava o sexo? No momento, ela não sabia dizer.

“Eu não costumo anotar.”

Ele estendeu as mãos, encerrando a discussão.

Ela o viu atravessar a sala e se servir de uma dose de uísque, o Talisker que ela estava bebendo. Ultimamente ele parecia mais alto, com movimentos mais ágeis. Enquanto observava suas costas, veio-lhe a fria premonição de que seria rejeitada, a humilhação de ser trocada por uma mulher mais jovem, deixada para trás, inútil e solitária. Ela se perguntou se deveria simplesmente aceitar qualquer coisa que ele quisesse, mas depois rechaçou esse pensamento.

Ele havia caminhado na direção dela com o copo na mão e sem oferecer o Sancerre, como costumava fazer naquela hora.

“O que você quer, Jack?”

“Vou viver esse caso.”

“Você quer se divorciar?”

“Não. Quero que fique tudo igual. Sem falsidades.”

“Não entendo.”

“Entende, sim. Você não me disse certa vez que pessoas casadas por muito tempo acabam tendo vontade de se tornar irmão e irmã? Pois chegamos lá, Fiona. Eu me tornei seu irmão. É acolhedor, carinhoso, e eu te amo, mas antes de morrer quero viver uma grande paixão.”

Interpretando erroneamente o arquejo de surpresa dela como uma risada, quem sabe como um muxoxo zombeteiro, ele disse ríspido: “Êxtase, quase desmaiando de prazer. Lembra? Quero sentir isso outra vez, mesmo que você não queira. Ou talvez você queira.”

Ela o olhou com uma expressão de descrença.

“É isso aí.”

Foi então que ela recobrou a voz e lhe disse que tipo de idiota ele era. Ela tinha uma forte convicção do que era convencionalmente correto. O fato de que, até onde Fiona sabia, ele sempre lhe fora fiel tornava a proposta ainda mais indecorosa. Ou, se ele a havia enganado antes, tinha feito isso de modo brilhante. Ela já sabia o nome da mulher. Melanie. Bem próximo do nome de um tipo fatal de câncer de pele. Sabia que poderia ser reduzida a pó pelo romance dele com aquela especialista em estatística de vinte e oito anos de idade.

“Se você fizer isso, está tudo terminado entre nós. Simples assim.”

“É uma ameaça?”

“Uma promessa solene.”

A essa altura ela havia recuperado a calma. De fato parecia simples. A hora de propor um casamento aberto era antes da cerimônia e não trinta e cinco anos depois. Arriscar tudo o que tinham para que ele pudesse reviver um prazer sensual! Quando tentou se imaginar querendo algo semelhante para si própria — seu “último êxtase” seria seu primeiro —, só lhe vinham à mente confusão, encontros secretos, desapontamento, chamadas telefônicas em má hora. A dura tarefa de aprender a conviver com alguém novo na cama, inventar novas carícias, todo o fingimento. Ao final, a necessidade de desfazer o nó, o esforço exigido para abrir o jogo e ser sincera. Depois, nada mais como era antes. Não, ela preferia uma vida imperfeita, a que tinha agora.

No entanto, deitada na *chaise longue*, diante dela se ergueu o insulto em sua verdadeira dimensão, o fato de que Jack estava preparado para pagar por seus prazeres com a infelicidade dela. Impiedoso. Ela o vira seguir em frente à custa de outras pessoas, quase sempre com uma boa razão. Isso era novo. O que teria mudado? Ao se servir do uísque de malte, ele ficara ereto, os pés bem afastados, os dedos da mão livre se movendo ao ritmo de uma canção que só ele ouvia, quem sabe uma canção compartilhada, mas não com ela. Ferindo-a e não ligando para isso — algo novo. Ele sempre fora amável, leal e bondoso. E, como a Vara de Família provava diariamente, a bondade era o ingrediente humano mais essencial. Ela tinha o poder de afastar uma criança de um pai insensível, e às vezes o fazia. Mas afastar a si mesma de um marido insensível? Quando se sentia frágil e solitária? Onde estava o juiz que iria protegê-la?

A autocomiseração nos outros a incomodava, e agora ela se recusava a aceitar isso nela. Melhor tomar um terceiro drinque. Mas só derramou uma dose pequena, adicionou muita água e voltou para a *chaise longue*. Sim, tinha sido o tipo de conversa que ela deveria ter anotado. Importante não se esquecer, avaliar a ofensa cuidadosamente. Quando ameaçara romper o casamento caso ele fosse em frente, Jack apenas se repetira, dizendo outra vez como a amava e sempre amaria, que não queria mudar de vida, que suas necessidades sexuais não atendidas lhe causavam grande infelicidade, que havia aquela oportunidade única que ele desejava aproveitar com o conhecimento dela e, assim esperava, com a concordância dela. Estava falando com toda a franqueza. Poderia ter feito às escondidas, “pelas costas dela”. Pelas costas magras e rancorosas dela.

“Ah”, ela murmurou. “Muito decente de sua parte, Jack”

“Bom, na verdade...”, ele disse, e não terminou a frase.

Fiona teve a impressão de que ele ia lhe dizer que a relação já havia começado, e ela não suportaria ouvir isso. Nem precisava. Viu tudo com clareza. Uma bonita especialista em estatística trabalhando com a probabilidade decrescente de que um marido voltasse para a esposa amargurada. Viu uma

manhã ensolarada, um banheiro que não conhecia e Jack, ainda com uma musculatura apreciável, vestindo pela cabeça uma camisa de linho branco semiabotoada com seu jeitão impaciente, uma camisa usada sendo jogada na direção da cesta de roupa suja e ficando ali pendurada por uma das mangas antes de escorregar para o chão. Que horrível. Aconteceria, com ou sem sua concordância.

“A resposta é não.” Ela havia usado um tom crescente, tal qual uma professorinha durona. Acrescentou: “O que você esperava que eu dissesse?”.

Ela se sentia impotente e queria que a conversa terminasse. Havia uma decisão a ser finalizada antes do dia seguinte para publicação no *Family Law Reports*. O destino das duas estudantes judias já havia sido decidido na sentença que ela proferira no tribunal, mas ainda precisava trabalhar no texto, a fim de que ele ficasse mais elegante e à prova de qualquer recurso. Do lado de fora, a chuva de verão tamborilava nas janelas; ao longe, mais além da Gray's Inn Square, os pneus sibilavam no asfalto encharcado. Ele a abandonaria e o mundo seguiria em frente.

Seu rosto tinha endurecido ao dar de ombros e se voltar para sair da sala. Vendo suas costas se afastarem, sentiu o mesmo medo gélido, e o teria chamado de volta não fosse o receio de ser ignorada. Mas o que poderia dizer? Me abraçe, me beije, fique com a garota. Ela ouvira os passos dele no vestibulo, a porta do quarto sendo fechada com firmeza e depois o silêncio invadindo o apartamento, o silêncio e a chuva que havia um mês não parava.

Primeiro os fatos. As duas partes pertenciam aos círculos fechados da comunidade haredi do norte de Londres, composta de judeus ultraortodoxos. O casamento dos Bernstein havia sido arranjado por seus pais, que não esperavam ser questionados. Arranjado e não forçado, insistiam as duas partes num raro gesto de entendimento. Treze anos depois, todos concordavam — inclusive o mediador, o assistente social e a juíza — que se tratava de um matrimônio impossível de reparar. O casal estava separado. Os dois mal e mal conseguiam cuidar das filhas, Rachel e Nora, que viviam com a mãe e mantinham contatos prolongados com o pai. A ruína do casamento começou nos primeiros anos. Após o nascimento laborioso da segunda menina, a mãe se tornou incapaz de ter outros filhos devido a uma cirurgia radical. Como o pai almejava ardentemente uma grande família, o doloroso distanciamento começou ali. Depois de um período de depressão (prolongado, disse o pai; curto, disse a mãe), ela estudou na Universidade Aberta, obteve uma boa qualificação e iniciou a carreira de professora primária tão logo as filhas entraram para a escola. Essa situação não era bem-vista pelo pai nem por muitos dos parentes. Na comunidade haredi, cujas tradições se mantêm inalteradas há séculos, espera-se que as mulheres

criem os filhos (quanto maior o número deles, melhor) e cuidem da casa. Um diploma universitário e um emprego eram extremamente raros. Uma figura de destaque na comunidade serviu como testemunha do pai e confirmou essa informação.

Os homens também não recebiam uma educação primorosa. Desde a adolescência, tinham de dedicar a maior parte do tempo ao estudo da Torá. Em geral, não cursavam a universidade. Em parte por causa disso, muitos haredi possuíam poucos recursos. Mas não os Bernstein, embora isso viria a acontecer depois que acertassem as contas com os advogados. Um avô com participação na patente de uma máquina para descaroçar azeitonas havia doado dinheiro ao casal. Eles deveriam gastar tudo o que possuíam para pagar as advogadas, ambas bem conhecidas pela juíza. Na superfície, a disputa tinha a ver com a educação escolar de Rachel e Nora. Entretanto, o que estava realmente em jogo era o contexto geral da formação das meninas. A luta era pela alma delas.

Os meninos e as meninas haredi eram educados em separado para preservar sua pureza. Roupas da moda, televisão e internet eram proibidas, assim como o convívio com crianças a quem eram permitidas tais distrações. Não se podia entrar em casas onde não fossem obedecidas de modo estrito as regras kosher. Todos os aspectos da existência cotidiana eram totalmente ditados por costumes que vinham de longa data. O problema tivera início com a mãe, que estava rompendo com a comunidade, embora não com o judaísmo. Malgrado as objeções paternas, ela já estava mandando as crianças para uma escola secundária judaica com alunos de ambos os sexos e onde eram permitidas a televisão, a música pop, a internet e o relacionamento com crianças não judias. Ela queria que as meninas ficassem na escola até depois dos dezesseis anos e cursassem uma universidade se quisessem. No seu depoimento por escrito, havia manifestado o desejo de que as filhas conhecessem melhor como viviam as outras pessoas, que fossem socialmente tolerantes, que tivessem a oportunidade de seguir alguma carreira que ela não tivera e, como adultas, fossem autossuficientes do ponto de vista econômico, tendo a chance de encontrar um marido com capacitações profissionais que lhes permitissem ajudar a criar uma família. Ao contrário de seu marido, que dedicava todo o tempo a estudar e ensinava a Torá oito horas por semana sem nenhuma remuneração.

A despeito de toda a razoabilidade de sua posição, Judith Bernstein — rosto pálido e ossudo, cabelo crespo e arruivado contido por um enorme prendedor azul — não era uma presença fácil no tribunal. Seus dedos sardentos e agitados que não cessavam de passar bilhetes para os advogados, os constantes suspiros em surdina, os olhares para o teto e o franzir da boca sempre que os advogados do marido falavam, o remexer impróprio e ruidoso numa grande bolsa de pele de camelo, dali retirando um maço de cigarros e um isqueiro no momento mais tenso de uma longa tarde — sem dúvida objetos provocativos no esquema

existencial de seu marido — e os colocando lado a lado, ao alcance para quando a sessão fosse suspensa. Fiona via tudo isso de seu ponto de observação mais elevado, porém fingia não ver.

O depoimento por escrito do sr. Bernstein visava persuadir a juíza de que sua esposa era uma mulher egoísta, com dificuldade de controlar a raiva (na Vara de Família uma acusação comum, frequentemente mútua), que dera as costas a seus votos conjugais e discutia com os pais dele e com os membros da comunidade, afastando as meninas de ambos. Pelo contrário, afirmou Judith do banco de testemunhas, eram seu sogro e sua sogra que se recusavam a ver as crianças até que elas retomassem o antigo padrão de vida, repudiando o mundo moderno, inclusive os meios de comunicação sociais, e a própria Judith mantivesse um lar kosher segundo a concepção deles.

O sr. Julian Bernstein, alto e magro como um dos juncos que haviam ocultado Moisés quando bebê, se curvava sobre os documentos do caso com a expressão de quem pede desculpas, enquanto o advogado acusava sua esposa de ser incapaz de separar suas necessidades das necessidades das crianças. O que ela dizia que elas necessitavam era o que desejava para si própria. Estava arrancando as meninas de um ambiente familiar cálido e seguro, disciplinado mas carinhoso, cujas regras e ritos forneciam respostas a todas as contingências, cuja identidade era clara, seus métodos comprovados no curso do tempo, e cujos membros eram em geral mais felizes e mais realizados que os habitantes do mundo secular e consumista que os cercava — um mundo que zombava da vida espiritual e cuja cultura de massa denegria as jovens e as mulheres adultas. Suas ambições eram frívolas, seus métodos, desrespeitosos, senão destrutivos. Ela amava muito mais a si mesma do que às meninas.

Ao que Judith respondeu com voz roufenha que nada denegria uma pessoa, menino ou menina, mais do que a negação de uma educação decente e a dignidade de um trabalho honesto; que, ao longo de toda a sua infância e juventude, lhe haviam dito que seu único objetivo na vida era manter uma boa casa para o marido e cuidar dos filhos — e que isso também era um modo de conspurcar seu direito de escolher um objetivo por conta própria. Quando decidiu estudar na Universidade Aberta, enfrentando grandes dificuldades, tinha sido ridicularizada, vista com desprezo e amaldiçoada. Prometera a si própria que as meninas não sofreriam as mesmas limitações.

Os advogados da outra parte concordaram por razões táticas (porque esta era claramente a posição da juíza) que a questão não se restringia aos métodos educacionais. A corte deveria escolher, para benefício das crianças, entre a obediência total à religião ou algo menos rígido. Entre culturas, identidades, estados de espírito, aspirações, conjuntos de relações familiares, definições fundamentais, lealdades básicas, futuros incognoscíveis.

Em tais matérias, havia uma propensão sub-reptícia e inata em prol do

status quo, desde que ele parecesse benigno. O rascunho da sentença de Fiona tinha vinte e uma páginas, abrindo-se como um grande leque no chão e esperando que ela pegasse uma página de cada vez para fazer anotações com um lápis de ponta macia.

Nenhum som vindo do quarto, nada além do murmúrio do tráfego deslizante sob a chuva. Ela se sentia magoada por tentar perceber algum ruído feito por ele, a atenção concentrada, prendendo a respiração, à espera do ranger da porta ou de uma tábua do assoalho. Querendo ouvir, temendo ouvir.

Nos círculos dos magistrados, Fiona Maye, mesmo quando ausente, era elogiada por sua prosa incisiva, quase irônica, quase entusiasmada, assim como pelo modo conciso com que expunha a disputa. Durante um almoço, o próprio lorde que presidia o Judiciário havia murmurado a seu companheiro de mesa: “Imparcialidade divina, inteligência diabólica, e ainda é bonita”. Em sua própria opinião, a cada ano ela se aproximava um pouco mais de uma exatidão que alguns poderiam qualificar como pedante, de uma definição inquestionável que um dia poderia ser citada com frequência, como Hoffman no caso *Piglowska* contra *Piglowski*, ou Bingham, ou Ward, ou o indispensável Scarman, todos utilizados por ela naquela primeira página que pendia de seus dedos sem ser lida. Estaria sua vida prestes a mudar? Será que os amigos eruditos, ainda estupefatos, em breve sussurrariam nos almoços no Lincoln’s Hall ou no Middle Temple: Então, ele foi mesmo posto para fora de casa? Para fora do adorável apartamento da Gray’s Inn, onde ela se sentaria sozinha até que finalmente o aluguel, ou o passar dos anos, subindo como a lúgubre maré do Tâmesa, também a expulsaria?

De volta ao trabalho. Parte um: “Pano de fundo”. Após algumas observações rotineiras sobre as casas dos pais, sobre onde as crianças residiam e os contatos com o pai, ela descreveu num parágrafo à parte a comunidade haredi e como, dentro dela, as práticas religiosas dominavam a vida cotidiana. A distinção entre o que se devia a César e a Deus era inexistente, assim como o era para muçulmanos praticantes. Seu lápis pairou sobre a página. Será que tratar muçulmanos e judeus como iguais não pareceria desnecessário ou provocador, pelo menos para o pai? Somente se ele se revelasse irracional, o que ela achava não ser o caso. Eliminar a frase.

A segunda parte era intitulada “Diferenças morais”. O tribunal estava sendo chamado a escolher uma educação para duas meninas, a escolher entre valores. E, nesse tipo de caso, de pouco servia apelar para o que era aceitável de modo geral por toda a sociedade. Aqui ela invocava lorde Hoffmann: “Trata-se de julgamentos de valor sobre os quais pessoas razoáveis podem diferir. Como os magistrados também são pessoas, isso significa que é inevitável certo grau de diversidade na aplicação de valores...”.

Na página, refletindo seu gosto crescente pelas digressões serenas e

meticulosas, Fiona dedicou várias centenas de palavras à definição de bem-estar, seguida por uma consideração dos padrões a serem alcançados para garanti-lo. Concordou com lordes Hailsham que bem-estar e felicidade eram termos inseparáveis, abarcando tudo o que se mostrava relevante para o desenvolvimento de uma criança na sua condição de ser humano. Endossou a opinião de Tom Bingham ao aceitar que estava obrigada a assumir uma perspectiva de médio e longo prazo, pois a criança de hoje bem poderia estar viva no século XXII. Citou a passagem de uma sentença proferida por lordes Lindley em 1893 no sentido de que o bem-estar não podia ser avaliado em termos puramente financeiros ou apenas em referência ao conforto físico. Ela se valeria da interpretação mais ampla. O bem-estar e a felicidade deviam incorporar o conceito filosófico de uma vida virtuosa, relacionando alguns ingredientes relevantes, metas que uma criança poderia perseguir: liberdade econômica e moral; virtude, compaixão e altruísmo; um trabalho satisfatório a exigir empenho na solução de problemas; uma rede florescente de relações pessoais; a conquista da estima de seus pares; e a busca por significados maiores para sua existência, assim como manter, ocupando lugar central em sua vida, um ou alguns poucos relacionamentos importantes definidos acima de tudo pelo amor.

Sim, neste último elemento essencial ela estava fracassando. O uísque com água a seu lado permanecia intocado: a visão daquele amarelo-urina e seu cheiro agressivo de cortiça agora a repeliavam. Ela deveria estar mais irritada, deveria estar conversando com algum velho amigo — e tinha vários —, deveria caminhar com passo firme para o quarto a fim de exigir maiores esclarecimentos. Mas se sentia reduzida a um ponto geométrico feito de pura ansiedade. A sentença precisava estar pronta para ser publicada no dia seguinte na hora aprazada, ela tinha de trabalhar. Sua vida particular não era nada. Ou deveria ter sido. Sua atenção continuava dividida entre a página que segurava e, a quinze metros de distância, a porta fechada do quarto. Obrigou-se a ler um longo parágrafo sobre o qual tinha dúvidas desde que o lera em voz alta no tribunal. Mas não havia mal algum numa afirmação robusta do óbvio. O bem-estar era *social*. A complexa teia das relações de uma criança com a família e os amigos constituía o ingrediente crucial. Nenhuma criança era uma ilha. O homem como animal social, na famosa frase de Aristóteles. Com quatrocentas palavras sobre esse tema, ela se lançou ao mar, as referências eruditas (Adam Smith, John Stuart Mill) enfunando as velas de Fiona. O tipo de alcance humanista que toda boa sentença exige.

Prosseguindo, era dito que o bem-estar constitui um conceito *mutável*, a ser avaliado segundo os padrões atuais de um homem ou mulher razoáveis. O que era suficiente uma geração atrás, poderia não ser bastante hoje. Além do mais, não cabia a um tribunal secular decidir sobre crenças religiosas ou diferenças

teológicas. Todas as religiões mereciam respeito desde que, segundo lorde Purcha, fossem “legal e socialmente aceitáveis”, e não, na formulação mais sombria de lorde Scarman, “imorais ou socialmente ofensivas”.

Os tribunais deveriam se mostrar cuidadosos ao intervir a favor das crianças caso isso contrariasse os princípios religiosos dos pais. Às vezes a intervenção seria necessária. Mas quando? Em resposta, ela invocou um de seus favoritos, o sábio lorde Munby do Tribunal de Recursos. “A infinita variedade da condição humana impede qualquer definição arbitrária.” O toque admirável de Shakespeare: *nem o hábito estiola sua variedade infinita*. As palavras a tiraram dos trilhos. Ela sabia de cor a fala de Enobarbus, tendo certa vez interpretado esse papel como estudante de direito, uma encenação só de mulheres num gramado no Lincoln's Inn Fields durante uma ensolarada tarde de verão. Pouco depois de ter sido retirado de suas costas doloridas o fardo dos exames para ser admitida como advogada. Por volta dessa época, Jack se apaixonara por ela e, não muito tempo depois, ela por ele. A primeira relação sexual entre os dois ocorreu num quarto de sótão que alguém lhes emprestara, tórrido sob o teto banhado pelo sol da tarde. Uma portinhola que não abria dava para leste, mostrando uma fatia do Tâmisa na direção do Pool de Londres.

Ela refletiu sobre a amante presente ou futura dele, Melanie, a especialista em estatística que encontrara uma única vez — uma jovem silenciosa, com pesadas contas de âmbar e clara preferência por sapatos de salto alto e fino capazes de destruir qualquer assoalho antigo de tábuas de carvalho. *Outras mulheres saciam/ Os apetites que satisfazem, mas ela cria fome/ Daquilo que mais pode prover*. Podia ser simplesmente isso, uma obsessão doentia, um vício que o afastasse de casa, o entortasse, consumindo tudo o que compartilhavam em matéria de passado e de futuro, como também de presente. Ou Melanie pertencia, como era sem dúvida o caso de Fiona, às “outras mulheres”, as que saciam, e ele voltaria depois de duas semanas, o apetite aplacado, fazendo planos para as férias da família.

Insuportável de um modo ou de outro.

Insuportável e fascinante. E irrelevante. Ela se forçou a retornar às páginas, ao resumo dos argumentos oferecidos por ambas as partes — um sumário eficiente, com uma dose satisfatória de compaixão controlada. Vinha a seguir seu relato acerca do relatório da assistente social designada pela corte. Mulher gorducha e bem-intencionada, frequentemente ofegante, cabelo despenteado, blusa desabotoada e para fora da saia. Caótica, duas vezes atrasada para as sessões devido a algum problema complicado com as chaves do carro, documentos trancados no automóvel e uma criança a ser apanhada na escola. No entanto, em vez do blá-blá-blá para satisfazer as duas partes, seu relato era bem fundado, até mesmo incisivo, e Fiona o citou de forma positiva. O que vinha depois?

Levantou os olhos e viu o marido no outro lado da sala servindo-se de mais um drinque, um bem grandinho, três dedos, talvez quatro. E descalço, como quando ele, um professor boêmio, muitas vezes ficava em casa no verão. Daí ter chegado sem se fazer ouvir. Provavelmente tinha ficado deitado na cama, contemplando por meia hora os arabescos nos frisos de gesso do teto, refletindo sobre a irracionalidade de Fiona. A tensão dos ombros encurvados, o modo como enfiou de volta a rolha — um golpe seco com a ponta do polegar — sugeriam que ele tinha caminhado até ali em silêncio para ter uma discussão. Ela conhecia os sinais.

Jack deu meia-volta e se aproximou dela com a bebida, sem ter posto uma gota de água no copo. As meninas judias, Rachel e Nora, teriam de pairar acima e atrás de Fiona como anjos cristãos, aguardando um pouco mais. O deus secular delas também tinha seus problemas. Do ponto mais baixo em que se encontrava, ela tinha uma boa visão das unhas do pé dele — cuidadosamente aparadas, meias-luas jovens e reluzentes, nenhum indício das manchas de fungos que conspurcavam os pés dela. Ele se mantinha em forma jogando tênis com os colegas e se exercitando com pesos no escritório, que procurava levantar cem vezes ao longo de cada dia. Ela não fazia mais do que carregar sua pesada pasta de documentos nas dependências do tribunal e levá-la até seu gabinete subindo pelas escadas em vez de pegar o elevador. Ele era bonito de uma forma desorganizada, um queixo quadrado mas assimétrico, uma expressão audaciosa em que os dentes ficavam visíveis e encantava os alunos, surpresos pela aparência algo dissoluta de um professor de história antiga. Fiona nunca imaginou que ele pudesse encostar um dedo nas alunas. Agora tudo parecia diferente. Talvez, malgrado seu envolvimento de toda uma vida com as fraquezas humanas, ela tivesse se mantido inocente, excluindo negligentemente a si própria e a Jack da condição geral. O único livro que ele escrevera para um público não erudito, uma biografia vívida de Júlio César, o tinha feito quase famoso de um modo respeitável e em nada espalhafatoso. Uma secundaristazinha atrevida poderia ter se jogado nos braços dele de forma irresistível. Havia, ou costumava haver, um sofá em seu escritório. Bem como uma tabuleta que dizia *Ne Pas Déranger* levada do Hôtel de Crillon ao fim da distante lua de mel deles. Esses eram pensamentos novos, era assim que o verme da suspeita infestava o passado.

Ele se sentou na cadeira mais próxima. “Você não pôde responder à minha pergunta, por isso vou te dizer. Já se passaram sete semanas e um dia. Você, honestamente, está satisfeita com isso?”

Ela disse com serenidade: “Você já está tendo esse caso?”

Ele sabia que era melhor responder a uma pergunta difícil com outra pergunta. “Você acha que está velha demais? É isso?”

Ela disse: “Porque, se já estiver, gostaria que fizesse as malas e saísse agora”.

Um gesto que a feria diretamente, sem premeditação, trocando sua torre pelo bispo dele, loucura total e sem volta. Se ele ficasse, humilhação; se partisse, o abismo.

Ele se instalava na cadeira dele, um móvel de madeira e couro enfeitado com tachas de metal que o faziam lembrar um instrumento medieval de tortura. Ela nunca gostara do gótico vitoriano, muito menos agora. Jack cruzou o tornozelo sobre o joelho, a cabeça inclinada enquanto a olhava com uma expressão de pena ou condescendência, e ela afastou o rosto. Sete semanas e um dia também tinha um quê de medieval, como uma sentença proferida pela corte criminal itinerante. Preocupava Fiona a possibilidade de que ela pudesse ter alguma culpa no cartório. Eles tinham mantido uma vida sexual decente por muitos anos, regular e vigorosamente simples: nas primeiras horas da manhã ao acordarem nos dias úteis, antes que as ofuscantes preocupações da jornada de trabalho penetrassem as pesadas cortinas do quarto. Nos fins de semana à tarde, algumas vezes depois de um jogo de tênis, duplas mistas na Mecklenburgh Square. Apagando todas as reclamações pelas pixotadas do parceiro. Na verdade, uma vida amorosa bastante prazerosa, além de funcional, por conduzi-los suavemente ao resto de suas existências sem precisar jamais ser discutida, o que constituía uma de suas alegrias. Não tinham nem um vocabulário próprio para defini-la — uma das razões pela qual a magoava ouvi-lo mencionar aquilo agora e por mal ter notado o lento declínio do ardor e da frequência.

Mas ela sempre o amara, sempre fora afetuosa, leal, dedicada. No ano passado havia cuidado dele carinhosamente quando quebrara a perna e o pulso em Méribel durante uma ridícula corrida montanha abaixo contra velhos colegas de escola. Ela lhe dera prazer, montara em cima dele — lembrava-se agora — em meio ao alvo esplendor do gesso. Ela não sabia como se referir a essas coisas em sua própria defesa e, além disso, esse não era o terreno no qual estava sendo atacada. Não era devoção que lhe faltava, e sim paixão.

E também havia a idade. Não a deterioração total, ainda não, mas seus primeiros indícios começavam a transparecer, assim como sob determinada luz é possível vislumbrar o adulto no rosto de um menino de dez anos. Se, esparramado à sua frente, Jack parecia absurdo durante aquela conversa, muito mais ela lhe parecia. Os pelos brancos do peito dele, dos quais ele se orgulhava muito, se encaracolavam acima do botão da camisa com o único propósito de declarar que não eram mais negros; o cabelo, como de costume se tornando mais ralo no alto como o de um monge, era deixado comprido num esforço de compensação pouco convincente; as pernas menos musculosas já não preenchiam de todo o jeans, e os olhos, com uma leve sugestão de vazio no futuro, refletiam o encovado das faces. Diante disso, que tal os tornozelos dela engrossando numa resposta sedutora, as nádegas se inflando como nuvens no verão, a cintura se dilatando enquanto as gengivas se retraíam? Tudo isso ainda

em milímetros paranoicos. Muito pior, a ofensa especial que os anos reservam a certas mulheres, quando os cantos da boca começam a cair, gerando uma expressão de constante reprovação. Muito adequada a uma juíza que usava peruca e franzia a testa para um advogado do alto de seu trono. Mas a uma amante?

E ei-los ali, como adolescentes, se preparando para discutir a causa de Eros.

Taticamente astucioso, Jack ignorou o ultimato dela, dizendo: “Não acho que devíamos desistir, não é mesmo?”.

“É você quem está se afastando.”

“Acho que também cabe a você uma parte disso.”

“Não sou eu quem está se preparando para destruir nosso casamento.”

“É você quem diz isso.”

Ele falou em tom razoável, projetando as cinco palavras bem no fundo das dúvidas de Fiona, adaptando-as à propensão que ela tinha de acreditar que, num conflito tão embaraçoso como aquele, os erros seriam provavelmente seus.

Ele tomou um gole cauteloso de uísque. Não ia ficar bêbado a fim de afirmar suas necessidades. Seria sério e racional, quando ela preferiria que Jack confessasse seus erros em alto e bom som.

Olhando no fundo dos olhos de Fiona, ele disse: “Você sabe que eu te amo”.

“Mas gostaria de alguém mais jovem.”

“Gostaria de ter uma vida sexual.”

Sua oportunidade de fazer promessas ternas, atraí-lo de volta, se desculpar por ter andado muito ocupada, cansada ou indisponível. Mas ela desviou o olhar e nada disse. Não ia se dedicar sob pressão a reviver uma vida sensual que no momento não lhe apetecia. Sobretudo quando acreditava que o caso já havia começado. Ele não se dera ao trabalho de negá-lo. E ela não iria perguntar de novo. Não era só uma questão de orgulho. Ela temia ainda sua resposta.

“Bem”, ele disse após uma longa pausa. “Você não gostaria?”

“Não com esse revólver apontado para a minha cabeça.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Ou eu tomo jeito, ou você vai para Melanie.”

Ela pressupunha que, embora compreendendo perfeitamente o que havia sido dito, ele desejava ouvi-la pronunciar o nome da mulher, coisa que Fiona jamais fizera em voz alta. Isso provocou um tremor ou uma contração dos músculos do rosto dele, um incontrolável sinal de excitação. Ou então se devia à frase sem rebuços, o “vai para”. Será que ela já o tinha perdido? Sentiu-se repentinamente tonta, como se sua pressão tivesse caído e em seguida disparado para cima. Endireitou o corpo na *chaise longue*, depositando no chão a página da sentença ainda em sua mão.

“Não é bem assim”, ele dizia. “Olhe, encare isso pelo avesso. Suponha que você estivesse no meu lugar e eu no seu. O que você faria?”

“Não iria arranjar um homem e depois abrir negociações com você.”

“O quê, então?”

“Iria descobrir o que poderia estar preocupando você.” Sua voz soou afetada a seus próprios ouvidos.

Ele fez um gesto largo com as mãos. “Ótimo!” O método socrático, tal como usado, sem dúvida, com seus alunos. “Então, o que está preocupando você?”

Apesar de toda a idiotice e desonestidade da troca de palavras, era a única pergunta possível e ela a havia provocado, porém se irritou com ele, tratada com condescendência, e preferiu não responder. Em vez disso, olhou mais além de onde ele se encontrava, na direção do piano que mal tinha sido tocado nas últimas duas semanas e para as fotografias com molduras de prata, postas sobre o tampo, como era comum nas casas de campo. Os dois casais de pais, da época do casamento até a senilidade; as três irmãs dele; os dois irmãos dela, suas mulheres e maridos atuais e passados (deslealmente, eles não eliminavam ninguém); onze sobrinhos e sobrinhas e as treze crianças que eles haviam trazido ao mundo. A vida se acelerando para plantar a população de um pequeno vilarejo sobre um piano de cauda curta. Ela e Jack não haviam dado nenhuma contribuição, ninguém, limitando-se a reuniões de família, presentes de aniversário quase todas as semanas, férias que congregavam várias gerações nos castelos mais baratos. Hospedavam no apartamento muitos membros da família. No fim do corredor havia um pequeno depósito com uma cama de armar, cadeira de bebê e cercado para crianças pequenas, além de três cestas de vime cheias de brinquedos mastigados e desbotados mas prontos para o próximo rebento. E o castelo deste verão, a dezesseis quilômetros de Ullapool, aguardava a decisão deles. Segundo o folheto de propaganda mal impresso, havia um fosso, uma ponte levadiça ainda em operação e uma masmorra com ganchos e argolas de ferro nas paredes. A tortura de ontem era hoje uma sensação para os hóspedes com menos de doze anos. Ela pensou outra vez na sentença medieval, sete semanas e um dia, um período iniciado nas últimas etapas do caso dos irmãos siameses.

Todo o horror e a pena, assim como o próprio dilema, estampados na fotografia mostrada à juíza e a ninguém mais. Filhos ainda muito novos de um pai jamaicano e de uma mãe escocesa, eram vistos no berço de uma unidade pediátrica de tratamento intensivo em meio a uma profusão de tubos, unidos pela pelve e compartilhando o mesmo torso, as pernas formando ângulos retos com as espinhas dorsais e lembrando uma estrela-do-mar com suas muitas pontas. Uma régua fixada ao longo da incubadora mostrava que aquele conjunto indefeso, e tão humano, tinha sessenta centímetros de comprimento. Suas medulas e a base das espinhas eram fundidas, os olhos estavam fechados, quatro braços erguidos

num sinal de que se rendiam à decisão do tribunal. Seus nomes apostólicos, Matthew e Mark, não haviam encorajado um raciocínio claro em certos círculos. Eles compartilhavam um único órgão, a bexiga, que estava principalmente no abdome de Mark e que, como observou um médico, “se esvaziava livre e espontaneamente através de duas uretras separadas”. O coração de Matthew era grande, mas “com pouca capacidade de contração”. A aorta de Mark se ligava à de Matthew, e era o coração de Mark que sustentava os dois. O cérebro de Matthew era gravemente malformado e incompatível com um desenvolvimento normal, sua caixa torácica não possuía um pulmão funcional. Ele não tinha, segundo uma enfermeira, “os pulmões que lhe permitissem chorar”.

Mark mamava como qualquer criança, alimentando-se e respirando pelos dois, fazendo “todo o trabalho” e, por isso, sendo anormalmente magro. Matthew, sem nada para fazer, engordava. Se uma providência não fosse tomada, o coração de Mark mais cedo ou mais tarde não resistiria ao esforço, matando ambos. Matthew dificilmente viveria mais do que seis meses. Quando morresse, levaria com ele o irmão. Um hospital de Londres solicitava com urgência a permissão para separar os gêmeos e salvar Mark, que tinha potencial para ser uma criança saudável. Para fazê-lo, os cirurgiões precisariam grampear e cortar a aorta compartilhada, com isso matando Matthew. A partir de então, iniciariam uma complicada série de procedimentos reparadores em Mark. Os pais amorosos, católicos devotos que viviam num vilarejo na costa norte da Jamaica, recusavam-se a aprovar o assassinato por convicção religiosa. Deus lhes havia dado a vida, só ele podia acabar com ela.

Em parte, ela se recordava de uma algazarra prolongada e horrível que assaltava sua atenção, mil alarmes de carros, mil bruxas em frenesi dando corpo ao lugar-comum: a manchete berrante, sensacionalista. Médicos, padres, âncoras de rádio e televisão, colunistas de jornais, colegas, parentes, motoristas de táxi, todo o país tinha uma opinião. Os ingredientes narrativos eram ponderáveis: bebês numa situação trágica, pais bondosos, solenes e eloquentes, apaixonados um pelo outro e por seus filhos, vida, amor, morte e uma corrida contra o tempo. Cirurgiões mascarados lutando contra uma crença sobrenatural. Quanto à gama de posições, num extremo se encontravam as pessoas de persuasão laica e utilitária, impacientes com os pormenores jurídicos, abençoados por uma fácil equação moral: uma criança salva é melhor que duas mortas. No extremo oposto, aqueles não apenas convencidos da existência de Deus, mas de conhecerem sua vontade. Citando lordes Ward, Fiona lembrou a todas as partes nas linhas de abertura de sua sentença: “Este tribunal lida com matérias de Justiça, não de moral, e nossa tarefa consistiu em descobrir, assim como é nosso dever aplicar, os princípios legais relevantes na situação posta diante de nós — uma situação única”.

Nessa terrível disputa só havia um resultado desejável ou menos

indesejável, mas não era fácil abrir uma estrada legal para atingi-lo. Sob a pressão do tempo, com um mundo ruidoso à espera, ela encontrou, em pouco menos de uma semana e treze mil palavras, um caminho plausível. Ou pelo menos assim pareceu acreditar o Tribunal de Recursos, trabalhando com um prazo fatal ainda mais rígido que o dela um dia após ser proferida sua sentença. No entanto, não havia lugar para a suposição de que uma vida valia mais que outra. Separar os gêmeos significaria matar Matthew. Não separá-los significaria, por omissão, matar ambos. O espaço legal e moral era restrito e a questão precisava ser colocada como a escolha do mal menor. Não obstante, a juíza estava obrigada a considerar o que correspondia ao melhor interesse de Matthew. Certamente não a morte. Mas a vida também não era uma opção. Ele tinha um cérebro rudimentar, nenhum pulmão, um coração inútil, provavelmente sentia dor e estava condenado a morrer — em breve.

Numa nova formulação, que o Tribunal de Recursos aceitou, Fiona argumentou que Matthew, ao contrário do irmão, não tinha interesses a serem preservados.

Entretanto, se era preferível, o menor dos males ainda poderia ser ilegal. Como justificar um assassinato, abrir o corpo de Matthew para cortar a aorta? Fiona rejeitou a noção defendida energicamente pelo advogado do hospital no sentido de que a separação dos gêmeos era análoga a desligar o equipamento de sustentação vital de Matthew, que naquele caso era Mark. A intervenção cirúrgica era invasiva demais, uma intrusão grande demais na integridade corporal de Matthew, para ser considerada uma suspensão de tratamento. Em vez disso, ela foi encontrar seu argumento na “doutrina da necessidade”, um conceito estabelecido na lei consuetudinária segundo o qual, em certas circunstâncias limitadas que nenhum parlamento jamais ousaria definir, era permissível violar a lei criminal a fim de evitar um mal maior. Ela se referiu ao caso em que homens armados sequestraram um avião em Londres e aterrorizaram os passageiros, porém foram inocentados de qualquer crime porque fizeram aquilo para evitar a perseguição sofrida em seu próprio país.

No que tange à importantíssima questão da intenção, o propósito da cirurgia não era matar Matthew, e sim salvar Mark. Como Matthew, apesar de sua total impotência, estava matando Mark, era necessário permitir que os médicos fossem em socorro dele para remover um risco fatal. Matthew morreria depois da separação não porque havia a intenção de matá-lo, mas porque, em isolamento, ele era incapaz de florescer.

O Tribunal de Recursos concordou, o recurso dos pais foi indeferido e, dois dias depois, às sete da manhã, os gêmeos entraram na sala de cirurgia.

Os colegas que Fiona mais prezava a procuraram para um aperto de mãos ou escreveram o tipo de cartas que merece ser guardado numa pasta especial. Sua sentença era elegante e correta, assim julgavam as pessoas do ramo. A

cirurgia de reparação em Mark foi exitosa, o interesse público se esvaiu e foi dirigido para outro assunto. Mas ela ficou infeliz, não conseguia deixar o caso de lado, permanecia acordada à noite durante horas, repassando os detalhes, reescrevendo certas passagens da sentença, tomando novos rumos. Ou meditava sobre temas de família, incluindo sua própria falta de filhos. Ao mesmo tempo, começaram a chegar em pequenos envelopes de cor pastel os pensamentos malévolos dos devotos. Eles eram de opinião que se devia permitir que ambas as crianças morressem, repudiando assim a decisão dela. Alguns empregavam linguagem ofensiva, outros manifestavam vontade de feri-la. Uns poucos desses últimos afirmavam saber onde ela morava.

Aquelas semanas intensas haviam deixado uma marca, que apenas se esbatera. O que exatamente a havia perturbado? A pergunta de seu marido era a mesma que ela se fazia, e ele agora aguardava uma resposta. Antes das audiências, Fiona tinha recebido um parecer do Arcebispo Católico Romano de Westminster. Na sentença, ela observou, num parágrafo respeitoso, que o arcebispo preferia que Mark morresse junto com Matthew, a fim de não interferir nos desígnios de Deus. Não a surpreendia ou afetava o fato de que religiosos desejassem eliminar o potencial de uma vida válida a fim de sustentar um preceito teológico. A própria lei tinha problemas similares quando permitia que médicos sufocassem, desidratassem ou privassem de nutrição certos pacientes desenganados até morrerem, embora não permitisse o alívio instantâneo de uma injeção fatal. À noite seus pensamentos retornavam à fotografia dos gêmeos e a dezenas de outras que havia estudado, assim como à pormenorizada informação técnica transmitida pelos médicos especialistas com respeito ao que havia de errado com os bebês, sobre quanto de carne infantil seria necessário cortar, rasgar, separar e dobrar a fim de dar a Mark uma vida normal, reconstruindo órgãos internos, executando uma rotação de noventa graus em suas pernas, genitais e intestinos. No escuro do quarto, enquanto Jack roncava serenamente a seu lado, ela parecia olhar por sobre um precipício. Nas fotografias lembradas de Matthew e Mark, via uma nulidade cega e sem propósito. Um ovo microscópico deixara de se dividir no momento certo devido a um defeito em certo ponto de uma cadeia de eventos químicos, uma minúscula perturbação na cascata de reações proteicas. Um evento molecular se inflacionara como um universo em expansão para ocupar uma larga região da miséria humana. Nenhuma crueldade, nenhuma vingança, nenhum fantasma se movendo de modo misterioso. Nada mais que um gene transcrito erroneamente, uma receita de enzimas defeituosa, um elo químico rompido. Um processo de perda natural tão indiferente quanto sem sentido. Que apenas punha em relevo a vida saudável e formada com perfeição, mas também aleatória, igualmente sem propósito. Pura sorte, chegar ao mundo com seu corpo devidamente formado e com tudo nos lugares certos, ter pais amorosos e não cruéis, escapar à guerra e à

pobreza por um acidente geográfico ou social. E, por isso, descobrir que é muito mais fácil ser virtuoso.

Durante algum tempo aquele caso a deixara entorpecida, se importando menos, sentindo menos, se ocupando de seus afazeres sem contar nada a ninguém. Mas se tornara enjoadiça em matéria de corpos, quase incapaz de olhar o dela ou o de Jack sem sentir repugnância. Como se abrir sobre isso? Pouco plausível dizer a ele, àquela altura de sua carreira como magistrada, que determinado caso, entre tantos outros, pudesse tê-la afetado tão intimamente devido à sua tristeza, a seus detalhes viscerais e ao intenso interesse público. Durante algum tempo, uma parte dela morrera junto com o pobre Matthew. Tinha sido ela quem havia despachado uma criança do mundo, quem empregara trinta e quatro páginas elegantemente escritas para justificar sua eliminação. Pouco importa que, por causa de sua cabeça intumescida e um coração que não se contraía, Matthew estivesse condenado a morrer. Ela era não menos irracional que o arcebispo, tendo passado a considerar como merecida aquela sensação de que algo murchara dentro de si. A sensação desapareceu, porém deixou uma cicatriz em sua memória mesmo depois de sete semanas e um dia.

Não ter um corpo, flutuar sem nenhuma restrição física teria sido o melhor para ela.

A batida do copo de Jack no tampo de vidro a trouxe de volta para a sala e para a pergunta dele. Jack a olhava fixamente. Mesmo se ela soubesse como formular uma confissão, seu estado de espírito não permitiria isso. Tampouco nenhuma demonstração de fraqueza. Tinha um trabalho a fazer, concluir a sentença para ser publicada, com os anjos à espera. O problema não era seu estado de espírito. O problema era a escolha que seu marido fazia, a pressão que ele estava aplicando. De repente ela se viu outra vez com raiva.

“Pela última vez, Jack. Você está se encontrando com ela? Vou interpretar seu silêncio como um sim.”

Mas ele também estava agitado, fora da cadeira, se afastando na direção do piano, onde parou, uma mão pousada na cauda erguida, recobrando a paciência antes de dar meia-volta. Naquele instante, o silêncio entre eles se expandiu. A chuva cessara, os carvalhos nos Walks haviam se acietado.

“Pensei que tivesse me expressado com clareza. Estou tentando ser franco com você. Almocei com ela. Não aconteceu nada. Queria falar com você antes, queria...”

“Bom, você falou e teve a sua resposta. E agora?”

“Me conte o que aconteceu com você.”

“Quando foi esse almoço? Onde?”

“Na semana passada, no trabalho. Não foi nada.”

“O tipo de nada que leva a um caso.”

Jack permaneceu no fundo da sala. “Então é isso”, ele disse, o tom de voz controlado. Um homem razoável testado até o limite da exaustão. Incrível como ele achava que podia tapeá-la com aquelas atitudes teatrais. Durante seus anos como magistrada, criminosos reincidentes, já idosos e analfabetos, alguns desdentados, tinham se apresentado diante dela e exibido uma atuação mais convincente improvisando do banco dos réus.

“Então é isso”, ele repetiu. “Sinto muito.”

“Você entende o que está prestes a destruir?”

“Eu podia dizer o mesmo. Alguma coisa está acontecendo e você não me diz o que é.”

Deixe-o ir, disse uma voz, sua própria voz em pensamento. E imediatamente ela foi tomada pelo velho medo. Não podia, não tencionava tocar sozinha o resto de sua vida. Duas velhas amigas íntimas, da sua idade, separadas dos maridos havia muito tempo, ainda odiavam entrar desacompanhadas numa sala apinhada de gente. E, além do simples brilho social, também contava o amor que sabia sentir por ele. Não o sentia agora.

“O seu problema”, ele disse da outra ponta da sala, “é que você nunca acha que precisa se explicar. Você se afastou de mim. Deve ter passado pela sua cabeça que eu notei isso e que me importei. Daria até para aguentar, acho, se eu acreditasse que não fosse durar. Ou se eu soubesse o motivo. Por isso...”

Ele estava começando a caminhar na direção dela, mas Fiona nunca soube qual foi a conclusão nem permitiu que sua irritação crescente fornecesse uma resposta, pois naquele instante o telefone soou. Ela levantou o aparelho num gesto automático. Estava de plantão e, claro, era seu assistente, Nigel Pauling. Como sempre, a voz hesitante, quase gaguejando. Mas ele era sempre eficiente e agradavelmente distante.

“Desculpe incomodá-la tão tarde, minha senhora.”

“Não faz mal. Diga o que há.”

“Recebemos um telefonema de um advogado que representa o hospital Edith Cavell, em Wandsworth. Eles precisam fazer uma transfusão de sangue de emergência num paciente com câncer, um rapaz de dezessete anos. Ele e os pais se recusam a dar o consentimento. O hospital gostaria...”

“Por que estão se recusando?”

“Testemunhas de Jeová, minha senhora.”

“Entendo.”

“O hospital quer ter um documento dizendo que é legal seguir em frente mesmo sem o desejo deles.”

Ela olhou para o relógio de pulso. Um pouco mais de dez e meia da noite.

“Quanto tempo temos?”

“Dizem que vai ser perigoso depois de quarta-feira. Extremamente

perigoso.”

Ela olhou ao redor. Jack já havia saído da sala. Ela disse: “Então agende uma audiência em regime de urgência para as duas da tarde de quinta-feira. E notifique as partes. Instrua o hospital a informar os pais. Eles poderão recorrer. Designe para o rapaz um guardião com representação legal. Mande o hospital apresentar seus elementos de juízo até as quatro da tarde de amanhã. O oncologista encarregado do caso também deve fornecer um relatório na qualidade de testemunha”.

Por um instante, ela teve um breve branco mental. Limpou a garganta e continuou. “Quero saber por que ele precisa de sangue. E os pais devem fazer o possível para apresentar seus argumentos até o meio-dia da terça-feira.”

“Vou fazer isso agora mesmo.”

Ela foi até a janela e contemplou o lado oposto da praça, onde formas de árvores assumiam um sólido tom negro ao final do lento crepúsculo de junho. Por enquanto, as luzes amarelas dos lampiões de rua iluminavam apenas pequenos círculos na calçada. O tráfego de domingo à noite já rareava e quase nenhum som chegava a seus ouvidos da Gray's Inn Road ou da High Holborn. Ouviu somente os esparsos pingos de chuva nas folhas e o gorgolejo musical de uma calha próxima. Observou o gato do vizinho contornar cuidadosamente uma poça e se dissolver na escuridão debaixo de um arbusto. A retirada de Jack não a perturbou. A troca entre eles vinha rumando para uma franqueza muito penosa. Não havia como negar o alívio de ser impelida para um terreno neutro, a charneca sem árvores dos problemas dos outros. Mais uma vez a religião. Havia algum consolo. Como o rapaz tinha quase dezoito anos, a maioridade, seus desejos constituiriam a preocupação central.

Talvez fosse perverso encontrar nessa súbita interrupção uma promessa de liberdade. No outro lado da cidade, um adolescente confrontava a morte em razão de suas crenças ou da de seus pais. A missão dela não consistia em salvá-lo, e sim decidir o que era razoável e legal. Gostaria de ver o rapaz, se afastar por uma ou duas horas do pântano doméstico e do tribunal, viajar, mergulhar nas complexidades, formular um julgamento baseado em suas observações. As crenças dos pais poderiam ser uma afirmação das crenças do filho, ou uma sentença de morte que ele não ousava desafiar. Atualmente, investigar por conta própria era raríssimo. Lá pela década de 1980, um magistrado ainda podia colocar o adolescente sob a tutela da corte e encontrar-se com ele em seu gabinete de trabalho, no hospital ou em casa. Sabe-se lá como, um ideal nobre havia sobrevivido até os tempos modernos, amassado e enferrujado como uma velha armadura. Os juízes representavam o monarca e, durante séculos, haviam desempenhado o papel de guardiões das crianças da nação. Nos dias de hoje, assistentes sociais do serviço de apoio e aconselhamento da Vara de Família faziam isso e apresentavam um relatório. O velho sistema, vagaroso e

ineficiente, preservava o toque humano. Agora, menos atrasos, mais formulários com quadradinhos para serem assinalados, mais coisas a aceitar na base da confiança. A vida das crianças ficava guardada nas memórias dos computadores, com bastante precisão mas com muito menos bondade.

Visitar o hospital era um capricho sentimental. Ela abandonou a ideia ao se afastar da janela e voltar para a *chaise longue*. Sentou-se com um suspiro impaciente e começou a trabalhar na sentença sobre as meninas judias de Stamford Hill, cujo bem-estar estava em disputa. As últimas páginas de sua conclusão se encontravam de novo em suas mãos. Mas naquele instante Fiona não conseguiu se obrigar a examinar sua própria prosa. Não era a primeira vez que o absurdo e a inutilidade de se envolver com um caso a paralisavam temporariamente. Pais escolhendo uma escola para os filhos — questão inocente, importante, corriqueira e privada que uma mistura letal de amargas discrepâncias e dinheiro demais haviam transformado numa monstruosa tarefa burocrática, em maços de documentos jurídicos tão numerosos e pesados que precisavam ser levados num carrinho para o tribunal, em horas de debates educados, audiências formais, decisões postergadas, todo o circo sendo erguido muito lentamente em meio à hierarquia judicial como um balão invertido e mal ancorado ao terreno. Se os pais não eram capazes de se pôr de acordo, a lei, relutantemente, via-se obrigada a decidir. Fiona presidiria com toda a seriedade e obediência aos procedimentos que se exigem de um cientista nuclear. Deliberaria sobre o que havia começado com amor e terminado em ódio. Todo o assunto deveria ter sido tratado por um assistente social, que levaria meia hora para chegar a uma decisão sensata.

Fiona havia se decidido em favor de Judith, a inquieta mulher de cabelo arruivado que, segundo o oficial de justiça, a cada interrupção disparava pelos salões com piso de mármore e arcos de pedra polida do Tribunal até o Strand para fumar mais um cigarro. As crianças deveriam continuar a frequentar a escola mista escolhida para elas pela mãe. Poderiam permanecer lá até os dezoito anos, quando iriam cursar a universidade se assim desejassem. A sentença mostrava respeito pela comunidade haredi, pela continuidade de suas veneráveis tradições e rituais, acrescentando que o tribunal nada tinha a dizer sobre suas crenças específicas, limitando-se a notar que elas eram claramente observadas com sinceridade. No entanto, as testemunhas da comunidade arroladas pelo pai tinham contribuído para prejudicar seu caso. Uma figura respeitada havia dito, talvez com excessivo orgulho, que as mulheres haredi tinham de se dedicar a criar um “lar seguro” e que não era relevante a educação depois dos dezesseis anos. Outro representante da comunidade disse que era muito incomum, mesmo para os meninos, seguir alguma profissão. Um terceiro havia se revelado um pouco enfático demais em sua opinião de que meninas e meninos precisavam ser mantidos separados na escola a fim de preservarem sua

pureza. Tudo isso, Fiona escrevera, estava muito distante do comportamento costumeiro dos pais e das opiniões prevaletentes no sentido de que as crianças deveriam ser encorajadas em suas aspirações. Essa deveria ser também a opinião de pais judiciosos e razoáveis. Ela aceitava o parecer da assistente social de que, caso as meninas fossem devolvidas à sociedade fechada do pai, perderiam todo e qualquer contato com a mãe. Era menos provável acontecer o inverso.

Acima de tudo, o dever da corte era tornar possível que as crianças chegassem à idade adulta em condições de tomarem as próprias decisões sobre a vida que desejavam levar. As meninas poderiam optar pela versão da religião esposada pelo pai ou pela mãe, ou poderiam encontrar maior satisfação em outro tipo de vida. Depois dos dezoito anos, estariam fora do alcance dos pais e do tribunal. Para finalizar, Fiona deu uma chamada de leve no pai ao observar que o sr. Bernstein tinha se valido de duas advogadas e se beneficiado da experiência de uma assistente social designada pela corte, a astuta e desorganizada funcionária do serviço de assistência à vara, além de estar implicitamente obrigado a obedecer aos ditames de uma juíza. Ele deveria se perguntar por que negar às suas filhas a oportunidade de exercerem uma profissão.

Terminado. As correções seriam feitas em seu último rascunho na manhã do dia seguinte. Ela se pôs de pé e se espreguiçou, pegando depois os copos de uísque para lavá-los na cozinha. A água morna correndo por suas mãos serviu para acalmá-la, mantendo-a abstraída junto à pia por um minuto ou mais. Mas também estava atenta a qualquer ruído vindo de Jack. O gorgolejar dos velhos encanamentos lhe deixaria saber se ele se preparava para dormir. Voltou à sala de visitas a fim de apagar as luzes e se sentiu atraída outra vez para a posição junto à janela.

Na praça, não longe da poça que o gato contornara, seu marido puxava uma mala. Pendurada ao ombro, a pasta que usava no trabalho. Chegou ao carro, o carro deles, abriu a porta, pôs a bagagem no banco traseiro, entrou e ligou o motor. Quando os faróis foram acesos e as rodas da frente viradas até o limite para que ele pudesse sair do espaço apertado onde o carro fora estacionado, ela ouviu o som distante do rádio. Música pop. Mas ele odiava música pop.

Jack provavelmente havia feito a mala no início da noite, bem antes de começarem a conversar. Ou, talvez, no meio da conversa, quando se retirara para o quarto. Em vez de agitação, raiva ou tristeza, sentiu apenas cansaço. Pensou que devia ser prática. Se fosse para a cama agora, poderia dispensar o sonífero. Voltou à cozinha, dizendo a si mesma que não estava procurando por um bilhete na mesa de pinho, onde eles sempre deixavam os recados. Trancou a porta da frente e apagou as luzes do vestibulo. O quarto dava a impressão de não ter sido tocado. Abriu a porta de correr do armário de roupas e, com olho de mulher, calculou que ele levava três paletós, dos quais o mais novo de linho cor

de marfim comprado na Gieves & Hawkes. No banheiro, resistiu à tentação de abrir o armário de remédios para avaliar o conteúdo da bolsinha de toalete dele. Já sabia o bastante. Na cama, seu único pensamento sensato foi o de que ele devia ter tomado muito cuidado para atravessar o vestibulo sem que ela ouvisse, fechando a porta centímetro furtivo por centímetro furtivo.

Nem isso foi suficiente para impedir seu mergulho no sono. Mas o sono não trouxe a libertação, pois em menos de uma hora se viu cercada de acusadores. Ou de pessoas pedindo ajuda. Os rostos se fundiam e se separavam. O bebê gêmeo, Matthew, com a cabeça enorme e sem orelha e o coração que não se contraía, apenas a olhava fixamente, como já fizera em outras noites. As irmãs, Rachel e Nora, lhe falavam num tom pesaroso, relacionando erros que podiam ser dela ou das próprias meninas. Jack chegava mais perto, empurrando a testa recentemente enrugada contra seu ombro, explicando numa voz lamurienta que ela tinha o dever de ampliar as escolhas dele no futuro.

Quando o despertador tocou às seis e meia, ela se sentou subitamente e, por um momento, olhou sem entender para o lado vazio da cama. Depois caminhou até o banheiro e começou a se preparar para um dia no tribunal.

Ela tomou o caminho de sempre entre a Gray's Inn Square e o tribunal, fazendo o possível para não pensar. Numa das mãos levava a pasta; na outra, um guarda-chuva aberto. A luz era de um verde deprimente e o ar frio da cidade fustigou seu rosto. Saiu pela porta principal evitando qualquer conversa fiada ao fazer um curto gesto de cabeça na direção de John, o porteiro amigável. Tinha a esperança de não deixar transparecer que era uma mulher em crise. Manteve distantes os pensamentos sobre sua situação, tocando mentalmente uma peça musical que sabia de cor. Acima da barulheira do rush, ouvia sua persona ideal, a pianista que nunca tinha conseguido ser, executando impecavelmente a segunda partita de Bach.

Tinha chovido quase todos os dias desde o começo do verão, as árvores davam a impressão de ter inchado, suas copas alargadas, enquanto as calçadas estavam limpas e lisas, os carros reluzentes na revendedora da High Holborn. Na última vez em que tinha olhado, o Tâmesa na maré alta também parecia inchado e com uma coloração marrom mais escura: mal-humorado e rebelde, erguia-se contra os pilares das pontes, pronto a invadir as ruas. Mas todos seguiam em frente, reclamando, resolutos, encharcados. As correntes atmosféricas tinham entrado em pane, curvadas em direção ao sul devido a fatores impossíveis de controlar, bloqueando o refrigério que vinha dos Açores no verão e sugando o ar gélido do norte. Consequência das mudanças climáticas provocadas pelo homem que levavam ao derretimento das calotas polares e perturbavam as camadas superiores da atmosfera, ou de manchas solares irregulares que não eram culpa de ninguém ou fruto da variabilidade natural, ritmos antigos, o destino do planeta. Ou todos os três, ou qualquer dos dois. Mas de que serviam tais explicações e teorias tão cedo? Fiona e o resto de Londres tinham um trabalho a fazer.

Ao cruzar a rua para descer a Chancery Lane, a chuva apertou, caindo na diagonal por conta de um vento frio e repentino. O dia escureceu, as gotas de

chuva ricocheteavam em suas pernas como agulhas de gelo, as pessoas aceleravam o passo, silenciosas, absortas em seus pensamentos. O tráfego na High Holborn corria barulhento e vigorosamente destemido, os faróis brilhavam no asfalto enquanto ela ouvia mais uma vez a grande abertura, o adágio em estilo italiano, uma promessa de jazz nos acordes lentos e densos. Mas não havia como escapar, a peça musical a levava diretamente a Jack porque ela a havia aprendido como um presente de aniversário para ele no último mês de abril. Fim de tarde na praça, ambos recém-chegados do trabalho, abajures acesos, uma taça de champanhe na mão dele, a dela em cima do piano enquanto executava o que tinha pacientemente registrado na memória nas semanas anteriores. Depois as exclamações de reconhecimento e prazer de Jack, além da perplexidade generosamente exagerada por causa daquele feito mnemônico, o longo beijo no final, o murmúrio de parabéns de Fiona, os olhos úmidos dele, o tilintar das taças de cristal facetado.

Por isso o motor da autocomiseração começou a girar e ela não pôde deixar de relembrar as muitas alegrias que tinha lhe dado. A lista era doentiammente longa — entradas para óperas compradas de surpresa, viagens a Paris, Dubrovnik, Viena, Trieste, Keith Jarrett em Roma (Jack, sem saber de nada, instruído a pôr seu passaporte e algumas poucas coisas numa valise de mão para encontrá-la no aeroporto ao sair do trabalho), botas de caubói com desenhos gravados a fogo, porta-bebidas com suas iniciais e, em homenagem à nova paixão dele pela geologia, um martelinho de explorador do século XIX num estojo de couro. Para abençoar sua segunda adolescência ao fazer cinquenta anos, um trompete que pertencera a Guy Barker. Essas dádivas representavam apenas uma fração da felicidade que ela lhe oferecia, sendo o sexo unicamente uma parcela dessa fração — e só nos últimos tempos um fracasso, elevado por ele à condição de uma enorme injustiça.

A tristeza e o acúmulo de mágoas pormenorizadas, enquanto a verdadeira raiva ainda estava por vir. Uma mulher de cinquenta e nove anos abandonada na infância da velhice, quando começava a aprender a engatinhar. Ela se forçou a voltar à partita ao sair da Chancery Lane e entrar na estreita passagem que levava à Lincoln's Inn e à sua massa entrelaçada de esplendor arquitetônico. Sobrepondo-se ao tamborilar das gotas no guarda-chuva, ouviu o andante em sua cadência animada, no ritmo de quem caminha, marcação rara em Bach, uma bela e alegre melodia sustentada por um baixo em marcha despreocupada, seus próprios passos ao entrar no Great Hall se encaixando na linha melódica miraculosamente radiante. As notas se esforçavam para alcançar um claro significado humano, mas não queriam dizer nada. Eram só beleza, beleza purificada. Ou amor na sua forma mais ampla e mais vaga, amor por todo mundo, indiscriminadamente. Pelas crianças, talvez. Johann Sebastian teve vinte e dois filhos em dois casamentos. Não permitiu que seu trabalho o impedisse de

amar e ensinar, cuidando e compondo para os que sobreviveram. Crianças. O pensamento inevitável retornou ao chegar à fuga exigente que ela dominara por amor ao marido e tocara a toda velocidade sem cometer um só erro, sem deixar de destacar as vozes.

Sim, às vezes sua falta de filhos era uma verdadeira fuga musical — esse o tema costumeiro a que ela agora tentava resistir —, uma forma de escapar de seu legítimo destino. O fracasso em se tornar uma mulher da forma como sua mãe entendia o termo. Como chegara à situação atual era um lento contraponto tocado em dueto com Jack ao longo de duas décadas, as dissonâncias surgindo e depois desaparecendo, sempre reintroduzidas por ela em momentos de alarme, até mesmo de horror, diante da passagem dos anos férteis até que eles se foram de vez, ela quase sempre ocupada demais para perceber.

Uma história mais bem contada rapidamente. Depois dos exames finais, ainda outros exames até sua aceitação como advogada, a aprendizagem prática, um convite afortunado para trabalhar com juristas de prestígio, algum sucesso inicial na defesa de casos sem esperança — como parecera sensato postergar um filho para o começo dos seus trinta anos! E, quando essa idade chegou, vieram ao mesmo tempo casos complexos e que valiam a pena, e mais sucessos. Jack também se mostrava hesitante, argumentando que deviam esperar mais um ou dois anos. Por volta dos trinta e cinco anos, ele dava aulas em Pittsburgh e ela trabalhava catorze horas por dia, penetrando mais fundo no direito de família à medida que minguava a ideia de formar sua própria família, apesar das visitas de sobrinhos e sobrinhas. Nos anos seguintes, os primeiros rumores de que poderia ser precocemente eleita para um cargo na magistratura e para presidir um tribunal. Mas isso não aconteceu, ainda não. E, com quarenta anos, foi tomada pelas ansiedades acerca da gravidez tardia e do autismo. Pouco depois, mais jovens visitantes no apartamento da Gray's Inn Square, sobrinhos-netos e sobrinhas-netas exigentes e barulhentos fazendo-a ver como seria difícil encaixar uma criança no seu padrão de vida. Mais tarde, o arrependimento fazendo-a pensar em adoção, algumas consultas exploratórias — e, no curso dos anos que se sucederam com velocidade crescente, agonias ocasionais de dúvida, decisões firmes no meio da noite de se tornar uma mãe adotiva abandonadas de manhã na correria para o trabalho. Por fim, às nove e meia de uma manhã no Tribunal Real de Justiça, quando prestou juramento perante o presidente do Judiciário e fez seu voto de lealdade diante de duzentos colegas de cabeça coberta pela tradicional peruca branca, vestindo com orgulho uma túnica e sendo objeto de um discurso espirituoso, ela soube que a partida havia terminado, que pertencia à Justiça como outrora algumas mulheres tinham sido noivas de Jesus Cristo.

Cruzou o New Square e se aproximou da livraria Wildy. A música na cabeça cessara, mas agora havia entrado outro velho tema: a autoacusação. Ela era egoísta, mal-humorada, friamente ambiciosa. Perseguindo seus próprios fins,

fingindo a si mesma que sua carreira não constituía em essência uma autogratificação, negando a vida a dois ou três seres afetuosos e talentosos. Caso seus filhos existissem, seria chocante imaginar o contrário. Por isso ali estava sua punição: confrontar o desastre sozinha, sem a presença de filhos crescidos e sensatos telefonando preocupados, abandonando tudo para participar de reuniões urgentes em torno da mesa da cozinha, chamando à razão o idiota do pai, trazendo-o de volta. Mas ela o receberia? Precisaríamos também chamá-la à razão. Os filhos quase existentes, a filha de voz rouca, talvez curadora de algum museu, e o filho talentoso mas não tão bem posicionado, bom em muitas coisas, que não havia terminado a universidade porém era um pianista muito melhor que ela. Ambos sempre afetuosos, brilhantes no Natal e nos castelos onde todos passavam as férias de verão a entreter os parentes mais jovens.

Passou pela frente da Wildy sem se sentir tentada pelos livros de direito na vitrine, cruzou a Carey Street e entrou pela porta dos fundos do tribunal. Percorreu um corredor abobadado, depois outro, subiu um andar pela escada, passou por algumas salas de audiência, desceu de novo, atravessou um pátio e parou ao pé de uma escada para sacudir o guarda-chuva. Aquele lugar sempre a fazia se lembrar da escola, o cheiro ou a sensação de pedra fria e úmida juntamente com uma pontada de medo e excitação. Subiu a escada em vez de pegar o elevador, pisando firme no carpete vermelho ao dobrar à direita em direção ao largo átrio repleto de portas dando acesso aos gabinetes de trabalho de vários magistrados do Tribunal Superior — parecia, ela às vezes achava, aqueles calendários natalinos em que dia a dia se abre mais uma portinhola. Em cada recinto grande e coalhado de livros, seus colegas mergulhavam diariamente em seus casos e julgamentos, um labirinto de detalhes e controvérsias do qual somente certo estilo de gracejo e ironia oferecia alguma proteção. A maioria dos juízes que ela conhecia cultivava um elaborado senso de humor, mas naquela manhã não havia ninguém por lá desejoso de diverti-la — o que agradou a ela. Ela provavelmente era a primeira a chegar. Nada como uma tempestade doméstica para arrancar alguém da cama.

Parou na porta de seu gabinete. Nigel Pauling, correto e hesitante, estava curvado sobre a mesa dela, arrumando vários documentos. Como sempre às segundas-feiras, seguiu-se a troca ritual de perguntas sobre o fim de semana de cada um. O dela havia sido “tranquilo”, disse Fiona ao lhe passar o rascunho revisto da sentença do caso Bernstein.

Ao trabalho. No caso do marroquino, agendado para as dez da manhã, confirmou-se que a menininha havia sido levada para Rabat pelo pai, malgrado suas promessas à corte, sem uma palavra sobre o paradeiro dela, nenhuma palavra vinda do pai, o advogado dele totalmente perdido. A mãe estava recebendo apoio psiquiátrico, mas compareceria perante o tribunal. A ideia era se valer da Convenção da Haia para acionar o Marrocos, por sorte o único país

muçulmano que a havia assinado. Tudo isso foi dito rapidamente por Pauling em tom de quem se desculpa e passando nervosamente a mão pelo cabelo como se fosse o irmão do sequestrador. Pobre mulher pálida e magérrima, professora universitária especializada nas sagas do Butão e dedicada à filha única. A seu modo incorreto, o pai também era dedicado, libertando a filha dos males do Ocidente infiel. Os documentos aguardavam sobre a mesa dela.

As demais tarefas do dia já estavam claras em sua mente. Dirigindo-se à sua mesa, ela perguntou sobre o caso da testemunha de Jeová. Os pais fariam um pedido de emergência para receber assistência jurídica, e a autorização seria expedida à tarde. O rapaz, segundo seu assistente, sofria de uma forma rara de leucemia.

“Vamos dar um nome a ele”, Fiona disse rispidamente, num tom que a surpreendeu.

Quando pressionado por ela, Pauling mostrava-se sempre mais cortês, e até mesmo satírico. Deu, então, mais informações do que ela necessitava.

“Sem dúvida, minha senhora. Adam, Adam Henry, filho único. Os pais se chamam Kevin e Naomi. O sr. Henry é dono de uma pequena empresa. Movimentação de terra, drenagem, esse tipo de coisa. Aparentemente um mestre na condução de escavadeiras mecânicas.”

Depois de vinte minutos sentada à mesa, ela voltou a atravessar o átrio e caminhou por um corredor até o recanto onde estava instalada a máquina de café. Gravada no vidro da máquina, havia uma imagem super-realista e iluminada por dentro de grãos torrados caindo de um jarro em tons marrom e cor de creme, tão vívida na obscuridade do cubículo como um manuscrito com iluminuras. Um *cappuccino* duplo, talvez triplo. Melhor começar a tomar ali mesmo, onde, sem ser perturbada, podia visualizar com repugnância Jack se levantando agora de uma cama diferente para trabalhar, a figura a seu lado semiadormecida, bem servida durante a madrugada, se mexendo em meio aos lençóis grudentos, murmurando o nome dele, chamando-o de volta. Num impulso furioso, pegou o celular, encontrou o número do chaveiro da Gray’s Inn Road, forneceu-lhe o PIN de quatro dígitos e instruções para que a fechadura fosse trocada. Claro, minha senhora, imediatamente. Eles tinham os dados da fechadura atual. As novas chaves deveriam ser entregues ainda hoje no Strand a ela e a mais ninguém. Depois, em rápida sequência, pois temia mudar de ideia, com o copo de plástico quente na mão livre, telefonou para o zelador do seu edifício, um sujeito rude mas bonachão, para lhe dizer que esperasse a chegada de um chaveiro. Foi má, e sentiu-se bem em ser má. Ele devia pagar um preço por abandoná-la, e ali estava, ser exilado, pedir licença para ter acesso à sua vida anterior. Ela não lhe permitiria o luxo de possuir dois endereços.

Voltando pelo corredor com seu copo, já refletia sobre sua ridícula transgressão, impedir ao marido o acesso a que ele tinha direito, uma das

atitudes-chavão das crises conjugais que qualquer advogado aconselharia seu cliente — geralmente a mulher — a não adotar sem a devida autorização judicial. Uma vida profissional transcorrida acima das contendas, primeiro como advogada e depois como juíza, comentando com altivez em particular sobre a agressividade e a irracionalidade dos casais em processo de divórcio, e agora lá estava ela em meio ao turbilhão, nadando com as outras naquela triste corrente.

Esses pensamentos foram subitamente interrompidos. Ao entrar no amplo átrio, viu o juiz Sherwood Runcie na porta do gabinete dele, esperando por ela, esfregando as mãos como um vilão de teatro a indicar que tinha algo para lhe dizer. Ele era um especialista nos rumores de última hora que circulavam pelos tribunais, normalmente corretos, e se comprazia em passá-los adiante. Um dos poucos, senão o único, colega que ela preferia evitar, e não porque fosse antipático. Tratava-se de fato de um homem charmoso, que dedicava todas as suas horas de lazer a uma instituição de caridade que fundara havia muito tempo na Etiópia. Mas para Fiona aquele contato era embaraçoso porque, quatro anos antes, ele julgara um caso de homicídio que ainda era difícil contemplar e doloroso demais para não comentar, como seria seu dever. Isso num bravo mundinho, numa aldeia, onde era comum se esquecer dos enganos cometidos pelos outros, onde todos tinham, de vez em quando, uma sentença vigorosamente derrotada no Tribunal de Recursos, recebendo repreensões em matéria legal. Mas aquele fora um dos maiores erros judiciais dos tempos modernos. E Sherwood! Tão inexplicavelmente crédulo diante de um perito que nada entendia de matemática e em cujo testemunho se baseou, a fim de, para surpresa e horror de todos, condenar à prisão, pelo assassinato de seus filhos, uma mãe inocente e enlutada. Ela foi agredida na penitenciária, perseguida pelas outras detentas e demonizada pela imprensa sensacionalista. Seu primeiro recurso foi indeferido e, quando por fim conquistou a liberdade que lhe era certamente devida, tombou vítima do álcool, que a matou.

A estranha lógica que conduziu àquela tragédia ainda era capaz de manter Fiona acordada à noite. Segundo se afirmou no tribunal, a probabilidade de uma criança morrer da síndrome da morte súbita infantil era de um em nove mil. Assim, de acordo com o perito da acusação, a probabilidade de que dois irmãos morressem desse modo era aquele número ao quadrado. Um em oitenta e um milhões. Quase impossível, por isso a mãe devia ter alguma responsabilidade pelas mortes. O mundo do lado de fora do tribunal ficou perplexo. Se a causa da síndrome fosse genética, as crianças compartilhavam uma causa. Se fosse ambiental, também. Se fosse genética e ambiental, também a compartilhavam. Em compensação, qual era a probabilidade de dois bebês de uma família estável de classe média serem assassinados pela mãe? Mas os enraivecidos teóricos da probabilidade, estatísticos e epidemiologistas não tiveram condições de intervir.

Em momentos de desânimo com relação ao processo jurídico, bastava a

ela lembrar o caso de Martha Longman e o erro de Runcie para confirmar um sentimento passageiro de que o direito, por mais que Fiona a amasse, era, no que ele tinha de pior, não um asno, mas uma cobra, uma serpente venenosa. Não bastasse isso, Jack se interessou pelo caso e se valia dele quando as coisas não iam bem entre os dois, criticando veementemente a profissão dela e seu envolvimento com o Judiciário, como se ela própria houvesse proferido a sentença.

Mas quem poderia defender o Judiciário depois que o primeiro recurso de Longman foi indeferido? O caso foi uma impostura desde o início. O patologista, assim se verificou, inexplicavelmente reteve provas cruciais sobre uma agressiva infecção bacteriana na segunda criança. A polícia e a promotoria da Coroa se mostraram illogicamente ansiosas para obter uma condenação, a classe médica foi enxovalhada pela comprovação de que seu representante, assim como todo o sistema, aquela turba descuidada de profissionais, levou uma mulher bondosa, uma arquiteta bem conceituada, à perseguição, ao desespero e à morte. Confrontado com opiniões conflitantes de várias testemunhas com alta capacitação médica sobre as causas da morte das crianças, o sistema Judiciário estupidamente optou por um veredito de culpa em vez de adotar uma postura de ceticismo e incerteza. Runcie era, todos concordavam, um sujeito extremamente simpático e, como o passado mostrava, um juiz competente e trabalhador. No entanto, quando Fiona ouviu dizer que o patologista e o médico estavam de volta ao trabalho, ela não se conteve. O caso lhe dava ânsias de vômito.

Runcie estava erguendo a mão para cumprimentá-la e ela não tinha outra alternativa senão parar diante dele e ser afável.

“Minha querida.”

“Bom dia, Sherwood.”

“Li uma anedota maravilhosa no novo livro de Stephen Sedley. Bem ao seu estilo. É de um julgamento em Massachusetts. Um advogado insistente demais pergunta a um patologista se ele está mesmo convencido de que certo paciente estava morto antes de ser iniciada a autópsia. O patologista diz que estava mesmo certo. Ah, mas como o senhor pode estar tão certo? Porque, responde o patologista, o cérebro dele se encontrava num recipiente em cima da minha mesa. Mas, retoma o advogado, o paciente ainda poderia estar vivo apesar disso? Bom, foi a resposta, é possível que ele estivesse vivo e atuando como advogado em algum lugar.”

Mesmo enquanto explodia de rir de sua própria história, os olhos de Runcie estavam fixados nos dela para ver se sua hilaridade era correspondida. Ela fez o possível. Piadas sobre a profissão eram as de que seus praticantes mais gostavam.

Instalada por fim em seu gabinete de trabalho com o café agora morno, ela passou a se dedicar à questão da criança levada para fora do país. Fingiu não

reparar que Pauling, do outro lado da sala, limpava a garganta para dizer alguma coisa; depois ele pensou melhor e desapareceu. Em certo momento, suas preocupações também desapareceram enquanto se obrigava a prestar atenção nos depoimentos, e começou a ler rapidamente.

Todos no tribunal se levantaram quando ela entrou, às dez em ponto. Ouviu o advogado da mãe atormentada, que solicitava o retorno de sua filha com base na Convenção da Haia. Quando o advogado do marido marroquino se pôs de pé a fim de tentar convencer Fiona sobre certa ambiguidade nas promessas de seu cliente, ela o interrompeu.

“Eu esperava vê-lo envergonhado com o comportamento de seu cliente, sr. Soames.”

A questão era técnica, absorvente. O corpo delgado da mãe continuava parcialmente oculto atrás do advogado, parecendo se encolher ainda mais à medida que os argumentos se tornavam mais abstratos. Era provável que, encerrada a sessão, Fiona jamais voltasse a vê-la. O triste caso seria levado a um juiz marroquino.

Ouviu depois o pedido urgente em favor de uma esposa que necessitava de recursos para se sustentar enquanto o processo corria na Justiça. Ela ouviu, fez perguntas, deferiu o pedido. Queria ficar sozinha na hora do almoço. Pauling lhe trouxe sanduíches e uma barra de chocolate para ela comer à mesa de trabalho. O telefone estava debaixo de alguns papéis e por fim ela cedeu, procurando na telinha alguma mensagem ou chamada não atendida. Nada. Disse a si mesma que não se sentia desapontada nem aliviada. Bebeu chá e se permitiu dez minutos para ler os jornais. Muitas matérias sobre a Síria, artigos e fotos pavorosas: o governo bombardeando civis, refugiados nas estradas, condenações impotentes de ministros das Relações Exteriores do mundo todo, um menino de oito anos numa cama com o pé esquerdo amputado, um estiolado Assad de queixo pequeno apertando a mão de um alto funcionário russo, rumores sobre o uso de gás asfixiante.

Havia horrores ainda maiores em outras partes, mas após o almoço ela teve de confrontar algumas variedades locais. Rejeitou a petição feita sem consulta à outra parte pela qual se buscava expulsar um marido do lar conjugal. A apresentação foi demasiada longa e as piscadelas nervosas do advogado com ar de coruja a irritaram ainda mais.

“Por que o senhor está fazendo isso sem uma notificação prévia? Não vejo nada na documentação que tornasse isso necessário. Que contato o senhor tentou estabelecer com a outra parte? Nenhum, tanto quanto posso ver. Se o marido concordar em se comprometer com sua cliente, o senhor realmente não devia estar me incomodando com isso. Se ele não concordar, então faça uma nova petição e eu ouvirei os dois lados.”

A sessão foi encerrada, ela saiu a passos largos. Voltou para ouvir os

argumentos a favor e contra uma ordem de restrição de movimentos solicitada por um homem que temia ser agredido pelo companheiro de sua ex-mulher. Muitos debates legais sobre os antecedentes criminais do indivíduo, mas, como se referiam a fraude e não a agressão física, ela afinal indeferiu o pedido. Um termo de compromisso seria suficiente. Uma xícara de chá no gabinete, de volta mais uma vez para ouvir a solicitação urgente de uma mãe em processo de divórcio a fim de que os passaportes dos três filhos fossem retidos pela Justiça. Fiona se inclinava a deferir o pedido, mas se recusou a fazê-lo depois de tomar conhecimento das complicações que isso poderia causar.

Retornou a seu gabinete às cinco e quarenta e cinco da tarde. Sentou-se à sua mesa, olhando fixamente para a estante de livros. Teve um sobressalto quando Pauling entrou, imaginando que tinha cochilado. Ele informou que o caso da testemunha de Jeová havia atraído um grande interesse da imprensa. A maioria dos matutinos do dia seguinte publicaria a história. Nos sites dos jornais, havia retratos do rapaz e de sua família. Os próprios pais podiam ter fornecido as fotos, ou um parente grato por poder fazer um dinheirinho. O assistente entregou a Fiona os documentos sobre o caso e um envelope pardo que tilintou misteriosamente quando ela o abriu. Uma carta-bomba de um demandante frustrado? Já acontecera antes, quando um artefato precário, montado por um marido enraivecido, falhou e não explodiu nas mãos de seu antigo assistente. Mas, claro, eram as novas chaves, abrindo caminho para sua outra vida, para sua existência transformada.

Meia hora depois, ela rumou para essa nova vida, mas utilizando um trajeto mais longo porque relutava em chegar ao apartamento vazio. Saiu pela porta principal e caminhou para oeste no Strand rumo ao teatro Aldwych, indo depois para o norte ao longo da Kingsway. Céu plúmbeo, a chuva quase parando, os transeuntes da hora do rush das segundas-feiras menos numerosos que de hábito. Expectativa de mais uma daquelas tardes de verão sombrias e longas demais, com nuvens baixas. A escuridão total a serviria melhor. Ao passar por um chaveiro, seu coração bateu mais forte quando imaginou uma discussão em voz alta com Jack por causa do bloqueio, cara a cara na praça sob as árvores gotejantes e ao alcance do ouvido dos vizinhos, que também eram colegas seus. Ela não teria razão.

Dobrou para o leste, passou pela London School of Economics, contornou o Lincoln's Inn Fields, atravessou a High Holborn e então, para postergar a chegada à casa, tomou outra vez a direção oeste, passando por ruas estreitas onde em meados da era vitoriana havia oficinas artesanais e agora cabeleireiros, lojas com portas de ferro, bares onde se vendiam sanduíches. Atravessou o Red Lion Square, passando pelas mesas e cadeiras de alumínio do café do parque, agora molhadas e vazias, e pelo Conway Hall, onde uma pequena multidão estava reunida na entrada, pessoas decentes e com ar cansado, de cabelo branco, talvez

quacres, prontos para uma noitada de protestos contra o ponto a que as coisas haviam chegado. Mas pertencer ao sistema judiciário, com todo o seu acervo histórico, punha alguém mais próximo às coisas como elas eram. Mesmo se resistisse ou negasse. Mais de meia dúzia de convites com letras em relevo se encontravam sobre a mesa de castanheira polida no vestíbulo do apartamento. Tribunais Superiores, universidades, instituições de caridade, várias sociedades reais e conhecidos de proeminência convidavam Jack e Fiona Maye, os dois transformados ao longo dos anos numa instituição em miniatura, para se apresentarem com suas melhores roupas e abrilhantarem algum evento com sua presença, onde comeriam, beberiam e conversariam até voltarem para casa antes da meia-noite.

Seguiu vagarosamente pela Theobald's Road, ainda adiando o momento da volta, perguntando-se de novo se não era uma forma moderna de respeitabilidade que ela havia perdido em vez do amor, se não eram o desprezo e o ostracismo aquilo que temia, como nos romances de Flaubert e de Tolstói, e sim a piedade. Ser objeto de uma piedade generalizada também era uma forma de morte social. O século XIX estava mais próximo do que a maioria das mulheres imaginava. Ser flagrada desempenhando um papel naquele lugar-comum significava mau gosto, mais que um deslize moral. Marido impaciente envolvido num último romance, mulher corajosa mantendo sua dignidade, mulher mais jovem distante e sem culpa. E ela havia pensado que seus dias como atriz haviam terminado num gramado em pleno verão, pouco antes de se apaixonar.

No final das contas, chegar em casa não foi assim tão difícil. De vez em quando ela voltava do trabalho antes de Jack, e se surpreendeu por se sentir aliviada ao penetrar na semiobscuridade de santuário do vestíbulo com seu cheiro de cera de lavanda, fazendo um pouco de conta que nada mudara ou que estava prestes a voltar ao normal. Antes de acender as luzes, se desfez da bolsa e prestou atenção. O aquecimento central tinha sido acionado pela friagem do verão. Agora, ao resfriarem, os radiadores estalavam em ritmos irregulares. Ouviu o som tênue de música orquestral vindo de algum apartamento num andar inferior, Mahler, *langsam und ruhig*. Menos tênue, um tordo canoro repetia pedantemente cada frase ornamental, o som chegando nítido pela chaminé. Em seguida, percorreu os quartos, acendendo as luzes, embora não fossem ainda nem sete e meia. De volta ao vestíbulo para pegar a bolsa, notou que o chaveiro não havia deixado o menor sinal de sua visita. Nem mesmo uma raspa de madeira. E por que haveria de deixar algo assim se apenas mudara o tambor da fechadura? E por que ela devia se importar? Mas a falta de algum sinal de sua passagem por ali era uma lembrança da ausência de Jack, um empurrãozinho para baixo no moral dela. A fim de neutralizar isso, levou os documentos para a cozinha e passou os olhos por um dos casos do dia seguinte enquanto esperava que a água do chá fervesse.

Poderia ter telefonado para uma das três amigas, porém não se sentia capaz de se ouvir explicando a situação e a tornando irreversivelmente real. Cedo demais para comiseração ou conselhos, cedo demais para ouvir Jack execrado por amigas leais. Em vez disso, passou a noite se sentindo vazia, entorpecida. Comeu pão, queijo e azeitonas com um copo de vinho branco, e ficou um bom tempo no piano. Primeiro, num gesto de desafio, tocou a partita de Bach. Às vezes ela acompanhava um advogado, Mark Berner, tendo visto naquela tarde que ele, no dia seguinte, ia representar o hospital no caso da testemunha de Jeová. O próximo concerto deles seria dali a muitos meses, pouco antes do Natal, no Great Hall da Gray's Inn, e precisavam ainda acertar o programa. Mas, como tinham algumas peças decoradas para atender aos pedidos de bis, ela repassou todas imaginando a parte do tenor, demorando-se na triste canção de Schubert “Der Leiermann”, o tocador de realejo que é pobre, infeliz e desprezado. Quando finalmente se levantou da banquetta, seus joelhos e quadris estavam duros. No banheiro, mordeu metade de um sonífero, olhou fixamente para o resto irregular em sua mão e o engoliu também.

Vinte minutos depois estava deitada no seu lado da cama ouvindo com olhos cerrados o noticiário do rádio, o aviso aos navegantes, o hino nacional e depois as notícias internacionais. Enquanto esperava pelo esquecimento que viria com o sono, ouviu o noticiário pela segunda e possivelmente pela terceira vez, as vozes calmas discutindo a selvageria do dia — homens-bomba em logradouros apinhados no Paquistão e no Iraque, o bombardeio de blocos de apartamentos na Síria, a guerra do Islão consigo próprio conduzida em meio a carros retorcidos e prédios destroçados, pedaços de corpos sendo atirados de um lado ao outro de mercados de rua, gente simples chorando de tristeza, em estado de choque. Mais tarde, as vozes passaram a discutir os aviões não tripulados norte-americanos no Vaziristão, o sangrento ataque que atingira uma festa de casamento. Enquanto vozes racionais continuaram a soar noite adentro, ela se enroscou para dormir um sono agitado.

A manhã transcorreu como centenas de outras. Petições, requerimentos rapidamente assimilados, arrazoados ouvidos, sentenças proferidas, ordens expedidas, Fiona se movendo entre seu gabinete e o tribunal, encontrando colegas pelo caminho, algo até mesmo festivo em suas rápidas trocas de palavras, o assistente anunciando com voz cansada que todos se levantassem, seu aceno de cabeça quase imperceptível para o primeiro advogado, suas piadinhas ocasionais recebidas pelos advogados de ambas as partes com manifestações bajulatórias que não chegavam a ocultar sua insinceridade, e os litigantes, se fossem um casal se divorciando, como eram todos naquela manhã de terça-feira, sentados bem longe um do outro, por trás de seus defensores e em nada inclinados a sorrir.

E o estado de espírito dela? Fiona se achava razoavelmente capaz de monitorá-lo, defini-lo, e percebeu uma mudança significativa. No dia anterior, concluiu, estivera em estado de choque, com uma postura irreal de aceitação, preparada para se dizer que, na pior das hipóteses, teria de suportar a comisseração da família e dos amigos, além de um grave inconveniente social — aqueles convites com letras em relevo a serem recusados enquanto esperava esconder seu embaraço. Naquela manhã, ao acordar com uma parte fria da cama à sua esquerda — uma forma de amputação —, ela sentiu a primeira dor convencional do abandono. Pensou no que Jack tinha de melhor e sentiu saudade, os tornozelos ossudos e cabeludos dele pelos quais, semiadormecida, ela deixava que a sola macia de seu pé deslizesse ao primeiro assalto do despertador, quando rolava por cima do braço estendido dele e modorrava debaixo do calor do edredom, o rosto contra o peito de Jack, até a segunda chamada do despertador. Aquela entrega total, em que se sentia como uma criança antes de pular da cama para vestir a armadura de mulher adulta, pareceu ao despertar uma necessidade básica da qual estava sendo privada. Quando chegou ao banheiro e despiu o pijama, achou seu corpo grotesco ao se ver no espelho. Milagrosamente encolhido em algumas partes, inchado em outras. Traseiros pesados. Um pacote ridículo. Frágil. Este lado para cima. Por que alguém não a abandonaria?

O ato de se lavar, vestir e tomar café, além de deixar um bilhete e uma chave nova para a sua diarista, a fizeram pôr sob controle esses sentimentos pungentes. E assim ela iniciou sua manhã, procurou pelo marido em e-mails, mensagens de texto e cartas, não encontrou nada, juntou seus documentos, o guarda-chuva e o celular, e foi caminhando para o trabalho. O silêncio dele lhe pareceu cruel e a chocou. Ela sabia apenas que Melanie, a especialista em estatística, morava pelos lados de Muswell Hill. Não era impossível localizá-la ou procurar por Jack na universidade. Mas que humilhação seria dar de cara com ele num corredor, caminhando em sua direção de braços dados com a amante. Ou encontrá-lo a sós. O que ela poderia fazer senão uma proposta inútil e ignominiosa para que ele voltasse? Poderia exigir uma confirmação de que abandonara o casamento, e ele lhe diria o que ela já sabia e não desejava ouvir. Por isso iria esperar até que determinado livro, camisa ou raquete de tênis o atraísse de volta ao apartamento trancado. Então caberia a ele procurá-la e, quando conversassem, ela estaria em seu território, a dignidade intacta — ao menos externamente.

Não perceptível, porém seu moral estava baixo quando iniciou a lista de terça-feira. O último caso da manhã foi prolongado por um complexo debate sobre a lei de comércio. Um marido que se divorciava alegava que não podia dispor dos três milhões de libras que fora obrigado a pagar à esposa. Pertenciam à empresa. Tornou-se claro, embora lentamente demais, que ele era o único executivo e o único empregado de uma firma que nunca fizera nada — uma

folha de figueira para ocultar um arranjo fiscal que o beneficiava. Fiona decidiu em favor da esposa. A tarde agora estava livre para a petição de emergência do hospital no caso da testemunha de Jeová. De novo em seu gabinete, ela comeu um sanduiche e uma maçã sentada à sua mesa enquanto lia os arrazoados. Naquela hora seus colegas almoçavam esplendidamente no restaurante da Lincoln's Inn. Quarenta minutos depois, um pensamento iluminador a acompanhou ao caminhar para a sala de audiência número 8. Ali a questão era de vida e morte.

Ela entrou, todos se puseram de pé; sentou-se e observou enquanto as partes se acomodavam abaixo de onde ela se encontrava. Perto de seu cotovelo havia um pequeno monte de papéis cor de creme, ao lado do qual depositou sua caneta. Foi só então, ao ver aquelas folhas em branco, que os últimos vestígios, as marcas de sua própria situação desapareceram por completo. Ela não tinha mais uma vida privada, estava pronta para ser absorvida.

À sua frente estavam as três partes. Representando o hospital, seu amigo Mark Berner e dois outros advogados. Representando Adam Henry e seu guardião, o funcionário do serviço de assistência da Vara de Família, um advogado idoso, John Tovey, que Fiona não conhecia, e outro causídico. Representando os pais, Leslie Grieve, outro advogado especializado em defender causas perante os tribunais, e dois colegas. Sentados ao lado deles, estavam o sr. e a sra. Henry. Ele era um homem magro e musculoso, de tez morena, vestindo um terno bem cortado e gravata que o fariam passar por um exitoso membro do Judiciário. A sra. Henry tinha ossos largos e usava enormes óculos de aros vermelhos que reduziam seus olhos a dois pontinhos. Estava sentada com as costas retas, os braços cruzados bem junto ao corpo. Nenhum dos dois parecia em nada intimidado. Nos corredores, Fiona supôs, os jornalistas se reuniam para aguardar, até que ela lhes permitisse ouvir sua decisão.

Ela começou: “Todos os senhores sabem que estamos diante de uma matéria de extrema urgência. O tempo é essencial. Peço-lhes que tenham isso em mente e sejam breves, apresentando seus argumentos sem digressões. Sr. Berner”.

Inclinou a cabeça na direção dele, que se ergueu. Berner era totalmente calvo, corpulento e de pés delicados — tamanho 38, se dizia — que eram alvo de gozação pelas suas costas. Possuía uma boa voz de tenor, e o melhor momento dos dois juntos tinha sido no ano anterior, quando executaram a canção de Schubert “Der Erlkönig” num jantar no apartamento da Gray's Inn em homenagem a um eminente magistrado que se aposentava e devotava grande paixão a Goethe.

“Eu realmente serei breve, Meritíssima, pois, como a senhora apontou, a situação é urgente. O demandante no caso é o Hospital Geral Edith Cavell, de Wandsworth, que pede a autorização desta corte para tratar de um rapaz,

identificado nos autos como A, que completará dezoito anos em menos de três meses. No dia 14 de maio, ele sentiu fortes dores no estômago, quando colocava seus protetores de perna para jogar como primeiro rebatedor do time de críquete de sua escola. Nos dois dias seguintes, as dores se tornaram violentas, até mesmo insuportáveis.”

“Eu li os documentos, sr. Berner.”

O advogado continuou. “Desse modo, Meritíssima, acredito que todas as partes concordam que Adam está sofrendo de leucemia. O hospital deseja tratá-lo da forma usual, com quatro medicamentos, um procedimento terapêutico reconhecido universalmente e adotado por hematologistas, como posso comprovar...”

“Não é necessário, sr. Berner.”

“Obrigado, Meritíssima.”

Berner prosseguiu rapidamente, descrevendo o curso normal do tratamento sem que Fiona intervisse. Dois dos quatro medicamentos atacavam diretamente as células da leucemia, enquanto os outros dois atingiam em particular a medula óssea, afetando assim o sistema autoimune e sua capacidade de produzir hemácias, leucócitos e plaquetas. Em consequência, é comum fazer transfusões de sangue durante o tratamento. Neste caso, contudo, o hospital foi impedido de fazê-lo. Adam e seus pais são testemunhas de Jeová e, segundo sua crença, não podem aceitar produtos derivados de sangue em seus corpos. Exceto por isso, o rapaz e seus pais concordavam com todo o tratamento que o hospital pudesse oferecer.

“E o que foi oferecido?”

“Meritíssima, em respeito aos desejos da família, apenas foram administrados os medicamentos específicos para leucemia. Eles não são considerados suficientes. Neste ponto, gostaria de passar a palavra ao hematologista que nos tem prestado orientação.”

“Muito bem.”

O sr. Rodney Carter sentou-se no banco das testemunhas e prestou juramento. Alto, encurvado, ar severo, grossas sobrancelhas brancas sob as quais seus olhos faiscavam com feroz desdém. Um lenço de seda azul despontava do bolso superior do paletó de seu terno cinza-pálido, com um colete do mesmo tecido. Dava a impressão de considerar o procedimento judicial um absurdo e que o rapaz deveria ser levado imediatamente pelo cangote para receber a transfusão.

Seguiram-se as perguntas de praxe para estabelecer a capacitação de Carter, sua experiência e tempo de serviço. Quando Fiona limpou a garganta baixinho, Berner entendeu o sinal e prosseguiu, pedindo ao médico que resumisse o estado do paciente para conhecimento da juíza.

“Nem um pouquinho bom.”

Foi-lhe solicitado que explicasse melhor.

Carter respirou fundo, olhou em volta, viu os pais e virou o rosto. Seu paciente estava fraco, ele disse, e, como era de esperar, mostrando os primeiros sinais de falta de ar. Se ele, Carter, tivesse liberdade de conduzir o tratamento, via de uns oitenta a noventa por cento de probabilidade de uma cura total. Mantidas as atuais circunstâncias, as chances eram muito remotas.

Berner solicitou dados precisos sobre o sangue de Adam.

Quando o rapaz foi internado, disse Carter, a contagem de hemoglobina era de 8,3 gramas por decilitro, sendo o padrão algo em torno de 12,5. Ela declinara seguidamente. Três dias antes chegara a 6,4. Na manhã de hoje, era de 4,5. Se caísse ainda mais, para 3, a situação se tornaria extremamente grave.

Mark Berner estava prestes a fazer outra pergunta, mas Carter foi adiante.

“A contagem de glóbulos brancos se situa em geral entre 5 e 9. Agora está em 1,7. Quanto às plaquetas...”

Fiona o interrompeu. “O senhor poderia, por favor, nos lembrar qual a função delas?”

“Necessárias para a coagulação, Meritíssima.”

O padrão, o consultor explicou ao tribunal, era 250. A contagem do rapaz, 34. Abaixo de 20 era provável que ocorresse um sangramento espontâneo. Nesse ponto, o sr. Carter afastou um pouco os olhos, parecendo encarar os pais. “O último exame”, disse em tom grave, “nos mostra que não está sendo produzido nenhum sangue novo. O que se espera é que um adolescente saudável produza quinhentos bilhões de células sanguíneas por dia.”

“E se a transfusão pudesse ser feita, sr. Carter?”

“O rapaz teria uma chance decente. Embora não tão boa quanto se houvesse recebido a transfusão desde o começo.”

Berner fez uma breve pausa e, quando voltou a falar, baixou a voz, como se dramatizasse a possibilidade de Adam Henry ouvi-lo. “O senhor conversou com o seu paciente sobre o que lhe acontecerá se ele não receber a transfusão?”

“Somente de forma muito geral. Ele sabe que pode morrer.”

“Ele não tem ideia de como morreria. O senhor se importa de dizer à corte como isso se daria?”

“Se o senhor quiser.”

Berner e Carter pareciam estar conspirando a fim de trazer os fatos horríveis ao conhecimento dos pais. Era uma abordagem razoável e Fiona não interferiu.

Carter disse lentamente: “Vai ser angustiante, não apenas para ele mas também para a equipe médica que o vem tratando. Alguns profissionais estão bem furiosos. Eles fazem transfusões de forma rotineira, o dia todo. Simplesmente não conseguem entender por que devem aceitar o risco de perder esse paciente. Uma característica de seu declínio será a luta para respirar, uma

luta que vai lhe causar pânico e que ele está fadado a perder. Terá a sensação de estar se afogando muito devagar. Antes disso, pode sofrer hemorragias internas. O colapso dos rins é uma possibilidade. Alguns pacientes perdem a visão. Ou ele pode ter um derrame cerebral, com uma série de consequências neurológicas. Nenhum caso é igual ao outro. A única coisa certa é que seria uma morte horrível”.

“Obrigado, sr. Carter.”

Leslie Grieve levantou-se para interrogá-lo, representando os pais. Fiona conhecia Grieve um pouco por sua boa reputação, mas naquele momento não se recordava se ele já havia se apresentado diante dela. Tinha visto sua atuação em outros tribunais — jeito de dândi, cabelo prateado repartido no meio, maçãs do rosto salientes, nariz fino e comprido com narinas que lhe davam um ar arrogante. Seus braços e pernas tinham uma liberdade de movimento que contrastava agradavelmente com os gestos contidos de seus colegas mais solenes. Todo esse efeito impressionante e alegre era atrapalhado por um problema de visão, uma espécie de estrabismo que o fazia parecer nunca estar olhando para onde seu rosto apontava. Essa deficiência contribuía para o fascínio que ele exercia. Ela às vezes desorientava testemunhas que estavam sendo interrogadas, e agora podia ser a causa da irritabilidade do médico.

Grieve disse: “O senhor concorda, não é mesmo, sr. Carter, que a liberdade de escolha do tratamento médico constitui um direito fundamental de todo adulto?”.

“Concordo.”

“E que o tratamento sem consentimento representaria uma violação da pessoa, na verdade uma agressão a essa pessoa.”

“De acordo.”

“E Adam está prestes a se transformar num adulto, tal como a lei o define.”

Carter disse: “Se ele fizesse dezoito anos amanhã de manhã, ainda não teria atingido a maioridade hoje”.

Isso foi dito com veemência. Grieve não perdeu a serenidade. “Adam é quase um adulto. Não é fato que manifestou sua opinião sobre o tratamento de modo inteligente e bem articulado?”

Neste ponto, os ombros caídos do médico se endireitaram e ele cresceu alguns centímetros. “As opiniões dele são as de seus pais. Não são dele. Sua recusa em receber a transfusão é baseada nas doutrinas de uma seita religiosa para a qual ele pode muito bem se tornar um mártir à toa.”

“Seita é uma palavra forte, sr. Carter”, disse Grieve sem se alterar. “O senhor tem alguma crença religiosa?”

“Sou anglicano.”

“A Igreja anglicana é uma seita?”

Fiona ergueu os olhos do papel onde tomava notas. Grieve entendeu o gesto dela franzindo os lábios e fazendo uma pausa para respirar fundo. O médico dava a impressão de estar prestes a se levantar do banco, mas o advogado não acabara sua arguição.

“O senhor tem conhecimento de que a Organização Mundial de Saúde estima que entre quinze e vinte por cento dos novos casos de aids são causados por transfusões de sangue?”

“Nenhum desses casos ocorreu no meu hospital.”

“As comunidades hemofílicas de vários países viveram uma tragédia com a infecção de aids em larga escala, não é verdade?”

“Isso aconteceu há bastante tempo e não acontece mais.”

“E outras infecções são possíveis por causa da transfusão, não é verdade? Hepatite, doença de Lyme, malária, sífilis, doença de Chagas, rejeição de tecidos, doenças pulmonares. E, obviamente, a nova variante da doença de Creutzfeldt-Jakob.”

“Todas raríssimas.”

“Mas que sabidamente ocorrem. E há também as reações hemolíticas em virtude de grupos sanguíneos incompatíveis.”

“Também raras.”

“Verdade? Deixe-me citar, sr. Carter, um trecho do altamente respeitado *Manual de conservação do sangue*: ‘Há pelo menos vinte e sete estágios entre a coleta de uma amostra de sangue e sua transfusão no paciente, existindo certo potencial de erro em cada estágio do processo’.”

“Nosso pessoal é muito bem treinado e cuidadoso. Não me recordo de uma única reação hemolítica em anos.”

“Levando em conta todos esses riscos, o senhor não diria que eles são o suficiente para que uma pessoa racional tenha suas hesitações, sr. Carter, sem que essa pessoa precise ser membro do que o senhor chama de seita?”

“Hoje em dia, os produtos derivados de sangue são testados de modo extremamente rigoroso.”

“Apesar disso, não seria de todo irracional hesitar antes de aceitar uma transfusão.”

Carter refletiu por um momento. “Hesitar talvez seja possível. Mas recusar, num caso como o de Adam, seria irracional.”

“O senhor admite que a hesitação é razoável. Sendo assim, certamente não seria absurdo, à luz de todas as possibilidades de infecção e erro, que o paciente insistisse em que se procurasse obter seu consentimento.”

O médico deixou entrever o esforço que fazia para se controlar. “O senhor está jogando com as palavras. Se não me for permitido fazer a transfusão nesse paciente, ele pode não se recuperar. No mínimo, poderá ficar cego.”

Grieve disse: “Dados os riscos, não haverá um modismo imprudente na

sua profissão em favor das transfusões? Não há provas factuais que as sustentem, não é fato, sr. Carter? É como as sangrias de antigamente, embora, é claro, agora ao contrário. Os pacientes que perdem cento e sessenta mililitros de sangue durante uma cirurgia recebem rotineiramente uma transfusão, não é verdade? No entanto, um doador cede três vezes esse volume e vai trabalhar sem que isso lhe cause o menor malefício”.

“Não posso comentar sobre a opinião clínica das outras pessoas. A opinião geral, eu suponho, é que um paciente enfraquecido pela cirurgia deveria ter todo o sangue que Deus lhe concedeu.”

“Não é fato que os pacientes que são testemunhas de Jeová recebem agora um tratamento chamado cirurgia sem sangue que tornou desnecessárias as transfusões? Permita-me citar uma frase do *American Journal of Otolaryngology*: ‘A cirurgia sem sangue passou a representar um boa prática, sendo perfeitamente possível que no futuro venha a ser aceita como o tratamento-padrão’.”

O médico se mostrou indiferente. “Não estamos falando aqui de cirurgia. Este paciente precisa de sangue porque seu tratamento o impede de produzi-lo normalmente. Simples assim.”

“Obrigado, sr. Carter.”

Grieve se sentou e John Tovey, que era o advogado de Adam Henry e parecia necessitar do apoio de uma bengala com cabo de prata, se pôs de pé, ofegante, para arguir o médico.

“O senhor sem dúvida passou algum tempo conversando a sós com Adam.”

“Sim.”

“Que impressão teve de sua inteligência?”

“É um rapaz extremamente inteligente.”

“Ele sabe se expressar bem?”

“Sim.”

“Seu raciocínio e sua cognição estão afetados pelo seu estado de saúde?”

“Ainda não.”

“O senhor sugeriu que ele necessita de uma transfusão?”

“Sim.”

“E qual foi a resposta dele?”

“Ele se recusa terminantemente por causa de sua religião.”

“O senhor sabe qual é a idade exata dele em anos e meses?”

“Dezessete anos e nove meses.”

“Obrigado, sr. Carter.”

Berner levantou-se para fazer a arguição.

“Sr. Carter, poderia nos dizer mais uma vez há quanto tempo é especialista em hematologia?”

“Há vinte e sete anos.”

“Quais são os riscos de uma reação adversa numa transfusão de sangue?”

“Muito baixos. Nada comparado com o mal inevitável que será feito neste caso por não ocorrer a transfusão.”

Berner indicou que não tinha mais nada a perguntar.

Fiona disse: “Na sua opinião, sr. Carter, quanto tempo temos para resolver essa questão?”.

“Se não se puder dar sangue a esse rapaz até amanhã de manhã, entraremos em um território muito perigoso.”

Berner se sentou. Fiona agradeceu ao médico, que se afastou com um breve aceno de cabeça, talvez desgostoso, para a juíza. Grieve se pôs de pé e disse que chamaria imediatamente o pai. No banco de testemunhas, o sr. Henry perguntou se poderia fazer o juramento usando a tradução moderna da Bíblia. O funcionário da corte lhe disse que só tinham a versão do rei Jaime. O sr. Henry concordou com a cabeça e fez o juramento, passando então a olhar pacientemente na direção de Grieve.

Kevin Henry media um metro e sessenta e oito, parecendo tão flexível e forte quanto um trapezista. Podia de fato ser habilidoso no manejo de uma escavadeira mecânica, mas dava a impressão de estar igualmente à vontade em seu elegante terno cinza com gravata de seda verde-clara. O propósito das perguntas de Leslie Grieve foi permitir que ele relatasse seu começo difícil e o desabrochar posterior de uma família amorosa, estável e feliz. Quem poderia duvidar disso? Os dois haviam se casado cedo, dezessete anos antes, quando tinham dezenove anos. No duro início de vida em comum, Kevin trabalhava como operário braçal. Era “um pouco doidivanas”, bebia demais, tratava mal sua mulher, Naomi, embora nunca tivesse batido nela. Foi mandado embora do emprego porque com frequência chegava tarde demais. O aluguel vivia atrasado, o bebê chorava a noite inteira, os dois brigavam, os vizinhos reclamavam. Foram ameaçados de despejo do apartamento de um quarto em Streatham.

A salvação veio na forma de dois cortesões jovens americanos que bateram à porta de Naomi certa tarde. Voltaram no dia seguinte e falaram com Kevin, inicialmente hostil. Por fim, uma visita ao Salão do Reino mais próximo, uma boa acolhida e então aos poucos a ordem e a paz chegaram à vida deles graças aos encontros com pessoas simpáticas que logo se tornaram amigas, bem como úteis conversas com os anciãos da congregação e o estudo da Bíblia, que no começo julgaram difícil.

Kevin e Naomi começaram a viver a verdade. Aprenderam o futuro que Deus guardava para a humanidade e desempenharam seu dever ao trabalhar para divulgar a palavra. Descobriram que haveria um paraíso na Terra e que poderiam participar dele caso pertencessem ao grupo privilegiado conhecido pelas testemunhas como “outras ovelhas”.

Passaram a compreender a preciosidade da vida. Ao se tornarem pais melhores, o filho ficou mais calmo. Kevin fez um curso patrocinado pelo governo em que aprendeu a operar maquinaria pesada. Não muito depois de terminar o curso, foi oferecido a ele um emprego. A caminho do Salão do Reino para agradecer na companhia de Adam, ele e a esposa confessaram que estavam mais uma vez apaixonados. Deram-se as mãos na rua, coisa que jamais haviam feito. Desde então, passados vários anos, tinham vivido a verdade e criado Adam à luz da verdade com o apoio de um círculo íntimo de amigos que também eram testemunhas. Cinco anos antes, Kevin fundara sua própria empresa. Possuía algumas escavadeiras, caminhões basculantes e uma grua, e empregava nove homens. Agora Deus havia infligido a leucemia ao filho deles, confrontando Kevin e Naomi com um supremo teste de fé.

A cada pergunta sugestiva do advogado, o sr. Henry dava uma resposta bem ponderada. Mostrou respeito à corte sem revelar nenhum temor, como ocorria com outras pessoas. Falou claramente sobre seus fracassos iniciais, não demonstrou embaraço ao recordar o momento em que ambos se deram as mãos, não hesitou em usar a palavra amor naquele ambiente. Muitas vezes, após ouvir a pergunta de Grieve, dirigia-se à Fiona e a olhava nos olhos. Ela tentou automaticamente localizar sua pronúncia. Um toque de cockney, um vestígio ainda mais tênue do sudoeste da Inglaterra — a voz confiante de um homem tranquilo acerca de sua própria competência e bastante acostumado a dar ordens. Falavam daquele modo alguns músicos de jazz ingleses, um treinador de tênis que ela conhecia, sargentos das Forças Armadas, policiais de alta patente, paramédicos, o capataz de uma plataforma de petróleo que certa vez comparecera diante dela. Não era um dos homens que governavam o mundo, mas um dos que o faziam andar.

Grieve fez uma pausa para assinalar o fim da história de cinco minutos, perguntando a seguir em tom suave: “Sr. Henry, diga, por favor, à corte por que Adam está recusando a transfusão de sangue”.

O sr. Henry hesitou, como se refletisse sobre a questão pela primeira vez. Virou-se e respondeu diretamente a Fiona: “A senhora precisa entender”, disse, “que o sangue constitui a essência daquilo que é humano. É a alma, é a própria vida. E, assim como a vida é sagrada, o sangue também é”. Parecia haver terminado, mas acrescentou rapidamente: “O sangue representa a dádiva de vida pela qual todas as almas vivas deveriam ser gratas”. Ele pronunciou essas frases não como crenças a que se afezasse, e sim como demonstrações de um fato, como um engenheiro descrevendo a construção de uma ponte.

Grieve aguardou, indicando com seu silêncio que a pergunta não havia sido respondida. Mas Kevin Henry tinha acabado e olhava diretamente para a frente.

Grieve sugeriu: “Sendo assim, se o sangue é uma dádiva, por que seu filho a recusaria quando oferecida pelos médicos?”.

“Misturar seu próprio sangue com o sangue de um animal ou de outro ser humano significa poluição, contaminação. É a rejeição de um maravilhoso presente do Criador. É por isso que Deus especificamente proíbe isso no Gênesis, no Levítico e nos Atos.”

Grieve assentia com a cabeça. O sr. Henry acrescentou simplesmente: “A Bíblia é a palavra de Deus. Adam sabe que ela deve ser obedecida”.

“O senhor e sua esposa amam seu filho, sr. Henry?”

“Sim, nós o amamos.” Disse isso de modo tranquilo, olhando para Fiona com ar desafiador.

“E se a recusa da transfusão causar a morte dele?”

Mais uma vez Kevin Henry olhou fixamente para a parede coberta de lambris de madeira. Respondeu com um nó na garganta: “Ele ocupará seu lugar no paraíso que voltará a ser restaurado na Terra”.

“E como o senhor e a sua esposa vão se sentir?”

Naomi Henry continuava empertigada em seu assento, sua expressão por trás dos óculos impossível de ser interpretada. O rosto estava voltado para o advogado e não para o marido no banco de testemunhas. De onde Fiona se encontrava, não era claro se os olhos da sra. Henry, reduzidos pelas lentes, estavam abertos.

Kevin Henry disse: “Ele terá feito a coisa certa e verdadeira, o que nosso Senhor mandou”.

Grieve esperou de novo, dizendo então num tom pesaroso: “O senhor sofrerá muito, não é verdade, sr. Henry?”.

Nesse ponto, a bondade artificial do tom de voz do advogado emudeceu o pai, que se limitou a acenar com a cabeça. Fiona viu que os músculos de sua garganta se retesaram enquanto recuperava o controle.

O advogado disse: “Essa recusa é uma decisão de Adam ou realmente sua?”.

“Não poderíamos impedir que ele recusasse, nem se quiséssemos.”

Durante vários minutos Grieve seguiu essa linha de arguição, buscando deixar claro que o rapaz não estava sendo indevidamente influenciado. Dois altos membros da congregação haviam visitado o rapaz. O sr. Henry não foi convidado a estar presente. Mas, depois, num corredor do hospital, eles lhe disseram que haviam ficado impressionados e emocionados com a compreensão da situação pelo rapaz e seu conhecimento das escrituras. Estavam convencidos de que ele sabia o que queria e, além de estar vivendo a verdade, se mostrava pronto a morrer por ela.

Fiona sentiu que Berner ia fazer uma objeção. Mas o advogado sabia que ela não ia perder tempo para desmerecer testemunhos transmitidos por terceiros.

Um conjunto final de perguntas de Leslie Grieve teve como propósito permitir ao sr. Henry expor a maturidade emocional do filho. Isso foi feito com

orgulho, nada em seu tom de voz sugeria que ele imaginava poder perdê-lo em breve.

Já eram três e meia da tarde quando Mark Berner se pôs de pé para fazer a contra-arguição. Começou expressando ao casal sua comisseração pela enfermidade do filho e a esperança de sua completa recuperação — um claro sinal, ao menos para Fiona, de que o advogado estava prestes a bater forte. Kevin Henry inclinou a cabeça.

“Vamos começar esclarecendo uma coisa simples, sr. Henry. Os livros da Bíblia que o senhor cita — Gênesis, Levítico e Atos — o proibem de comer sangue ou, em um dos casos, recomendam que se abstenha de fazê-lo. A tradução moderna do Gênesis, por exemplo, diz: ‘Porém não comereis a carne com sua alma, isto é, seu sangue’.”

“É verdade.”

“Sendo assim, não há nada sobre transfusão.”

O sr. Henry disse com paciência: “Acho que o senhor verá que, em grego e hebreu, o original tem o sentido de ‘aceitar no seu corpo’”.

“Muito bem. Mas, na época desses textos da Idade do Ferro, a transfusão não existia. Como podia ser proibida?”

Kevin Henry balançou a cabeça. Havia pena ou uma generosa tolerância em sua voz. “Com certeza existia na mente de Deus. O senhor precisa entender que esses livros constituem sua palavra. Ele inspirou os profetas de sua escolha para escreverem o seu testamento. Não importa em que idade isso foi feito, pedra, bronze ou qualquer outra.”

“É possível que seja assim, sr. Henry. Mas muitas testemunhas de Jeová questionam essa ideia sobre a transfusão exatamente nos termos em que a coloquei. Estão preparadas para aceitar produtos derivados de sangue, ou alguns desses produtos, sem abandonar sua fé. Não é verdade que outras opções estão abertas para o jovem Adam e que o senhor poderia desempenhar seu papel persuadindo-o a aceitá-las a fim de salvar a vida dele?”

Henry se voltou para Fiona. “Há alguns poucos que se afastam dos ensinamentos do Corpo Governante. Não conheço ninguém que faça isso em nossa congregação, e nossos líderes são muito claros sobre isso.”

As luzes do teto brilhavam na calva bem polida de Berner. Numa paródia virtual de um arguidor intimidante, ele segurou a lapela do casaco com a mão direita. “Esses líderes estritos têm visitado seu filho todos os dias, não é verdade? Estão ansiosos para se certificar de que ele não mudará de ideia.”

Kevin Henry demonstrou o primeiro indício de irritação. Encarou Berner, agarrando-se à beirada do banco de testemunhas e se inclinando um pouco para a frente como se apenas uma amarra invisível o contivesse. Seu tom de voz, no entanto, permaneceu controlado. “São homens bondosos e decentes. Há sacerdotes de outras igrejas visitando as enfermarias. Meu filho recebe

aconselhamento e consolo dos anciãos. Se não fosse assim, me diria.”

“Não é verdade que, se ele concordasse com a transfusão, seria expulso da comunidade?”

“Desassociado. Mas isso não vai acontecer. Ele não vai mudar de ideia.”

“Ele é ainda tecnicamente uma criança, sr. Henry, e está sob seus cuidados. Por isso, são as suas ideias que eu desejo modificar. Ele está temeroso de cair no ostracismo por não fazer o que os anciãos querem. O único mundo que ele conhece lhe daria as costas por preferir a vida a uma morte terrível. Será essa uma escolha livre para um jovem?”

Kevin Henry parou para pensar. Pela primeira vez olhou para a esposa. “Se o senhor ficar cinco minutos com ele verá como ele é alguém capaz de saber o que se passa a seu redor e de tomar uma decisão baseada em sua fé.”

“Eu acredito que encontraríamos um rapaz aterrorizado e gravemente enfermo que está desesperado para obter a aprovação de seus pais. Sr. Henry, o senhor disse a Adam que ele está livre para receber a transfusão caso queira? E que continuaria a amá-lo?”

“Eu disse a ele que o amo.”

“Só isso?”

“É o bastante.”

“O senhor sabe quando as testemunhas de Jeová receberam a ordem de recusar transfusões de sangue?”

“Está no Gênesis. Data da Criação.”

“Data de 1945, sr. Henry, antes era perfeitamente aceitável. O senhor está satisfeito que, nos tempos atuais, tenha sido um comitê do Brooklyn que decidiu o destino de seu filho?”

Kevin Henry baixou a voz, talvez em sinal de respeito ao assunto ou devido às dificuldades que ele impunha. Mais uma vez incluiu Fiona em sua resposta, havendo calor em seu tom de voz. “O Espírito Santo guia os representantes escolhidos — nós os chamamos de escravos, Meritíssima —, ajudando-os a descobrir verdades profundas que antes não eram compreendidas.” Voltou-se de novo para Berner e disse com naturalidade: “O Corpo Governante é o canal de comunicação entre Jeová e nós. É sua voz. Se há mudanças nos ensinamentos, é porque Deus só revela seus propósitos aos poucos”.

“Essa voz não tolera muita dissensão. Neste exemplar de *A Sentinela*, se diz que o pensamento independente foi criado por Satã ao começar sua rebelião em outubro de 1914, e que tal pensamento devia ser evitado pelos seguidores. É isso que o senhor está dizendo a Adam, sr. Henry? Que ele precisa se prevenir contra a influência de Satã?”

“Gostamos de evitar as dissensões e as disputas nos mantendo unidos.” A confiança do sr. Henry estava crescendo. Parecia se dirigir exclusivamente ao advogado. “O senhor talvez não faça ideia do que significa se submeter a uma

autoridade superior. Precisa entender que fazemos isso por nossa livre e espontânea vontade.”

Havia a sugestão de um sorriso meio torto no rosto de Mark Berner. Quem sabe pela admiração por seu adversário. “O senhor disse há pouco ao meu eminente colega que quando tinha vinte anos sua vida era muito desregrada. Que o senhor era um doidivanas. É pouco provável, não é mesmo, sr. Henry, que alguns anos antes, com a idade de Adam, o senhor estivesse seguro de seus pensamentos.”

“Ele conheceu a verdade a vida inteira. Eu não tive esse privilégio.”

“E depois, pelo que me recordo, o senhor disse ter descoberto que a vida era preciosa. Isso se referia à vida de outras pessoas ou apenas à sua?”

“Toda vida é uma dádiva de Deus. Que pode tomá-la de volta.”

“Fácil de dizer, sr. Henry, quando não se trata da sua vida.”

“Mais difícil de dizer quando é a vida do seu próprio filho.”

“Adam escreve poesia. O senhor aprova isso?”

“Não creio que seja particularmente relevante para a vida dele.”

“O senhor brigou com ele por causa disso, não foi?”

“Tivemos algumas conversas sérias.”

“A masturbação é um pecado, sr. Henry?”

“Sim.”

“E o aborto? A homossexualidade?”

“Sim.”

“É nisso que Adam foi ensinado a crer?”

“É o que ele sabe ser verdadeiro.”

“Obrigado, sr. Henry.”

John Tovey se ergueu e, algo ofegante, disse a Fiona que, dado o adiantado da hora, não tinha nenhuma pergunta a fazer ao sr. Henry, mas que chamaria para depor a assistente social, funcionária do serviço de apoio à Vara de Família. Marina Greene era uma mulher pequena com cabelo cor de areia, que se expressou com frases curtas e precisas. Coisa útil àquela altura da tarde. Adam, ela disse, era muito inteligente. Conhecia a Bíblia. Conhecia os argumentos. Tinha declarado estar pronto para morrer por sua fé.

Ele havia dito o seguinte — autorizada pela juíza, Marina Greene leu em seu caderno de notas: “Tenho ideias próprias. Sou uma pessoa independente de meus pais. Quaisquer que sejam as ideias deles, estou tomando decisões por mim mesmo”.

Fiona perguntou à sra. Greene que orientação a corte deveria seguir. Ela respondeu que sua opinião era simples e se desculpou por não conhecer os meandros da lei. O rapaz era inteligente e se exprimia muito bem, mas ainda era muito jovem. “Uma criança não deveria se matar por razões religiosas.”

Tanto Berner quanto Grieve abriram mão de interrogá-la.

Antes de ouvir os argumentos finais, Fiona permitiu um breve recesso. Todos se levantaram e ela foi rapidamente para o seu gabinete, bebeu um copo de água sentada à sua mesa, verificou e-mails e mensagens de texto. Muito dos dois, mas nada de Jack Procurou de novo. Não sentia agora tristeza nem raiva, e sim um negrume interior, um abismo a suas costas que ameaçava aniquilar seu passado. Outra fase. Não parecia possível que a pessoa que ela conhecia mais intimamente pudesse ser tão cruel.

Foi um alívio voltar ao tribunal alguns minutos depois. Quando Berner se pôs de pé, era inevitável que explorasse o argumento da “competência de Gillick” — um ponto de referência sobre menores no Direito da Família e na pediatria. Lorde Scarman fizera a formulação e o advogado o citava agora. Uma criança, isto é, uma pessoa com menos de dezesseis anos, pode dar consentimento sobre seu tratamento médico “se e quando a criança demonstra suficiente compreensão e inteligência para entender inteiramente o que lhe é proposto”. Se, defendendo a solicitação do hospital para tratar Adam Henry contra o seu desejo, Berner invocava Gillick naquele momento, seu propósito consistia em esvaziar a possibilidade de que Grieve o fizesse em favor dos pais. Chegue primeiro e estabeleça as regras do jogo. Ele se valeu de frases curtas e rápidas, sua voz suave de tenor tão clara e precisa como quando cantava o trágico poema de Goethe.

Era evidente, disse Berner, que não realizar uma transfusão constituía uma forma de tratamento. Nenhum dos profissionais que cuidava de Adam duvidava da inteligência dele, de sua extraordinária capacidade verbal, de sua curiosidade e paixão pela leitura. Ele ganhara um concurso de poesia organizado por um jornal sério e de circulação nacional. Era capaz de recitar longos trechos de uma ode de Horácio. Era sem dúvida uma criança excepcional. O tribunal tinha ouvido a assistente social declarar que se tratava de um rapaz inteligente e bem-falante. Decisivamente, contudo, o médico havia acabado de confirmar que Adam tinha apenas uma vaga noção do que lhe aconteceria se recusasse o sangue. Uma ideia geral, e algo romântica, da morte que o aguardava. Dessa forma, não se podia dizer que ele preenchia as condições estabelecidas por lorde Scarman. Adam sem a menor dúvida não entendia de todo o que lhe estava sendo proposto. Compreensivelmente, a equipe médica do hospital não desejava explicar tudo a ele. O profissional de saúde mais graduado estava em melhor posição para julgar, e sua conclusão era cristalina. Adam não tinha a “competência de Gillick”. Em segundo lugar, mesmo se a tivesse, e portanto gozasse do direito de concordar com o tratamento, isso era muito diferente do direito de recusar um tratamento capaz de salvar sua vida. Nesse ponto a lei era clara. Ele não tinha autonomia em tal questão até fazer dezoito anos. Em terceiro

lugar, continuou Berner, era óbvio que os riscos de infecção resultantes da transfusão eram mínimos, enquanto as consequências de não receber a transfusão eram inevitáveis e pavorosas, provavelmente fatais. Em quarto lugar, não era coincidência que Adam tinha a mesma fé específica dos pais. Tratava-se de um filho amoroso e devotado que crescera numa atmosfera caracterizada pela crença sincera e fortemente arraigada de seus pais. As opiniões não convencionais que mantinha sobre os produtos derivados de sangue, como o médico sugerira com grande ênfase, não eram suas. Todos nós, sem dúvida, acreditamos em coisas aos dezessete anos que hoje nos deixariam envergonhados.

Berner fez um resumo rápido. Adam não tinha dezoito anos, não entendia a provação que o aguardava se não recebesse a transfusão, fora indevidamente influenciado pela seita dentro da qual havia sido criado e estava consciente das consequências negativas caso se afastasse dela. As opiniões das testemunhas de Jeová estavam muito distantes daquelas que se esperava de pais modernos e razoáveis.

Quando Mark Berner deu meia-volta para se sentar, Leslie Grieve já estava de pé. Em seus primeiros comentários, feitos perto de Fiona e do lado esquerdo da juíza, ele também manifestou o desejo de chamar a atenção dela para a formulação de lorde Scarman. “A existência do direito do paciente de tomar sua própria decisão pode ser encarada como um direito humano básico, protegido pela legislação pertinente.” Em consequência, a corte deveria se mostrar extremamente relutante em interferir numa decisão sobre tratamento médico feita por uma pessoa dotada de evidente inteligência e capacidade de julgamento. Sem dúvida não era cabível querer validar um argumento com base nos dois ou três meses que separavam Adam de seus dezoito anos. Numa questão que afetava tão gravemente o direito humano básico de um indivíduo, era inaceitável apelar para a mágica dos números. Aquele paciente, que repetida e consistentemente havia deixado claros seus desejos, estava muito mais próximo dos dezoito anos que dos dezessete.

Num esforço de memória, Grieve fechou os olhos e citou um trecho da seção 8 da emenda de 1969 à Lei da Família: “O consentimento de um menor que atingiu a idade de dezesseis anos a qualquer tratamento cirúrgico, médico ou dentário que, na falta de tal consentimento, constituiria um invasão de sua pessoa, será tão eficaz como o seria se ele já houvesse atingido a maioridade”.

Todos que conheceram Adam, disse Grieve, ficaram impressionados com a precocidade e a maturidade dele. “A senhora decerto gostará de saber que ele leu em voz alta alguns de seus poemas para o pessoal da enfermagem. Com grande sucesso.” Ele tinha uma capacidade de raciocínio bem superior à da maioria dos rapazes de dezessete anos. Era necessário a corte levar em conta a situação como se ele tivesse nascido alguns meses antes, quando então seu direito

fundamental estaria assegurado. Com o apoio integral dos pais amorosos, ele deixara clara sua objeção ao tratamento e expusera em detalhe os princípios religiosos em que se baseava a recusa.

Grieve fez uma pausa, como se necessitasse refletir, e depois gesticulou na direção da porta pela qual o médico deixara a sala do tribunal. Era perfeitamente compreensível que o sr. Carter detestasse a ideia de não aplicar o tratamento. Isso apenas comprovava a devoção profissional que se esperaria de uma figura tão eminente. Mas tal profissionalismo prejudicava sua avaliação de que Adam não possuía a “competência de Gillick”. Em última análise, não se tratava de uma questão médica, e sim legal e moral. Tinha a ver com o direito inalienável de um jovem. Ele entendia perfeitamente aonde sua decisão poderia levá-lo: a uma morte prematura. Deixara isso claro muitas vezes. Que ele não soubesse o modo preciso como morreria não importava. Ninguém que fosse considerado possuidor da “competência de Gillick” teria pleno conhecimento desse tipo de informação. Na verdade, ninguém tinha. Todos sabíamos que morreríamos um dia. Nenhum de nós sabia como. E o sr. Carter já havia admitido que a equipe encarregada de tratar de Adam não gostaria de lhe transmitir tal conhecimento. A “competência de Gillick” do jovem derivava de outra coisa, de sua inquestionável compreensão de que a recusa ao tratamento poderia provocar sua morte. E Gillick, naturalmente, tornava sem efeito a questão de sua idade.

Até então a juíza havia enchido três páginas de anotações. Uma delas, em separado, dizia apenas: “Poesia?”. Sobressaindo em meio à corrente de depoimentos, havia uma bela imagem — recostado nos travesseiros, um adolescente lia seus versos para uma enfermeira fatigada, que sabia ser necessária em outro lugar, mas era bondosa demais para dizer isso a ele.

Fiona havia escrito poesia na idade de Adam Henry, embora nunca tivesse tido a presunção de ler seus versos em voz alta nem para si própria. Lembrava-se de quartetos ousadamente sem rima. Um deles era até sobre uma morte por afogamento, o corpo afundando deliciosamente de costas em meio aos juncos de um rio, uma fantasia improvável baseada na pintura de Ofélia feita por Millais diante da qual ela se postara encantada ao fazer uma visita à Tate Gallery. O audacioso poema constava de um caderno de notas em petição de miséria, em cuja capa havia rabiscos em tinta vermelha de penteados desejáveis. Tanto quanto sabia, o caderno estava em casa, no fundo de uma caixa de papelão enfiada em algum canto de um quartinho sem janelas. Se é que ela ainda podia dizer que tinha uma casa.

Grieve fechou sua intervenção afirmando que Adam estava muito perto de fazer dezoito anos que a idade dele não tinha o menor significado. Ele preenchia as condições estabelecidas por Scarman e possuía a “competência de Gillick”. O advogado citou lord Balcombe: “À medida que se aproximam da maioridade, as crianças vão sendo cada vez mais capazes de tomar decisões acerca de seus

tratamentos clínicos. Normalmente, os melhores interesses de um menor de idade suficiente e com capacidade de compreensão serão atendidos se ele tomar uma decisão informada que a corte deve respeitar”. O tribunal não deve julgar religiões específicas, limitando-se a respeitar as manifestações de fé. Nem deve o tribunal se sentir tentado a entrar no perigoso terreno em que seja minado o direito básico de um indivíduo de recusar tratamento.

Por fim, chegou a vez de Tovey, que foi breve. Ergueu-se com a ajuda da bengala. Como representava tanto o rapaz quanto Marina Greene, sua guardiã perante a corte, ele se manteve cuidadosamente neutro. Os argumentos dos dois lados tinham sido bem apresentados por seus colegas, todas as questões legais relevantes devidamente suscitadas. A inteligência de Adam não estava em discussão. Seu domínio da Bíblia, tal como entendida e difundida por sua seita, era total. Cumpria considerar que ele tinha quase dezoito anos, mas de fato continuava sendo um menor. Por conseguinte, dependia inteiramente da Meritíssima Juíza decidir o peso que daria aos desejos do rapaz.

Quando o advogado se sentou, fez-se silêncio enquanto Fiona examinava suas anotações, organizando os pensamentos. Tovey fizera o favor de apontá-los no caminho de uma decisão. Dirigindo-se a ele, Fiona disse: “Dadas as circunstâncias especiais deste caso, decidi que gostaria de ouvir Adam Henry. Não é o seu conhecimento das escrituras que me interessa, e sim sua compreensão da situação em que se encontra e o que deverá confrontar caso eu tome uma decisão contrária ao hospital. Ele também precisa saber que não está nas mãos de uma burocracia impessoal. Vou lhe explicar que caberá a mim a decisão levando em conta seus melhores interesses”.

Disse ainda que se deslocaria agora na companhia da sra. Greene até o hospital em Wandsworth e, na presença dela, se sentaria à beira do leito de Adam. Assim, a sessão foi suspensa até a volta de Fiona, quando ela iria proferir sua sentença diante de todos.

Quando seu táxi parou devido ao trânsito pesado da ponte de Waterloo, Fiona decidiu que aquela excursão tinha a ver ou com uma mulher à beira de um colapso nervoso que cometia um erro sentimental de avaliação técnica ou com a possibilidade de salvar ou condenar um rapaz por causa das crenças de sua seita mediante a intervenção direta de uma corte laica. Não acreditava que podia ser as duas coisas. A questão permaneceu em suspenso enquanto ela olhava para a esquerda, a jusante do rio e na direção da catedral de St. Paul. A maré vazava rapidamente. O poeta Wordsworth, descrevendo o que vira de uma ponte próxima, tinha razão: para qualquer lado que se olhasse, a melhor paisagem urbana do mundo. Até mesmo sob a chuva constante. Ao lado dela estava Marina Greene. Exceto por algumas palavras à toa, não haviam conversado depois de saírem do tribunal. O que era inteiramente apropriado para manter a distância. E Greene, desinteressada ou muito acostumada com a vista rio acima, à sua direita, estava concentrada no celular, lendo, teclando, franzindo a testa como é comum nos dias de hoje.

Alcançando enfim a margem sul, viraram à direita, rumando bem devagar para a montante do rio e levando quase quinze minutos para chegarem a Lambeth Palace. O telefone de Fiona estava desligado, sua única defesa contra a compulsão de conferir mensagens de texto e e-mails a cada cinco minutos. Ela tinha escrito uma mensagem que não enviara: *Você não pode fazer isso!*. Mas ele estava fazendo aquilo, e o ponto de exclamação dizia tudo — ela era uma idiota. O emocionalismo de seu estado de espírito, que gostava de monitorar, era inteiramente novo. Uma mistura de tristeza e indignação. Ou de carência e fúria. Ela o queria de volta, ela nunca mais queria vê-lo de novo. A vergonha também estava presente. Mas o que ela havia feito? Afundado no trabalho, negligenciado o marido, deixado que um caso a absorvesse demais? Porém ele tinha seu próprio trabalho, seus estados de espírito variados. Ela fora humilhada e não

queria que ninguém soubesse, ia fingir que estava tudo bem. Sentia-se conspurcada pela necessidade de manter segredo. O que era aquilo, a vergonha? Ao saber do que acontecera, uma de suas amigas sensatas certamente insistiria com ela para que telefonasse a Jack e exigisse uma explicação. Impossível. Ainda temia ouvir o pior. Tudo o que pensava agora sobre a situação já havia lhe ocorrido muitas vezes antes, mas, não obstante, ela começava de novo. Como se caminhasse na direção contrária em uma esteira rolante, um estado do qual só escapava pelo sono artificialmente induzido. Sono — ou por essa excursão muito pouco ortodoxa.

Chegaram por fim à Wandsworth Road a menos de quarenta quilômetros por hora, a velocidade de um cavalo a galope. Passaram à direita por um velho cinema transformado em quadras de squash, onde, muitos anos atrás, Jack jogara até o limite de sua resistência física para terminar em décimo primeiro lugar numa competição aberta a todos os londrinos. E ela, esposa jovem e leal, algo enfasiada, assistiu a tudo um pouco distante da parede de vidro, consultando de tempos em tempos suas anotações sobre um caso de estupro que estava defendendo e que acabaria por perder. Oito anos de cadeia para o cliente indignado. Quase certamente sem culpa. Com razão, ele nunca a perdoou.

Ela tinha a ignorância e o desdém de uma habitante da parte norte de Londres pelo labirinto interminável de ruas pobres que se estendia ao sul do Tâmesa. Nenhuma estação de metrô que desse significado a um emaranhado de vilarejos engolidos pela cidade fazia muito tempo, lojas tristes e garagens desonestas entremeadas de casas mambembes do período eduardiano e blocos horríveis de apartamentos, covis dominados por traficantes de drogas. As multidões de pedestres, absortas em preocupações que lhe pareceriam estranhas, pertenciam a outra cidade, a uma longínqua cidade que não era a dela. Como saber que estavam atravessando Clapham Junction não fosse uma tabuleta desbotada e engraçada na fachada de uma loja de produtos elétricos fechada com tábuas? Reconhecendo em seu íntimo uma misantropia crescente, obrigou-se a relembrar o propósito da missão. Ia visitar um menino gravemente enfermo.

Fiona gostava de hospitais. Com treze anos, quando seguia prazerosamente de bicicleta para a escola, um bueiro mal tampado a fez voar por cima do guidão. Uma leve concussão e vestígios de sangue na urina a mantiveram no hospital para observação. Não havia vagas na ala pediátrica — um ônibus cheio de estudantes voltara da Espanha com um vírus intestinal desconhecido. Ela foi posta na enfermaria feminina e lá ficou por uma semana, fazendo exames em nada exigentes. Isso aconteceu em meados da década de 1960, quando o espírito da época não havia ainda começado a questionar e a desestruturar as pomposas hierarquias médicas. A enfermaria vitoriana, com seu teto alto, era limpa e bem organizada, a assustadora irmã que supervisionava as pacientes protegia as mais novas, porém as velhas senhoras (algumas das quais, pensando agora, tinham uns

trinta anos) gostaram e cuidaram dela, que nunca perguntou de que elas sofriam. Era a queridinha de todas e se entregou a uma nova existência. As antigas rotinas da casa e da escola sumiram de todo. Quando uma ou duas senhoras desapareceram de suas camas durante a noite, ela não pensou muito sobre aquilo. Estava totalmente a salvo de histerectomias, câncer e morte, passando uma semana gloriosa sem sustos ou dores.

À tarde, depois da escola, chegavam suas amigas, impressionadas por visitarem um hospital sem a presença de nenhum adulto. Passada a novidade, três ou quatro meninas ficavam em volta da cama de Fiona prendendo o riso por qualquer bobagemzinha — uma enfermeira passando de cara amarrada, a saudação exagerada de uma velhinha sem dentes, alguém no fundo da enfermaria vomitando ruidosamente por trás de um biombo.

Antes e depois do almoço, Fiona se sentava a sós na sala de estar com um caderno de exercícios no colo, planejando seus possíveis futuros — concertista de piano, veterinária, jornalista, cantora. Fazia diagramas dessas vidas possíveis. Nas linhas que se separavam do tronco estavam a universidade, um marido parrudo e heroico, filhos maravilhosos, uma fazenda de criação de ovelhas, uma profissão de sucesso. Até aquela altura, nunca havia pensado em direito.

No dia em que recebeu alta, circulou pela enfermaria com seu uniforme escolar, a mochila pendurada no ombro e observada por sua mãe, se despedindo chorosamente e fazendo promessas de manter contato. Nas décadas que se seguiram teve sorte em matéria de saúde, só voltando a hospitais nos horários de visita. Mas ficou marcada para sempre. Todo o sofrimento e a dor que via em familiares e amigos não eram capazes de destruir uma associação improvável entre hospitais e bondade, com o fato de ser notada como alguém especial e protegida do pior. Por isso, quando o prédio de vinte e seis andares do hospital geral Edith Cavell surgiu em meio à névoa que envolvia os carvalhos e do outro lado da praça central de Wandsworth, Fiona teve, erroneamente e por um instante, uma expectativa agradável.

Ela e a assistente social olharam para a frente, mais além dos gaguejantes limpadores de para-brisas, quando o táxi se aproximou de um sinal de neon azul que anunciava ainda haver vagas para seiscientos e quinze carros. Num morrote coberto de grama, tal qual um forte da Idade da Pedra, levantava-se a torre circular de vidro desenhada por um arquiteto japonês e com revestimento de azulejos de um verde semelhante ao dos aventais dos cirurgiões, construído com base em empréstimos caríssimos durante o governo trabalhista de meados da década de 1990. As nuvens baixas de verão encobriam os andares superiores.

Ao caminharem em direção à entrada, um gato saiu debaixo de um carro estacionado e correu na frente delas, levando Marina Greene a retomar a conversa, fazendo um minucioso relato de como seu gato, um corajoso felino inglês de pelo curto, botava para correr os cachorros da vizinhança. Fiona sentiu

simpatia por aquela jovem e solene mulher de cabelo ralo cor de areia, que vivia num conjunto habitacional com três filhos de menos de cinco anos e o marido policial. O gato não tinha maior relevância. Não queria que nada prejudicial se interpusesse entre elas, agudamente consciente da preocupação compartilhada com o que iriam em breve se confrontar.

Fiona permitiu-se uma maior liberdade: “Um gato que não se amedronta. Espero que você tenha contado essa história ao Adam”.

Marina respondeu baixinho: “Na verdade, contei”, e voltou a ficar em silêncio.

Entraram num átrio envidraçado da altura do prédio. Árvores inglesas, já maduras mas pouco viçosas, se esforçavam para crescer no saguão em meio às alegres cadeiras e mesas de estabelecimentos que competiam entre si para oferecer café e sanduíches. Mais acima, e depois ainda mais para o alto, outras árvores cresciam em plataformas que se projetavam das paredes curvas. As plantas mais distantes pareciam arbustos vistos em silhueta contra o teto de vidro a cem metros de altura. As duas mulheres atravessaram o assoalho de tábuas claras, contornaram um balcão de informações e uma mostra de desenhos de crianças enfermas. Uma longa escada rolante as levou ao mezanino, onde uma livraria, uma floricultura, uma banca de jornais, uma loja de lembrancinhas e um business center circundavam uma fonte. Música new age, etérea e sem modulações, se mesclava com o som da água que jorrava. Tudo típico de um aeroporto moderno. Com destinos diferentes. Naquele andar, havia pouco sinal de doenças, nenhum equipamento médico. Os pacientes se misturavam agradavelmente com os visitantes e os funcionários. Aqui e ali viam-se pessoas de camisola, dando uma impressão algo dissoluta. Fiona e Marina seguiram placas semelhantes às que se usam nas estradas: *Oncologia pediátrica*, *Medicina nuclear*, *Flebotomia*. Entraram por um largo corredor de piso reluzente que as levou a um conjunto de elevadores, e elas subiram em silêncio até o nono andar, onde a partir de um corredor idêntico, depois de virarem três vezes à esquerda, elas chegaram à unidade de tratamento intensivo. Passaram por um alegre mural de macacos pulando através dos galhos de uma floresta. Agora, por fim, o ar parado tinha o cheiro de hospital: de comida levada dali havia algum tempo, antissépticos e, mais tênue, de alguma coisa doce. Nem frutas nem flores.

O posto das enfermeiras estava estrategicamente localizado diante de uma série semicircular de portas fechadas mas dotadas de portinholas de observação. O silêncio, só quebrado por um zumbido elétrico, e a falta de luz natural davam a impressão de que já era de madrugada. As duas jovens enfermeiras atrás do balcão — como Fiona soube depois, uma filipina e a outra caribenha — soltaram gritinhos de boas-vindas quando viram Marina, trocando com ela batidas de mão acima da cabeça. De repente, a assistente social era outra pessoa, transformando-se numa animada mulher negra sob a pele branca. Deu meia-

volta para apresentar a juíza às enfermeiras como alguém “muitíssimo importante”. Fiona estendeu a mão. Não poderia ter executado aquela batida de mãos sem se sentir desmoralizada, e isso pareceu ficar bem entendido. Sua mão foi apertada afetuosamente. Numa troca rápida de palavras diante do balcão, combinaram que Fiona ficaria do lado de fora enquanto a assistente social entrava e explicava tudo a Adam.

Quando Marina entrou por uma porta na extremidade direita, Fiona se voltou para as enfermeiras e perguntou pelo jovem paciente.

“Ele está aprendendo a tocar violino”, disse a moça filipina. “E nos deixando malucas!”

Sua amiga deu um tapa teatral na coxa. “Está fazendo uma bagunça dos diabos lá dentro!”

As enfermeiras se entreolharam e começaram a rir, embora baixinho para não incomodar os pacientes. Essa era claramente uma piada que faziam com frequência. Fiona esperou. Estava se sentindo à vontade, mas sabia que não ia durar.

Por fim, disse: “E esse problema da transfusão?”

Todo o bom humor desapareceu. A enfermeira caribenha respondeu: “Rezo por ele todos os dias. Digo a Adam: ‘Deus não precisa que você faça isso, meu querido. Ele te ama de qualquer maneira. Deus quer que você *viva*’”.

A amiga dela disse com tristeza: “Ele tomou uma decisão. A gente tem que respeitar ele por isso. Viver de acordo com seus princípios”.

“Morrer, não é mesmo? Ele não sabe de nada. É um menininho confuso.”

Fiona perguntou: “O que ele diz quando você fala que Deus quer que ele *viva*?”

“Nada. É como se não tivesse nenhuma razão para me ouvir.”

Nesse momento, Marina abriu a porta, ergueu a mão e voltou para dentro.

Fiona disse: “Bem, obrigada”.

Indo atender a uma campainha, a enfermeira filipina caminhou às pressas para outra porta.

“A senhora pode ir lá”, disse a amiga dela, “e, por favor, faz ele mudar de ideia. É um rapaz muito simpático.”

Fiona tinha uma recordação confusa de sua entrada no quarto de Adam Henry devido a uma série de contrastes desorientadores. Havia muita coisa para absorver. O aposento estava mergulhado na semiobscuridade, com exceção de uma luz intensa focalizada sobre a cama. A um canto, Marina se instalava numa cadeira com uma revista que possivelmente não seria capaz de ler no escuro. Os equipamentos de ventilação assistida e monitoramento em volta do leito, os altos suportes com seus tubos e os monitores brilhantes irradiavam uma presença atenta, quase um silêncio. Mas não havia silêncio, porque o rapaz já estava lhe dirigindo a palavra, tudo se desenrolando ou irrompendo sem a participação dela,

deixando-a para trás, perplexa. Ele estava sentado bem empertigado, apoiado em travesseiros escorados por uma cabeceira de metal e iluminado por uma única lâmpada como num palco teatral. Espalhados em torno dele e se perdendo nas sombras, havia livros, panfletos, um arco de violino, um laptop, fones de ouvido, cascas de laranja, embalagens de bombons, uma caixa de lenços de papel, uma meia, um caderno de notas e diversas páginas escritas de cima a baixo. Bagunça típica de adolescente, que ela conhecia das visitas de seus parentes.

Era um rosto comprido e magro, fantasmagoricamente pálido mas bonito, com crescentes roxos que se esmaeciam delicadamente debaixo dos olhos, bem como lábios cheios que também pareciam roxos sob a luz forte. Os próprios olhos, que eram grandes, davam a impressão de ser violeta. Um sinal acima da maçã do rosto parecia ter sido pintado com fins estéticos. O corpo era frágil, os braços se projetando como finos bastões para fora da camisola de hospital. Ele falava rapidamente, em tom sério, e naqueles primeiros segundos ela não entendeu nada. Depois, quando a porta se fechou com um suspiro pneumático, Fiona compreendeu que ele estava dizendo como aquilo era estranho, que sempre soube que ela iria visitá-lo, que achava que ele tinha esse dom, essas premonições, que na aula de estudos religiosos tinha sido lido um poema que dizia que o futuro, o presente e o passado formavam uma unidade, coisa que a Bíblia também dizia. Seu professor de química tinha dito que a relatividade provava que o tempo era uma ilusão. E, se Deus, a poesia e a ciência diziam todos a mesma coisa, só podia ser verdade, ela não achava?

Ele se recostou nos travesseiros para recuperar o fôlego. Fiona se mantivera ao pé da cama, sem se sentar. Agora se aproximou do lado do leito onde havia uma cadeira de plástico, disse seu nome e estendeu a mão. A dele era fria e úmida. Sentou-se e esperou que ele falasse mais. Mas a cabeça de Adam estava inclinada para trás, ele contemplava o teto, ainda se recuperando, e, ela entendeu, aguardando uma resposta. Teve consciência do silvo de uma das máquinas a suas costas, assim como de um bipe rápido e baixinho, no limite ao menos da sua capacidade auditiva. O monitor cardíaco, com o volume reduzido para não incomodar o paciente, revelava a excitação do rapaz.

Ela se inclinou para a frente e disse que achava que ele tinha razão. Em sua experiência no tribunal, se testemunhas que nunca haviam conversado entre si diziam todas a mesma coisa sobre um fato, era mais provável que fosse verdade.

E então acrescentou: “Mas nem sempre. Pode haver fantasias coletivas. Pessoas que não se conhecem podem se sentir fascinadas pela mesma ideia falsa. Isso certamente acontece nos tribunais”.

“Quando, por exemplo?”

Como ele ainda estava recuperando o fôlego, mesmo essas três palavras representaram um esforço. Continuou a olhar para o alto, evitando encará-la,

enquanto ela buscava um exemplo.

“Alguns anos atrás neste país algumas crianças foram afastadas de seus pais pelas autoridades e os pais processados pelo que se chamou de depravação satânica, por fazerem coisas terríveis com seus filhos em rituais secretos de veneração ao demônio. Todos atacaram os pais. Policiais, assistentes sociais, promotores, jornais, até mesmo juízes. Mas acabou se descobrindo que não havia nada. Nenhum ritual secreto, nenhum diabo, nenhuma depravação. Nada tinha acontecido. Era uma fantasia. Todos aqueles peritos e pessoas importantes estavam compartilhando uma ilusão, um sonho. Passado algum tempo, todos recobram a razão e ficaram muito envergonhados, ou deveriam ter ficado. E aos poucos as crianças voltaram a seus lares.”

Fiona falou como se ela própria estivesse sonhando. Sentiu-se agradavelmente tranquila, embora suspeitasse que Marina, acompanhando com atenção a conversa, ficara perplexa com suas observações. Que estaria fazendo a juíza ao falar com o rapaz sobre maus-tratos infantis minutos depois de conhecê-lo? Será que desejava sugerir que a religião, a religião dele, era uma fantasia coletiva? Marina havia imaginado que, depois de uma conversinha amável, os importantíssimos comentários iniciais da juíza consistiriam em perguntar se ele sabia por que ela estava lá. Em vez disso, Fiona estava fazendo uma digressão, como se conversasse com um colega acerca de um escândalo institucional da década de 1980 já esquecido. Mas o que Marina poderia pensar não a preocupava. Ela faria aquilo do seu jeito.

Adam ficou quieto, absorvendo o que ela havia dito. Por fim, virou a cabeça no travesseiro e seus olhos se encontraram. Ela já esbanjara bastante de sua autoridade e estava decidida a não afastar o rosto. A respiração dele estava mais ou menos sob controle, sua aparência era sombria e solene, impossível de ler. Isso pouco importava, porque ela agora se sentia mais calma do que estivera no dia todo. Nada que merecesse comemoração. Se não calma, sem precipitação. A pressão de um tribunal que esperava por seu retorno, a necessidade de uma decisão rápida, o prognóstico urgente do consultor médico — tudo isso estava em suspenso no quarto hermeticamente fechado e penumbroso enquanto ela contemplava o rapaz e esperava que ele falasse. Fizera bem em ter vindo.

Teria sido inadequado olhar no fundo dos olhos dele por cerca de trinta segundos ou mais, mas ela teve tempo de imaginar, graças à capacidade do pensamento de condensar impressões variadas, que ele via sentada na cadeira à beira de sua cama outra pessoa adulta cheia de opiniões, uma pessoa adulta ainda menos significativa pela irrelevância especial que cerca uma senhora idosa.

Ele afastou o olhar pouco antes de dizer: “O problema com Satã é que ele é extraordinariamente sofisticado. Põe na cabeça das pessoas uma ideia idiota, como sei lá o quê satânico, depravação satânica, deixa que a refutem para todo

mundo pensar que afinal ele não existe, e então fica livre para fazer tudo de ruim”.

Outra característica de sua abertura pouco convencional — Fiona entrara no território dele. Satã era uma figura ativa na construção do mundo, de acordo com as testemunhas de Jeová. Viera à Terra em outubro de 1914, assim ela lera ao folhear o material informativo, a fim de se preparar para os dias finais, e estava trabalhando maliciosamente através dos governos, da Igreja católica e em especial das Nações Unidas, encorajando-as a espalhar a concórdia entre todos os países no momento em que eles deveriam estar se preparando para o Armagedão.

“Ele está livre para tentar matá-lo de leucemia?”

Ela se perguntou se tinha falado de modo demasiado direto, mas Adam possuía a resiliência que os adolescentes gostam de exibir. De bancar o durão. “É, esse tipo de coisa.”

“E vai deixar que ele faça isso?”

Adam empurrou o corpo contra os travesseiros para se sentar com as costas retas, passando depois a mão pelo queixo com ar pensativo, numa paródia de um pomposo professor ou comentarista de televisão. Estava zombando dela.

“Bem, já que a senhora pergunta, pretendo esmagá-lo obedecendo aos mandamentos de Deus.”

“Isso significa um sim?”

Ele ignorou essa observação, esperou um momento e disse: “A senhora veio para mudar minha cabeça, me endireitar?”.

“De maneira nenhuma.”

“Ah, veio! Eu acho que sim!” De repente ele se transformara numa criança travessa e provocadora, abraçando os joelhos por cima das cobertas, embora fracamente, e voltou a se excitar, adotando um tom sardônico: “Por favor, minha senhora, me aponte o caminho da retidão”.

“Vou lhe dizer por que estou aqui, Adam. Quero ter certeza de que você sabe o que está fazendo. Algumas pessoas acham que você é jovem demais para tomar uma decisão como essa e que foi influenciado por seus pais e pelos líderes da congregação. E outros acham que, como você é extremamente inteligente e capaz, deveríamos apenas deixar que siga em frente.”

Sob a luz cruel, ele cresceu vividamente diante dela, o cabelo negro e despenteado escapando por cima da gola, os olhos grandes e escuros varrendo o rosto de Fiona com movimentos rápidos, alertas para captar qualquer logro ou notas falsas. Das cobertas subiu um aroma de talco ou sabão, e de seu hálito algo tênue e metálico. Sua dieta de remédios.

“Bom”, ele disse com entusiasmo. “Qual é a sua impressão até agora? Como estou me saindo?”

Estava mesmo brincando com ela, atraindo-a para outro terreno, para uma

região mais rústica, onde poderia dançar em volta dela, instigá-la a dizer outra vez algo inapropriado e interessante. Ocorreu a Fiona que aquele jovem precoce pudesse estar apenas entediado, insuficientemente estimulado e que, ao ameaçar a própria vida, passara a encenar um drama fascinante no qual era o principal ator de cada cena, conseguindo trazer para a beira de seu leito um cortejo de adultos importantes e importunos. Fosse esse o caso, ela gostaria ainda mais dele. Uma grave doença não era capaz de sufocar sua vitalidade.

Assim, como ele estaria se saindo? “Muito bem até agora”, ela disse, consciente de que assumia um risco. “Você dá a impressão de ser alguém que sabe o que quer.”

“Obrigado”, ele disse com uma voz ironicamente doce.

“Mas pode ser apenas impressão.”

“Eu gosto de dar uma boa impressão.”

Seu estilo e seu humor tinham um coeficiente de tolice que de fato às vezes acompanha uma grande inteligência. E que lhe servia de proteção. Ele sem dúvida estava muito assustado. Era chegada a hora de fazê-lo pôr os pés no chão.

“E, se você sabe o que quer, não vai se recusar a discutir questões práticas.”

“Pode começar.”

“O consultor médico diz que, se puder fazer a transfusão e elevar sua contagem sanguínea, vai acrescentar a seu tratamento dois remédios muito eficazes que lhe darão uma boa chance de se recuperar por completo e relativamente em pouco tempo.”

“Sei.”

“E que sem a transfusão você pode morrer. Entende isso, não entende?”

“Estou sabendo.”

“E há outra possibilidade. Preciso estar certa de que você a considerou. Não a morte, Adam, mas uma recuperação parcial. Você poderia ficar cego, poderia sofrer um dano cerebral ou seus rins poderiam falhar. Será que agradaria a Deus ter você cego ou mentalmente incapaz, ou fazendo diálise pelo resto da sua vida?”

Sua pergunta ia além do limite, do limite legal. Ela deu uma olhada para o canto sombrio onde Marina estava sentada. Ela usava a revista para apoiar um caderno de notas e escrevia se valendo só do tato. Não levantou a vista.

Adam olhava fixamente para um ponto acima da cabeça de Fiona. Com um estalido molhado, umedeceu os lábios com a língua coberta por uma película branca. Agora havia um quê amuado em sua voz.

“Se a senhora não crê em Deus, não devia estar falando sobre o que agrada a ele ou não.”

“Eu não disse que não acredito. Gostaria de saber se você considerou isso com todo o cuidado, o fato de que pode ficar pelo resto da vida doente e incapaz,

mentalmente, fisicamente ou as duas coisas.”

“Eu odiaria isso, odiaria.” Ele virou o rosto depressa, numa tentativa de esconder as lágrimas que subitamente marejaram seus olhos. “Mas, se é isso que acontece, tenho que aceitar.”

Ficou nervoso, evitando olhá-la nos olhos, envergonhado por deixá-la ver como tinha sido fácil esvaziar sua convicção. O cotovelo dobrado era ossudo e frágil. Sabe-se lá por quê, ela pensou em receitas, frango assado com manteiga, estragão e limão, berinjelas cozidas com tomates e alho, batatas ligeiramente fritas em azeite. Levar aquele menino para casa e alimentá-lo.

Tinham feito um bom progresso, atingido um novo patamar, e ela estava prestes a dar seguimento com uma nova pergunta quando a enfermeira caribenha entrou e escancarou a porta. Do lado de fora, como se convocado por sua fantasia de preparar comida, estava um jovem com um paletó de algodão marrom, pouco mais velho que Adam, ao lado de um carrinho cheio de recipientes de aço escovado.

“Posso trazer seu jantar depois”, disse a enfermeira. “Mas só daqui a meia hora.”

“Se der para você aguentar”, disse Fiona a Adam.

“Dá, sim.”

Fiona se levantou da cadeira para permitir que a enfermeira fizesse uma verificação de rotina no paciente e em seus monitores. Deve ter notado seu estado emocional e a umidade em torno dos olhos, porque secou o rosto dele com a mão antes de sair, sussurrando de forma audível: “Trata de prestar atenção no que essa senhora tem pra te dizer”.

A interrupção alterou o clima no quarto. Quando Fiona voltou a se sentar, não fez a pergunta que tencionava. Em vez disso, apontou com a cabeça na direção dos papéis em meio à mixórdia sobre a cama. “Ouvi dizer que você tem escrito poesia.”

Ela imaginou que Adam rejeitaria a deixa por achá-la intrometida ou condescendente, mas ele deu a impressão de se sentir aliviado com a mudança de assunto, uma reação sincera, sem intenções defensivas. Fiona notou também como seu estado de espírito se alterava velozmente.

“Acabei uma coisa não faz muito tempo. Posso ler para a senhora, se quiser. É bem pequeno. Mas espera um minuto.” Ajeitou o corpo de lado para encará-la. Antes de falar, umedeceu os lábios ressequidos. Outra vez a língua recoberta com uma película branca. Em outro contexto poderia ser algo bonito, uma novidade cosmética.

Ele perguntou em tom de confidência: “Como é que chamam a senhora no tribunal? É ‘Sua Excelência?’”.

“Geralmente é ‘Meritíssima’.”

“Meritíssima? Isso é fantástico! Posso chamá-la assim?”

“Fiona seria melhor.”

“Mas quero chamá-la de Meritíssima. Por favor.”

“Tudo bem. E o poema?”

Ele se recostou de novo nos travesseiros para recuperar o fôlego, e ela esperou. Por fim, o esforço para alcançar uma folha de papel perto de seu joelho provocou uma tosse debilitada. Terminado o acesso, sua voz estava fraca e roufenha. Fiona não percebeu nenhuma ironia na forma em que agora se dirigia a ela.

“A coisa estranha, Meritíssima, é que só comecei a escrever minhas melhores poesias depois que fiquei doente. Por que a senhora acha que isso aconteceu?”

“Você é que tem de me dizer.”

Ele deu de ombros. “Gosto de escrever no meio da noite. Todo o prédio para de funcionar, só se ouve um zumbido estranho e profundo, impossível de ouvir durante o dia. Escuta.”

Os dois escutaram. Lá fora ainda haveria mais quatro horas de luz, àquela altura o trânsito estava no auge. Ali parecia ser de madrugada, mas ela não conseguiu ouvir o zumbido. Estava começando a se dar conta de que a qualidade que o definia era a inocência, uma inocência pura e excitável, uma franqueza infantil que podia ter algo a ver com a natureza fechada da seita. A congregação, de acordo com o que lera, era encorajada a manter seus filhos tão distantes quanto possível de pessoas de fora. Muito semelhante aos judeus ultraortodoxos. Os adolescentes da família de Fiona, tanto as garotas quanto os rapazes, bem cedo se tinham protegido com uma dura e reluzente camada de esperteza mundana. A postura exagerada que assumiam era de certa forma encantadora, uma ponte necessária para a vida adulta. A falta de traquejo de Adam inspirava carinho, mas o deixava vulnerável. Ela se emocionou com sua delicadeza, com o modo como olhava ferozmente para o papel, talvez tentando ouvir antecipadamente o poema através dos ouvidos dela. Fiona concluiu que ele devia ser muito amado em casa.

Adam olhou de relance para ela, respirou fundo e começou.

*Eu era feliz até cair no mais negro abismo
Quando o martelo de Satã feriu minh'alma
Com golpes longos e lentos como os de um ferreiro,
E me esmagou.*

*Mas Satã fez com isso um tecido de ouro batido
Que refletiu sobre todo o rebanho o amor de Deus.
Na áurea luz o caminho se iluminou
E me salvei.*

Ela esperou no caso de haver mais, porém ele deixou o papel na cama, recostou-se e olhou para o teto enquanto falava:

“Escrevi esse poema depois que um dos anciãos, o sr. Crosby, me disse que, se acontecesse o pior, isso teria um efeito fantástico sobre todo mundo.”

Fiona murmurou: “Ele disse isso?”.

“Ia encher nossa igreja de amor.”

Ela resumiu para ele. “Quer dizer que Satã golpeia você com seu martelo e, sem querer, esmaga sua alma até transformá-la numa folha de ouro batido que reflete o amor de Deus sobre todo mundo. Por isso você é salvo, não importando muito que esteja morto.”

“Meritíssima, a senhora entendeu perfeitamente”, o rapaz exclamou, muito excitado. Precisou parar de novo para recobrar o fôlego. “Acho que as enfermeiras não entenderam, exceto a Donna, a que veio aqui agorinha mesmo. O sr. Crosby vai tentar publicar o poema na revista *A Sentinela*.”

“Seria maravilhoso. Você pode ter um belo futuro como poeta.”

Ele sorriu, sem se deixar iludir pelo sentido da frase.

“O que seus pais acham dos seus poemas?”

“Minha mãe gosta muito, papai acha que estão bem mas que gastam a energia de que preciso para ficar bom.” Virou-se outra vez de lado para encará-la. “Mas o que é que a Meritíssima acha? O título deste é ‘O martelo’.”

Havia tanta fome em seu olhar, um tamanho desejo de contar com a aprovação dela, que ela hesitou. Por fim, disse: “Acho que ele tem uma ponta, mas uma pontinha bem pequena, veja bem, de um verdadeiro talento poético”.

Ele continuou a olhá-la fixamente, o semblante inalterado, querendo mais. Ela achou que soubesse o que estava fazendo, porém naquele instante sua mente se esvaziou. Não queria desapontá-lo e não tinha o hábito de falar sobre poesia.

“Por que a senhora diz isso?”

Ela não sabia de pronto. Teria ficado contente se Donna voltasse para se ocupar do equipamento e do paciente, enquanto ela iria até a janela impossível de abrir e contemplaria o gramado central de Wandsworth decidindo o que dizer. Mas a enfermeira não voltaria nos próximos quinze minutos. Fiona teve a esperança de que, se começasse a falar, descobriria o que pensava. Era como quando estava na escola. Naquela época, em geral se saía bem.

“O formato, aquelas duas frases curtas que equilibram as coisas, você está amassado e está salvo, a segunda superando a primeira — gostei disso. E gostei dos golpes do ferreiro...”

“Longos e lentos.”

“Isso mesmo, longos e lentos é bom. E é bastante conciso, como costumam ser alguns dos melhores poemas curtos.” Ela sentiu que sua confiança retornava. “Suponho que esteja nos dizendo que da adversidade, de um momento terrível, alguma coisa de bom pode resultar. Não é isso?”

“É.”

“E não acho que alguém precise acreditar em Deus para compreender ou apreciar esse poema.”

Ele refletiu por alguns segundos e disse: “Acho que precisa”.

“Você acha que deve sofrer para ser um bom poeta?”

“Acho que todos os grandes poetas têm que sofrer.”

“Entendo.”

Fingindo ajustar a manga, ela esticou o braço para baixo e deu uma olhada rápida no relógio. Necessitava voltar em breve para o tribunal a fim de proferir a sentença.

Mas ele tinha notado o gesto. “Não vai embora ainda”, ele disse baixinho. “Espera o meu jantar chegar.”

“Está bem. Adam, me diga, o que seus pais acham?”

“Mamãe está lidando melhor com tudo isso. Aceita as coisas, sabe? Obediência a Deus. E é muito prática, tomou todas as providências, falou com os médicos, arranjou esse quarto maior do que os outros, encontrou um violino para mim. Mas papai está se arrebetando. Está acostumado a tomar conta de máquinas pesadas, de fazer as coisas funcionarem.”

“E recusando uma transfusão?”

“O que é que tem isso?”

“O que seus pais dizem a você?”

“Não há muito o que dizer. Nós sabemos o que é certo.”

Ao dizer isso olhando nos olhos de Fiona e sem nenhum desafio na voz, ela acreditou totalmente que Adam e seus pais, a congregação e os anciãos sabiam o que era certo para eles. Sentiu-se desagradavelmente inconsequente, esvaziada, sem rumo. Ocorreu-lhe a noção sacrílega de que não importava muito uma coisa ou outra, que o menino vivesse ou morresse. Tudo continuaria essencialmente como antes. Tristeza profunda, talvez um amargo remorso, doces recordações, e então a vida se lançaria de novo para a frente, e esses três sentimentos iriam se esvaindo à medida que os que o amavam envelhecessem e morressem, até tudo perder o sentido. Religiões e sistemas morais, inclusive os dela, eram como picos numa majestosa cordilheira vista muito ao longe, nenhum deles claramente mais alto, mais importante, mais verdadeiro que os outros. Julgar o quê?

Ela balançou a cabeça para dissipar tal pensamento. Esperando na fila estava a pergunta que se aprestava a fazer quando Donna chegou. Tão logo a fez, se sentiu melhor.

“Seu pai explicou alguns argumentos religiosos, mas quero ouvi-los com suas próprias palavras. Por que exatamente você não quer receber uma transfusão de sangue?”

“Porque é errado.”

“Continue.”

“E Deus nos disse que é errado.”

“Por que é errado?”

“Por que uma coisa é errada? Porque sabemos que é. Tortura, assassinato, mentira, roubo. Mesmo que a gente obtenha boas informações de uma pessoa má porque as torturamos, sabemos que isso está errado. Sabemos porque Deus nos ensinou. Mesmo que...”

“A transfusão é o mesmo que uma tortura?”

Marina se mexeu em seu canto. Adam, falando aos solavancos, arquejante, avançou na explicação. A transfusão e a tortura só eram semelhantes por serem ambas erradas. Sabíamos disso em nosso coração. Citou o Levítico e os Atos, dissertou sobre o sangue como essência, sobre a palavra literal de Deus, sobre contaminação, falando como um aluno inteligente do ensino médio, o mais brilhante debatedor do colégio. Os olhos escuros, cor de violeta, brilhavam sob o efeito de suas palavras. Fiona reconheceu certas frases ditas pelo pai. Mas Adam as pronunciou como se fosse o descobridor de fatos elementares, o formulador da doutrina, e não seu destinatário. Ela estava ouvindo um sermão reproduzido fiel e apaixonadamente. Ele se apresentou como porta-voz de sua seita quando disse que ele e a congregação só desejavam ser deixados em paz para viver segundo o que sabiam ser verdades evidentes.

Fiona se mostrou atenta, sustentando o olhar do rapaz, vez por outra assentindo com a cabeça; quando por fim houve uma pausa natural, ela se pôs de pé e disse: “Só para ficar claro, Adam. Você entende que só depende de mim decidir o que melhor serve a seus interesses? Se eu decidir que o hospital pode legalmente fazer a transfusão contra sua vontade, o que é que você vai achar?”.

Ele estava se empertigando na cama e respirando fundo, e deu a impressão de se encolher um pouco ao ouvir a pergunta, mas sorriu: “Eu ia achar que a Meritíssima era muito intrometida”.

Foi uma mudança tão inesperada de timbre, um comentário tão absurdamente brando, e a surpresa de Fiona tão óbvia para ele, que ambos começaram a rir. Marina, que no momento recolhia a bolsa e seu caderno de notas, parecia perplexa.

Fiona olhou para o relógio, desta vez abertamente, e disse: “Acho que você deixou bem claro que sabe o que quer, tanto quanto qualquer um de nós seria capaz de fazê-lo”.

Ele retrucou com a necessária solenidade: “Muito obrigado. Vou dizer a meus pais hoje à noite. Mas não vá embora. Meu jantar ainda não chegou. Que tal outro poema?”.

“Adam, preciso voltar ao tribunal.” No entanto, ela também estava desejosa de desviar a conversa sobre o estado de saúde dele. Viu o arco sobre a cama, parcialmente na sombra.

“Depressa, antes que eu vá, me mostre seu violino.”

O estojo estava no chão perto de um armário e debaixo da cama. Ela o pegou e pôs no colo dele.

“É só um violino para iniciantes.” Mas o retirou com extremo cuidado, mostrou a ela e juntos admiraram a madeira torneada, marrom-escura com bordas pretas e volutas delicadas.

Ela pôs a mão na superfície envernizada e Adam pousou a dele ao lado. Fiona disse: “São belos instrumentos. Sempre penso que há algo de humano no formato deles”.

Adam estava pegando o livro de lições na mesa de cabeceira. Ela não tencionava ouvi-lo tocar, mas não podia impedir. Sua doença e sua avidez inocente o tornavam invencível.

“Estou estudando há um mês e sei tocar dez músicas.” A bazófia também tornava impossível desviá-lo de seu propósito. Ele virava as páginas impacientemente. Fiona olhou na direção de Marina e deu de ombros.

“Mas essa é a mais difícil até agora. Dois sustenidos. Ré maior.”

Fiona estava vendo a partitura de cabeça para baixo. Ela disse: “Talvez na verdade seja si menor”.

Ele não a ouviu. Já se sentava, com o violino alojado sob o queixo e, sem parar para afinar as cordas, começou a tocar. Ela conhecia bem aquela bela e triste melodia, uma canção tradicional da Irlanda. Junto com Mark Berner, tinha executado o acompanhamento musical composto por Benjamin Britten para o poema de Yeats “Down by the Salley Gardens”. Era uma das peças que tocavam como bis. Adam naturalmente a executou com rangidos e sem vibratos, mas as notas estavam corretas com uma ou duas exceções. A melodia melancólica e o modo como foi interpretada, tão esperançoso e tão puro, expressavam tudo o que ela começava a entender sobre o rapaz. Fiona sabia de cor as palavras de desgosto do poeta. *Mas eu era jovem e tolo...* Ouvir Adam a emocionou, além de surpreendê-la. Querer tocar violino ou qualquer instrumento era uma demonstração de esperança, implicava um futuro.

Quando terminou, ela e Marina aplaudiram e, da cama, Adam fez uma reverência desajeitada.

“Estupendo!”

“Fantástico!”

“E só em um mês!”

Fiona, para conter sua emoção, acrescentou um comentário técnico. “Lembre sempre que, nesse tom, o dó é sustenido.”

“Ah, sim. São tantas coisas para pensar ao mesmo tempo.”

Ela então fez uma proposta muito distante de qualquer coisa que esperava de si própria, correndo o risco de solapar sua autoridade. A situação e o próprio quarto, isolado do mundo em seu perpétuo lusco-fusco, podem ter estimulado uma tendência à imoderação, mas antes de tudo foi o desempenho de Adam, sua

expressão de afincado ardoroso, os sons rangentos nascidos da falta de maestria, tão expressivos de seu entusiasmo sem malícia, que mexeram profundamente com ela e provocaram a sugestão impulsiva.

“Então toque de novo que eu vou acompanhar cantando.”

Marina se levantou, franzindo a testa, talvez se perguntando se deveria intervir.

Adam disse: “Não sabia que tinha uma letra”.

“Ah, sim, dois versos lindos.”

Com comovente solenidade, ele levou o violino ao queixo e olhou para Fiona. Quando começou a tocar, ela ficou satisfeita de atingir as notas altas com facilidade. Sempre tivera um orgulho secreto de sua voz, sem muitas oportunidades de usá-la fora do coral da Gray's Inn, quando ainda participava dele. Desta vez o violonista se lembrou do dó sustenido. No primeiro verso estavam testando os limites, quase se desculpando, mas no segundo seus olhares se encontraram e, esquecendo de todo Marina, que agora estava perto da porta e parecia pasma, Fiona cantou mais alto, enquanto o uso canhestro do arco por Adam se revelou mais ousado, ambos crescendo no espírito plangente daquela visão do passado.

Num campo junto ao rio, meu amor pousou de leve

A mão branca como a neve

No meu ombro inclinado, me dizendo

Que levasse a vida com leveza,

Como o capim cresce na margem da represa;

Mas eu era jovem e tolo, e hoje só me resta chorar.

Ao terminarem, o rapaz de paletó marrom estava entrando no quarto com seu carrinho, as tampas de aço escovado tilintando alegremente. Marina se encaminhou para o posto das enfermeiras.

Adam disse: “‘No meu ombro inclinado’ é bom, hein? Vamos tocar outra vez.”

Fiona balançou a cabeça enquanto tomava o violino das mãos dele e o guardava no estojo. “‘Me dizendo que levasse a vida com leveza’,” citou para ele.

“Fica mais um pouquinho. Por favor.”

“Adam, eu realmente preciso ir.”

“Então me dê seu e-mail.”

“Exma. Sra. Juíza Maye, Tribunais Reais de Justiça, Strand. Lá você me encontra.”

Ela segurou por um instante o pulso fino e frio dele e depois, não querendo ouvir um novo protesto ou um pedido de Adam, caminhou em direção à porta sem olhar para trás, deixando de responder à pergunta que ele fez com voz débil às suas costas.

“A senhora vai voltar?”

O retorno ao centro de Londres foi mais rápido e, no trajeto, as duas mulheres não se falaram. Enquanto Marina fazia uma longa chamada telefônica para seu marido e filhos, Fiona escreveu notas a serem usadas no julgamento. Entrou no tribunal pela porta principal e seguiu imediatamente para seu gabinete, onde Nigel Pauling a esperava. Ele confirmou que tinham sido tomadas todas as providências para que o Tribunal de Recursos se reunisse no dia seguinte, se necessário convocado com uma hora de antecedência. Além disso, a sessão desta noite havia sido transferida para uma sala suficientemente grande a fim de acomodar todos os profissionais de imprensa.

Eram nove e quinze quando ela entrou e todos se puseram de pé. Enquanto se acomodavam nos assentos, ela sentiu a impaciência dos jornalistas. Para os jornais, aquela não era uma hora conveniente. Na melhor das hipóteses, se a juíza fosse sucinta, a história estaria pronta para aparecer nas últimas edições. Diretamente à frente dela, como antes, os diversos representantes das partes e Marina Greene ocupavam um amplo espaço, mas o sr. Henry se encontrava sozinho atrás de seu advogado, sem a esposa.

Tão logo se sentou, Fiona iniciou as observações introdutórias.

“As autoridades de um hospital solicitam a permissão desta corte para tratar contra sua vontade um adolescente, A, empregando procedimentos corriqueiros que os médicos consideram tecnicamente adequados, incluindo, neste caso, transfusões de sangue. Elas buscam tal autorização mediante uma ordem específica. O pedido foi feito há quarenta e oito horas sem consulta à outra parte. Como magistrada de plantão, deferi o pedido sujeito a determinadas condições. Acabo de voltar de uma visita a A no hospital, onde estive acompanhada pela sra. Marina Greene, que representa o serviço de assistência à Vara da Família. Fiquei com ele por uma hora. É evidente que se encontra extremamente enfermo. No entanto, seu intelecto não está nem um pouco afetado, e ele foi capaz de expressar seu desejo com absoluta clareza. O médico assistente afirmou a esta corte que a partir de amanhã a situação de A se tornará uma questão de vida ou morte, motivo pelo qual realizo o julgamento tão tarde numa noite de terça-feira.”

Fiona declinou o nome dos diversos advogados e agradeceu a eles, a Marina Greene e ao hospital por terem-na ajudado num caso difícil que precisava ser resolvido com rapidez.

“Os pais se opõem à solicitação com base em sua fé religiosa, que é manifestada serenamente e fruto de profunda convicção. O filho deles também objeta e demonstra boa compreensão dos princípios religiosos, possuindo considerável maturidade e capacidade de articulação verbal para a sua idade.”

Descreveu a seguir a evolução da enfermidade, a leucemia, o tratamento usual que em geral produzia bons resultados. Mas dois dos remédios comumente administrados causavam anemia, que necessitava ser combatida mediante transfusões de sangue. Resumiu os argumentos do médico assistente, enfatizando a contagem declinante de hemoglobina e os prognósticos sombrios caso isso não fosse revertido. Ela podia confirmar pessoalmente que a falta de ar de A era agora patente.

A contestação ao pedido se fundamentava em três argumentos principais. O primeiro era o de que, como lhe faltavam três meses para completar dezoito anos e ele era muito inteligente, conhecendo as consequências de sua decisão, Adam devia ser tratado como possuidor da “competência de Gillick”. Em outras palavras, seria tão capaz de ter suas decisões reconhecidas quanto qualquer adulto. Em segundo lugar, que a recusa de tratamento médico constituía um direito humano básico, razão por que a corte deveria mostrar relutância em intervir. E que, por fim, a fé religiosa de A era genuína e devia ser respeitada.

Fiona abordou os seguintes pontos. Agradeceu ao advogado dos pais de A por ter chamado sua atenção para a seção 8 da emenda de 1969 à Lei da Família: o consentimento de uma pessoa de dezesseis anos “será tão eficaz como o seria se ele já houvesse alcançado a maioridade”. Listou as condições relativas à “competência de Gillick”, citando Scarman no processo. Reconheceu a distinção entre a circunstância de uma criança competente com menos de dezesseis anos consentir num tratamento, possivelmente contra a vontade dos pais, e de uma criança de menos de dezoito recusar um tratamento passível de salvar sua vida. Do que percebera naquela noite, estaria ela convencida de que A tinha uma compreensão absoluta das implicações de serem aceitas sua vontade e a de seus pais?

“Ele é sem dúvida uma criança excepcional. Posso mesmo dizer, como o fez uma das enfermeiras hoje à noite, que se trata de um menino adorável, com o que certamente concordam seus pais. Ele tem uma capacidade de compreensão excepcional para um jovem de dezessete anos. Mas creio que possui um entendimento limitado da provação que deve confrontar, do pavor que o invadiria à medida que seu sofrimento e sua impotência aumentassem. Na verdade, ele tem uma noção romântica do que seja sofrer. Entretanto...”

Deixou a palavra pendurada no ar, e o silêncio na sala se adensou enquanto ela passava os olhos pelas anotações.

“Entretanto, em última análise não me deixo influenciar pelo fato de que ele tenha ou não a compreensão absoluta de seu estado. Em vez disso, sou guiada pela decisão do juiz Ward, como era chamado na época, com referência ao menor E, em julgamento que também envolveu um adolescente que pertencia às testemunhas de Jeová. Naquela oportunidade, ele afirmou: ‘Assim, é o bem-estar da criança que preside a minha decisão, e cumpre a mim decidir o que dita o

bem-estar de E'. Essa observação foi cristalizada na clara prescrição da Lei da Criança de 1989, que garante nas duas primeiras linhas a primazia do bem-estar do menor. Entendo 'bem-estar' como englobando 'felicidade' e 'interesses'. Também sou obrigada a levar em conta a vontade de A. Como já observei, ele a expressou claramente a mim, como o fez seu pai perante esta corte. De acordo com as doutrinas de sua religião, derivadas de uma interpretação peculiar de três passagens da Bíblia, A se recusa a aceitar a transfusão de sangue que provavelmente salvará sua vida.

"É um direito fundamental dos adultos recusarem qualquer tratamento médico. Tratar um adulto contra sua vontade significa cometer o crime de agressão. A está próximo da idade em que pode tomar uma decisão por sua conta e risco. O fato de estar preparado para morrer por suas crenças religiosas demonstra quão profundas elas são. O fato de que seus pais estão preparados para sacrificar um filho muito querido por causa de sua fé revela o poder da crença a que as testemunhas de Jeová obedecem."

Mais uma vez ela parou e o público aguardou.

"É precisamente esse poder que me faz refletir, porque A, com seus dezessete anos, conheceu muito pouco fora do turbulento terreno das ideias religiosas e filosóficas. Não faz parte dos métodos dessa seita cristã encorajar o debate aberto e a discordância na congregação, cujos membros são por eles chamados — de forma correta, alguém poderia dizer — de 'as outras ovelhas'. Não creio que a mente de A e suas opiniões lhe pertençam inteiramente. Durante toda a infância ele esteve exposto sem interrupção a uma visão do mundo monocromática e poderosa, a cujo condicionamento não poderia escapar. Não promoverá seu bem-estar sofrer uma morte desnecessária e agonizante, para assim se transformar num mártir de sua fé. As testemunhas de Jeová, como outras religiões, têm uma noção nítida do que nos aguarda após a morte, e as predições deles sobre o fim dos dias, sua escatologia, são também rígidas e muito detalhadas. Este tribunal não tem opinião alguma sobre a vida no Além, que, de qualquer forma, certo dia A descobrirá, ou deixará de descobrir, por conta própria. Até lá, presumindo uma boa recuperação, o bem-estar dele será mais bem servido por seu amor pela poesia, por sua recém-descoberta paixão pelo violino, pelo aproveitamento de sua viva inteligência e pelas manifestações de uma natureza brincalhona e afetuosa, por toda a vida e o amor que se abrem à sua frente. Em suma, entendo que A, seus pais e os anciãos da igreja tomaram uma decisão que é hostil ao bem-estar de A, o qual constitui a principal consideração desta corte. Ele precisa ser protegido de tal decisão. Precisa ser protegido de sua religião e de si mesmo.

"Esta não foi uma questão simples de resolver. Ponderei cuidadosamente a idade de A, o respeito devido à sua fé e a dignidade do indivíduo contida no direito de recusar tratamento. A meu juízo, sua vida é mais preciosa do que essa

dignidade.

“Em consequência, nego a vontade de A e de seus pais. Minha ordem é que não seja necessário obter a concordância para a transfusão de sangue do primeiro e segundo contestantes, que são os pais, e a concordância para a transfusão de sangue do terceiro contestante, que é o próprio A. Desse modo, o hospital demandante está legalmente autorizado a aplicar em A os tratamentos médicos que julgue necessários, no entendimento de que podem administrar sangue e produtos dele derivados mediante transfusão.”

* * *

Eram quase onze da noite quando Fiona iniciou a caminhada para casa ao sair do tribunal. Àquela hora, os portões estavam trancados e não era possível cortar caminho por dentro da Lincoln's Inn. Antes de dobrar na Chancery Lane, ela desceu um pequeno trecho da Fleet Street para comprar uma refeição pronta numa loja de conveniência que ficava aberta a noite inteira. Na noite anterior, isso teria sido uma missão deprimente, mas ela estava sentindo a cabeça leve, talvez porque não se alimentava decentemente fazia dois dias. Na loja apertada e excessivamente iluminada, os alimentos com embalagens berrantes — vermelhos e roxos explosivos, amarelos de manchas solares — pulsavam nas prateleiras em sintonia com seus batimentos cardíacos. Ela comprou uma torta de peixe congelada e examinou várias frutas antes de se decidir. No caixa, atropalhou-se com o dinheiro, deixando cair moedas no chão. O ágil rapaz asiático que trabalhava na máquina registradora impediu com o pé que as moedas rolassem e, lhe dando um sorriso protetor, as pôs de volta na mão dela. Fiona se imaginou através dos olhos dele ao observar a expressão de grande cansaço dela, ignorando ou sendo incapaz de apreciar o corte elegante do casaco e vendo apenas uma dessas velhotas inofensivas que viviam e comiam sozinhas, já um tanto incapazes, andando pelas ruas tarde da noite.

Ela estava cantando “The Salley Gardens” com os lábios fechados enquanto seguia pela High Holborn. A sacola contendo as frutas e o sólido invólucro do jantar se chocava agradavelmente contra sua perna. A torta seria aquecida no micro-ondas enquanto ela se preparava para ir se deitar, e a comeria já de camisola em frente ao canal de notícias; depois disso, nada se interporia entre ela e o sono. Nenhum estímulo químico. No dia seguinte havia um divórcio de gente graúda — um guitarrista famoso e uma esposa quase famosa, cantora de música romântica, com um excelente advogado e desejando abocanhar boa parte dos vinte e sete milhões de libras do marido. Algodão-doce comparado com hoje, mas o interesse da imprensa seria igualmente intenso, a lei igualmente solene.

Dobrou na Gray's Inn, seu santuário. Era sempre gostoso ver como o

barulho do tráfego ia cessando à medida que caminhava. Uma comunidade fechada de certo valor histórico, uma fortaleza de advogados e magistrados que também eram músicos, amantes do bom vinho, pseudoescritores, pescadores que usavam como iscas moscas artificiais, contadores de histórias. Um ninho de fofocas e perícia profissional, além de um jardim delicioso ainda visitado pelo fantasma de Francis Bacon. Ela amava o lugar e não queria sair dali nunca.

Entrou no prédio, verificou que a minuteria estava ligada, subiu até o segundo andar, ouviu o rangido costumeiro do quarto e sétimo degraus e, ao atingir o último lance da escada, viu tudo e entendeu imediatamente. Seu marido estava lá, se levantando naquele momento com um livro na mão; atrás dele, a mala encostada à parede havia servido como uma espécie de assento, tendo ao lado, no chão, o paletó junto à valise aberta de onde escapavam diversos papéis. Trancado do lado de fora, trabalhando enquanto esperava. E por que não? Roupas amarrotadas, semblante irritado. Trancado do lado de fora e esperando fazia muito tempo. Sem dúvida não estava ali para buscar camisas limpas e livros, não se trazia a mala. Seu primeiro pensamento, melancólico e egoísta, foi que agora teria de dividir o jantar calculado para uma só pessoa. Então pensou que não seria necessário. Preferia não comer.

Subiu os últimos degraus até alcançar o patamar, sem dizer uma única palavra enquanto procurava na bolsa as chaves, as chaves novas, e o contornava a caminho da porta. Ele que falasse primeiro.

O tom foi de queixume: “Telefonei a noite toda”.

Ela abriu a porta e entrou sem olhar para trás; deixou as compras na cozinha e parou. Seu coração batia forte demais. Ouviu a respiração mal-humorada dele ao trazer a bagagem para dentro. Se era para haver uma confrontação, que ela não desejava, não agora, a cozinha era um espaço confinado demais. Pegou sua pasta e foi rapidamente para a sala de visitas, ocupando seu lugar de sempre na *chaise longue*. Espalhar algumas páginas em volta de onde estava sentada era uma forma de proteção. Sem isso, não saberia o que fazer de si.

O ruído da mala sendo arrastada pelo corredor e para dentro do quarto soou para ela como uma jogada de abertura. E um insulto. Pela força do hábito, tirou o sapato e apanhou um documento ao acaso. O guitarrista tinha uma casa de alto padrão em Marbella. A crooner de canções românticas queria a casa. Mas, antes mesmo do casamento, ele a adquirira da ex-mulher, dando em troca a casa da família no centro de Londres. E essa primeira esposa a havia ganho num acerto de divórcio com um ex-marido. Irrelevante, Fiona não se furtou a declarar.

Um estalido no assoalho a fez olhar para cima. Jack parou na porta antes de preparar um drinque. Vestia uma calça jeans e uma camisa branca desabotoada no peito. Será que se imaginava desejável? Reparou que ele não

fizera a barba. Até mesmo do outro lado da sala os pelos pareciam grisalhos. Patético, ambos eram patéticos. Ele se serviu de um uísque e levantou a garrafa na direção dela. Fiona disse não com a cabeça. Ele deu de ombros e atravessou a sala para se sentar em sua poltrona. Ela era uma desmancha-prazeres, não sabia aproveitar o bom momento. Ele se acomodou com um suspiro de quem se sente em casa. A poltrona dele, a *chaise longue* dela, outra vez a vida de casados. Ela olhou para a página em sua mão, a narrativa feita pela esposa do mundo desejável do guitarrista, impossível de absorver. Fez-se silêncio enquanto ele bebia e ela olhava através da sala para nada em especial.

Então ele disse: “Olha, Fiona, eu te amo”.

Depois de alguns segundos, ela disse: “Prefiro que você durma no quarto de hóspedes”.

Ele baixou a cabeça em sinal de concordância. “Vou pegar minha mala.”

Jack não se levantou. Ambos conheciam a vitalidade do não dito, cujos espíritos invisíveis dançavam agora em volta deles. Ela não lhe dissera para se manter fora do apartamento, aceitando tacitamente que ele podia dormir lá. Ele não lhe dissera ainda se a especialista em estatística o havia mandado embora, ou se ele tinha mudado de opinião, ou se já havia experimentado um êxtase suficiente para durar até o túmulo. A mudança das fechaduras não fora comentada. Ele provavelmente achou estranho Fiona ter chegado tão tarde. Ela mal suportava olhar para ele. O que se fazia necessário agora era uma briga, com vários capítulos se estendendo ao longo do tempo. Talvez houvesse algumas digressões rancorosas, o arrependimento de Jack poderia vir embrulhado em reclamações, talvez demorasse meses até ela recebê-lo na cama, o fantasma da outra mulher era capaz de pairar entre eles para sempre. Mas eles provavelmente encontrariam uma forma de recuperar, mais ou menos, o que haviam tido antes.

A ideia do imenso esforço envolvido e da previsibilidade do processo a cansou ainda mais. No entanto, ela estava obrigada a segui-lo. Como se, por contrato, devesse escrever um manual de direito enfadonho mas necessário. Achou que, afinal, gostaria de tomar um drinque, embora isso se parecesse demais com uma celebração. Estava muito longe de uma reconciliação. Acima de tudo, não aguentaria ouvir outra vez que ele a amava. Queria estar sozinha na cama, de costas no escuro, mordiscando uma fruta, deixando o resto cair no chão, até apagar de todo. O que a impedia de fazer isso? Ela se pôs de pé e começou a recolher seus documentos. Foi quando ele começou a falar.

Foi uma torrente, em parte desculpas, em parte autojustificações, algumas das quais ela já ouvira. A mortalidade dele, os anos de total fidelidade, sua avassaladora curiosidade de saber como seria, mas depois que saiu naquela noite, depois que chegou ao apartamento de Melanie, não demorou muito para se dar conta do erro. Ela era uma estranha, ele não a entendia. E quando foram para o

quarto dela...

Fiona levantou a mão em sinal de alerta. Não queria ouvir nada sobre o quarto. Ele fez uma pausa, refletiu, e continuou. Ele era um imbecil, ele percebeu, por se deixar levar por uma necessidade sexual, quando deveria ter dado meia-volta naquela noite no momento em que ela abriu a porta, porém se sentiu envergonhado e obrigado a ir adiante.

Apertando sua pasta contra o estômago, Fiona ficou no centro da sala observando-o, se perguntando como fazê-lo parar. Surpreendia-se que mesmo agora, com o dramalhão conjugal em sua cena de abertura, a canção irlandesa continuasse girando em seu cérebro, o ritmo mais rápido para acompanhar o compasso da fala de Jack, soando ao mesmo tempo mecânica e festiva como se tocada por um realejo de rua. Seus sentimentos eram confusos, obscurecidos pela fadiga e de difícil definição enquanto sobre ela jorravam as palavras chorosas do marido. Sentiu nem tanto fúria ou um ressentimento amargo, conquanto algo mais que mera resignação.

Sim, disse Jack, ao chegar ao apartamento de Melanie ele se sentiu estupidamente obrigado a seguir em frente com o que começara. “E, quanto mais preso na armadilha eu me sentia, mais me dava conta de como eu era um idiota por ameaçar tudo o que temos, tudo o que construímos juntos, este amor que...”

“Tive um dia longo”, ela disse ao atravessar a sala. “Vou pôr sua mala no corredor.”

Parou na cozinha para pegar uma maçã e uma banana em meio às compras postas sobre a mesa. Carregá-las no caminho para o quarto trouxe de volta a felicidade relativa que sentira no trajeto entre o trabalho e a casa. Os primórdios de certa tranquilidade. Difícil de resgatar agora. Abriu a porta e viu a mala dele de pé sobre as rodinhas, placidamente posta junto à cama. Então lhe ocorreu com clareza o que sentia com a volta de Jack. Tão simples. Era desapontamento por ele não ter continuado longe. Só por mais algum tempo. Apenas isso. Desapontamento.

Embora os fatos não o confirmassem, ela teve a impressão de que, no final do verão de 2012, os rompimentos e as crises conjugais ou crises entre parceiros na Grã-Bretanha cresceram como uma maré aberrante de primavera, varrendo lares do mapa, espalhando bens e sonhos esperançosos, afogando quem não tinha um forte instinto de sobrevivência. Promessas de amor foram negadas ou reformuladas, bons companheiros se transformaram em ardilosos combatentes escudados atrás de advogados, sem se importar com os custos. Objetos da casa antes desdenhados eram motivo de amargas disputas, a tranquila confiança de outrora substituída por “acertos” redigidos com todo o cuidado. Na mente dos envolvidos, a história do casamento era reescrita para que ele fosse visto como fadado ao insucesso desde o começo, o amor repaginado como mera ilusão. E os filhos? Peças de um jogo, elementos de barganha a serem usados pelas mães; pretexto para acusações de abusos feitas em geral pelas mães, às vezes pelos pais, embora fossem com frequência fantasiosas ou inventadas com todo o cinismo; crianças em estado de choque indo e vindo semanalmente de uma casa para a outra com base em acordos de guarda compartilhada, o esquecimento de casacos e caixas de lápis sendo comunicado por meio de advogados; crianças condenadas a verem o pai uma ou duas vezes por mês; ou nunca, pois os homens mais audaciosos desapareciam na oficina de ferreiro de um novo e quente matrimônio para forjar outros rebentos.

E o dinheiro? As novas moedas eram as meias verdades e os apelos especiais. Maridos gananciosos contra esposas gananciosas, manobrando como nações ao final de uma guerra, tentando salvar das ruínas todos os despojos que podiam antes da retirada final. Homens ocultavam recursos em contas no exterior, mulheres exigiam para sempre uma vida de conforto. Mães impediam crianças de ver os pais apesar de ordens judiciais; pais se negavam a oferecer sustento aos filhos apesar de ordens judiciais. Maridos agrediam esposas e filhos,

esposas mentiam ou maquinavam ardis, um ou outro, ou ambos, bêbados, viciados em drogas ou psicóticos; e crianças eram obrigadas a tomar conta de pais incapazes, crianças de fato vítimas de abusos sexuais ou mentais, ou ambos, seus depoimentos transmitidos numa tela ao tribunal. E já fora da área de competência de Fiona, em casos julgados pelas cortes criminais e não pelas varas de família, crianças torturadas, mortas de fome ou por espancamento, espíritos maus arrancados de dentro delas em ritos animistas, padrastos jovens e cruéis quebrando ossos de bebês sob os olhares abobalhados e cúmplices das mães, e drogas, álcool, sujeira doméstica extrema, vizinhos indiferentes e seletivamente surdos para não ouvir os gritos, assistentes sociais descuidados ou atarefados demais para intervir.

O trabalho das varas de família não cessava. Era por simples acaso que tantos conflitos conjugais caíssem no colo de Fiona. Pura coincidência que ela própria estivesse vivendo um conflito similar. Naquele setor do Judiciário, não era comum mandar gente para a cadeia, mas, apesar disso, em certos momentos ela tinha vontade de ordenar que fossem encarcerados aqueles demandantes que, à custa dos filhos, desejavam uma mulher mais jovem, um marido mais rico ou menos enfadonho, um bairro mais elegante, novas aventuras sexuais, novos amores, uma nova visão do mundo, um bom reinício antes que fosse tarde demais. A simples busca do prazer. Vulgaridade moral. Sua falta de filhos e a situação com Jack davam forma a esses devaneios e, naturalmente, eles não eram para valer. Entretanto, embora mergulhasse bem fundo em seu reino mental, ela nunca deixava que suas decisões fossem afetadas pelo desprezo puritano que devotava aos homens e às mulheres que destruíam sua família e se persuadiam de que agiam altruisticamente pelo bem de todos. Nesses experimentos intelectuais, ela não teria poupado as pessoas sem filhos ou, pelo menos, não Jack. Um período de contrição atrás das grades por contaminar o casamento deles em nome de uma novidade? Por que não?

Porque, depois do retorno dele, a vida no apartamento da Gray's Inn era lúgubre e silenciosa. Tinha havido brigas durante as quais ela pusera para fora alguns sentimentos amargos. Doze horas depois esses sentimentos se renovavam tão ardentemente quanto os votos matrimoniais, nada mudava, o ar não ficava mais “limpo”. Ela permanecia traída. Ele apimentava suas desculpas com velhas recordações de que ela o isolara, de que era fria. Disse até, certa noite bem tarde, que ela era “uma chata” e havia “perdido a arte de sentir prazer”. De todas as acusações, essas foram as que mais a incomodaram, porque ela percebia serem verdadeiras, o que em nada diminuiu sua raiva.

Pelo menos ele deixara de dizer que a amava. Na troca de palavras mais recente, dez dias antes, fora reiterado tudo o que haviam se dito antes, todas as recriminações, todas as defesas, todas as frases bem formuladas que eram fruto de uma longa elucubração prévia, até que depuseram as armas, cansados um do

outro e de si próprios. Desde então, nada. Moviam-se o dia todo, cada qual cuidando de seus afazeres em diferentes partes da cidade e, quando confinados no apartamento, evitavam cuidadosamente se tocar, como dançarinos numa quadrilha. Eram sucintos e competiam em matéria de cortesia quando forçados a decidir sobre questões referentes à casa, buscavam não comer juntos, trabalhavam em cômodos separados, com a atenção prejudicada pela vívida consciência, através das paredes, da presença radioativa do outro. Sem necessidade de discuti-lo, declinavam todos os convites conjuntos. O único gesto conciliatório dela consistiu em lhe dar uma nova chave.

De comentários evasivos e taciturnos dele, ela deduziu que, no quarto da especialista em estatística, Jack não transpusera os portões do paraíso. O que não era tão tranquilizador. Ele provavelmente iria tentar a sorte em outro lugar, talvez já estivesse tentando, desta vez livre das tristes amarras da honestidade. Suas “aulas de geologia” poderiam ser um bom subterfúgio. Ela se lembrava de haver prometido abandoná-lo se ele fosse em frente com Melanie. Mas Fiona não tinha tempo para desfazer aquele complexo nó. E ainda estava indecisa, não confiava em seu atual estado de espírito. Caso ele houvesse lhe dado mais tempo depois de sair de casa, ela teria chegado a uma decisão clara e se empenhado em terminar o casamento ou reconstruí-lo. Por isso, se entregou ao trabalho na forma usual e resolveu sobreviver dia após dia o drama agora serenado de sua vida com Jack.

Quando uma de suas sobrinhas deixou lá as filhas durante um fim de semana, gêmeas idênticas de oito anos, as coisas ficaram mais fáceis, o apartamento ficou maior, porque as atenções se voltaram para fora. Por duas noites Jack dormiu no sofá da sala de visitas sem que as meninas fizessem perguntas. Pertenciam a um tipo antiquado de crianças que mantinham as costas bem retas, com modos solenes e afetuosos, embora sujeitas a brigas repentinas e explosivas. Uma ou outra — era fácil distinguir as duas — procurava Fiona onde ela estivesse lendo e, postada diante dela, descansando uma mão confiante em seu joelho, despejava uma torrente prateada de historinhas, reflexões e fantasias. Fiona replicava com suas próprias historinhas. Duas vezes, durante aquela visita, aconteceu que, enquanto ela falava, uma onda de amor pela menina contraiu sua garganta e marejou seus olhos. Ela estava se sentindo velha e tola. Incomodava-a relembrar como Jack era bom com as crianças. Correndo o risco de ter uma crise de coluna, como aconteceu certa vez com os três filhos do irmão de Fiona, ele fazia brincadeiras pesadas, de que as meninas participavam com acessos de gritos inumanos. Em casa, a mãe delas, ressentida por causa do divórcio, jamais as jogava para o alto de cabeça para baixo. Ele as levou aos jardins para ensinar uma versão de críquete que tinha inventado, além de ler uma longa história para elas na cama com vibrante energia cômica e talento na imitação das vozes.

Mas um domingo à noite, depois que as gêmeas foram levadas, os aposentos se encolheram, o ar ficou pesado e Jack saiu sem dar explicações —

sem dúvida um ato hostil. Para um encontro amoroso, ela imaginou, enquanto se ocupava arrumando o quarto de hóspedes para impedir que seu moral baixasse ainda mais. Repondo os brinquedos macios na cesta de vime onde residiam, recuperando as contas de vidro e os desenhos rejeitados debaixo da cama, ela sentiu a melancolia mansa e envolvente, uma forma de nostalgia instantânea, que a ausência repentina de crianças pode causar. Aquele sentimento durou até a manhã de segunda-feira e cresceu até se transformar numa tristeza generalizada, que a perseguiu na caminhada para o trabalho. Só começou a se dissipar quando ela se sentou à sua mesa a fim de se preparar para o primeiro caso da semana.

Em algum momento Nigel Pauling deve ter trazido a correspondência, porque a pilha de cartas se encontrava subitamente perto de seu cotovelo. Vendo o pequeno envelope azul-claro em cima de todos, ela quase chamou seu assistente para abri-lo. Não estava com vontade de ler mais uma profusão de agressões verbais de algum analfabeto ou ameaças de violência. Voltou ao trabalho, mas não conseguiu se concentrar. O envelope absurdo, as letras arredondadas, a falta de um código postal, o selo ligeiramente torto — era demais. Mas, olhando uma vez mais, ela reparou no carimbo postal e foi tomada por uma repentina suspeita. Sopesou a carta por um instante e a abriu. No momento seguinte, viu pela saudação que estava certa. Tinha aguardado vagamente por aquilo durante semanas. Havia falado com Marina Greene e soubera que ele estava progredindo bem, já fora do hospital, recuperando em casa o tempo de estudos perdido e esperando voltar à sala de aulas em breve.

Três páginas azul-claras, escritas em cinco lados. O primeiro tinha o número sete dentro de um círculo posto no centro e no alto da página. Acima da data.

Meritíssima!

Esta é minha sétima carta e acho que vai ser a que porei no correio.

As primeiras palavras do parágrafo seguinte tinham sido riscadas.

Vai ser a mais simples e a mais curta. Só quero lhe descrever um acontecimento. Entendo agora como ele foi importante. Mudou tudo. Estou feliz por ter esperado porque não gostaria que a senhora visse as outras cartas. Muito embaraçosas! Mas não tão terríveis como os nomes que lhe chamei quando Donna me anunciou sua decisão. Eu estava certo de que a senhora tinha visto as coisas do meu jeito. Na verdade, guardei perfeitamente o que me disse, que era óbvio que eu sabia o que queria, e lembro que lhe agradeci. Eu ainda estava tendo um ataque de raiva e xingando quando aquele horrível médico assistente, o dr. “me chama de Rodney” Carter, entrou com meia dúzia de pessoas e o equipamento. Eles

pensaram que iam precisar me segurar. Mas eu estava fraco demais e, mesmo furioso, sabia o que a senhora queria que eu fizesse. Por isso, estendi o braço e eles começaram. A ideia de que o sangue de alguém entrava no meu corpo foi tão nojenta que vomitei na cama.

Mas não é isso que quero lhe contar. É o seguinte. Como mamãe não conseguiu assistir, ela ficou sentada do lado de fora do quarto e eu ouvia seu choro, o que me deixou muito triste. Não sei quando papai apareceu. Acho que fiquei desmaiado algum tempo e, quando retomei os sentidos, os dois estavam ao lado da minha cama — ambos chorando, e me senti ainda mais triste porque todos nós estávamos desobedecendo a Deus. Mas o importante, e levei algum tempo para entender isto, é que eles estavam chorando de ALEGRIA! Estavam muito felizes, me abraçando e se abraçando, agradecendo a Deus e soluçando. Eu me senti muito esquisito e não entendi nada por um ou dois dias. Nem pensava naquilo. Então comecei a pensar. Meus pais seguiram os ensinamentos, obedeceram aos anciãos, fizeram tudo certo e podem esperar ser aceitos no paraíso aqui na Terra — e ao mesmo tempo podem me ter vivo sem que nenhum de nós seja expulso da Igreja. Transfusão feita, mas não por culpa nossa! Culpa da juíza, culpa do sistema sem fé, culpa do que às vezes chamamos de “mundo”. Que alívio! Ainda temos nosso filho embora tivéssemos dito que ele devia morrer.

Não sei como interpretar isto. Foi uma fraude? Para mim foi uma mudança de direção. Estou resumindo a história. Quando eles me trouxeram para casa, tirei a Bíblia do meu quarto, simbolicamente a botei virada para baixo numa cadeira do corredor e disse que eu não ia mais voltar ao Salão do Reino, que podiam me expulsar da igreja se quisessem. Tivemos umas brigas horríveis. O sr. Crosby tem vindo me convencer. Nenhuma chance. Estou escrevendo para a senhora porque preciso mesmo falar com a senhora, preciso ouvir sua voz calma e aproveitar sua mente clara para discutir comigo este assunto. Sinto que a senhora me levou para perto de alguma outra coisa, alguma coisa de fato bonita e profunda, mas não sei bem o que é. A senhora nunca me disse no que acreditava, mas adorei quando sentou ao meu lado e executamos “The Salley Gardens”. Ainda leio o poema todos os dias. Gosto de ser “jovem e tolo”, e, se não fosse pela senhora, eu não seria nem uma coisa nem outra, eu estaria morto! Eu lhe escrevi uma porção de cartas bobas, penso na senhora o tempo todo e quero mesmo ver a senhora para nos falarmos outra vez. Sonho acordado sobre nós, fantasias maravilhosas e impossíveis, como a de que vamos fazer uma viagem de volta ao mundo juntos num navio, em camarotes vizinhos, e que passemos o dia todo pelo convés conversando.

Meritíssima, me escreva por favor, apenas algumas palavras para dizer que leu esta carta e que não me odeia por tê-la escrito.

Sempre seu,
Adam Henry

P.S.: Esqueci de dizer que estou ficando cada dia mais forte.

Ela não respondeu, ou melhor, não pôs no correio o bilhete que levou mais de uma hora para escrever naquela noite. No quarto e último rascunho, pensou ter sido bastante afetuosa, feliz de sabê-lo em casa e se sentindo melhor, contente por ele ter boas recordações da visita dela. Aconselhou-o a ser carinhoso com os pais. Era normal, como adolescente, questionar as crenças com que havíamos sido criados, mas isso devia ser feito de modo respeitoso. Terminou dizendo, embora não fosse verdade, que havia ficado atraída pela ideia de uma volta ao mundo num navio. Acrescentou que, quando jovem, tinha sonhos de fuga como o dele. Isso também não era verdade, pois ela havia sido ambiciosa demais, mesmo com dezesseis anos, ávida demais por boas notas nos exames para pensar em escapar. As visitas como adolescente a seus primos de Newcastle foram suas únicas aventuras. Olhando a cartinha no dia seguinte, não foi a afetuosidade que a impressionou, e sim a frieza, os conselhos esfarrapados, a linguagem impessoal, as falsas lembranças. Releu a carta dele e foi mais uma vez tocada por sua inocência e calor humano. Melhor não mandar nada do que decepcioná-lo. Se mudasse de opinião, poderia escrever mais tarde.

Estava se aproximando o momento em que realizaria o circuito itinerante, visitando cidades inglesas e antigos vilarejos na companhia de outro juiz especializado em direito criminal e cível. Ela julgaria casos que, de outra forma, precisariam ser transferidos para os tribunais de Londres. Ela ficaria hospedada em locais especialmente bem preservados, mansões impressionantes de interesse histórico e arquitetônico onde, em certos casos, as adegas eram lendárias e as cozinheiras provavelmente decentes. As autoridades do lugar costumavam convidá-la para jantar. Ela e seu colega retribuiriam a gentileza nas casas onde estivessem instalados, convidando figuras eminentes ou interessantes (havia uma clara distinção entre as duas categorias) da localidade. Os quartos de dormir eram bem mais sofisticados que o seu, as camas mais largas, os lençóis de tecido mais fino. Em tempos mais felizes, havia, para uma mulher bem casada, um elemento de culpa e prazer sensual naquelas acomodações a sós. Agora, ela ansiava escapar do silencioso e solene *pas de deux* em casa. E a primeira parada era sua cidade inglesa predileta.

Certa manhã no começo de setembro, uma semana antes de iniciar a viagem, ela recebeu uma segunda carta. Mesmo antes de lê-la sua preocupação desta vez foi maior, porque o envelope azul se encontrava sobre o capacho do vestibulo de seu apartamento, em meio a circulares e a uma conta de luz.

Nenhum endereço, só o nome dela. Bem simples para Adam Henry esperar no Strand ou na Carey Street e segui-la à distância.

Jack já tinha saído para o trabalho. Ela levou a carta para a cozinha e se sentou diante dos restos do café da manhã.

Meritíssima,

Nem sei o que escrevi porque não guardei uma cópia, mas tudo bem que a senhora não tenha respondido. Ainda preciso conversar com a senhora. Aqui estão minhas notícias — grandes brigas com meus pais, fantástico estar de volta à escola, me sentindo melhor, me sentindo feliz e depois infeliz e feliz outra vez. Às vezes a ideia do sangue de um estranho dentro de mim me causa enjoo, como se eu tivesse bebido a saliva de alguém. Ou pior. Não posso me livrar da ideia de que a transfusão é uma coisa errada, mas não me importo mais. Tenho tantas perguntas para a senhora, mas nem tenho certeza de que se lembra de mim. A senhora deve ter tido dezenas de casos desde o meu e feito um bocado de escolhas sobre outras pessoas. Sinto ciúme! Quis conversar com a senhora na rua, chegar perto e tocar no seu ombro. Não fiz isso porque sou um covarde. Achei que a senhora podia não me reconhecer. A senhora também não precisa responder a esta carta — o que significa que espero que responda. Por favor, não se preocupe, não quero atormentá-la ou nada parecido. Só sinto que a tampa da minha cabeça explodiu. Está saindo tudo!

Sinceramente seu,

Adam Henry

Fiona mandou imediatamente um e-mail para Marina Greene perguntando se ela podia encontrar um tempinho para visitar o rapaz num acompanhamento de rotina e depois lhe enviar um relatório. Recebeu o retorno antes do fim do dia. Marina se encontrara com Adam durante a tarde na escola, onde ele estava começando um período de estudos especiais a fim de se preparar para os exames antes do Natal. Ficou meia hora com ele, que havia engordado e estava corado. Mostrou-se animado, até mesmo “engraçado e travesso”. Havia alguns problemas em casa, a maior parte sobre diferenças religiosas com os pais, mas ela não achou nada de estranho nisso. Em particular, o diretor lhe disse que Adam, depois de voltar do hospital, havia trabalhado bastante para recuperar o tempo perdido. Seus professores consideravam que ele estava progredindo otimamente. Contribuía bastante para as atividades em sala de aula, nenhum problema de comportamento. Em suma, tudo corria bem. Tranquilizada, Fiona decidiu não escrever para ele.

Uma semana depois, na manhã da segunda-feira em que deveria viajar para o nordeste da Inglaterra, ocorreu um desvio minúsculo na falha geológica

conjugal, um movimento quase tão imperceptível quanto o deslocamento das placas tectônicas. Foi tácito, algo não reconhecido abertamente. Mais tarde, quando se encontrava no trem e repassou tudo, o instante pareceu se situar na fronteira entre o real e o imaginado. Será que ela podia confiar em sua memória? Eram sete e meia quando entrara na cozinha. Jack estava de pé junto ao balcão, de costas para ela, despejando grãos de café no moedor. A pasta dela já estava no corredor e Fiona cuidava de recolher uns poucos documentos que faltavam. Como de hábito, ficou relutante em dividir um espaço pequeno com ele. Pegou a echarpe das costas da cadeira e saiu para continuar a busca na sala de visitas.

Voltou alguns minutos depois. Jack tirava uma jarra de leite do micro-ondas. Eles eram exigentes em matéria de café da manhã e, no curso dos anos, seus gostos tinham convergido. Gostavam de café forte feito com grãos colombianos de alta qualidade, servido em canecas brancas e altas de borda fina, com leite morno, e não quente. Ainda de costas para ela, Jack derramou leite em seu café e depois se voltou com a caneca erguida e ligeiramente estendida na direção dela. Nada na expressão de Jack sugeria que ele estava lhe oferecendo a caneca, e ela nem assentiu nem recusou com a cabeça. Os olhos dos dois se encontraram por um instante, e então ele depositou a caneca na mesa de pinho e empurrou-a uns cinco centímetros na direção dela. Isso não significava necessariamente muito, pois, em suas tensas manobras para se evitar, ambos permaneciam escrupulosamente corteses, como se cada qual estivesse procurando superar o outro em se mostrar razoável, os dois irrepreensíveis graças à ausência de rancor. Não faria sentido preparar um bule de café só para uma pessoa. Mas há maneiras e maneiras de pôr uma caneca na mesa, desde a batidinha peremptória da porcelana contra a madeira até o pouso silencioso e cuidadoso, assim como há maneiras e maneiras de aceitar uma caneca, coisa que ela fez mansamente, em câmara lenta, sem se afastar tão logo tomou um gole, ou não tão de imediato quanto o teria feito em qualquer outra manhã. Passaram-se alguns segundos de silêncio, em seguida pareceu que isso era o mais longe que ambos estavam preparados para ir, que o momento continha coisas demais para eles e que tentar algo além os faria recuar. Jack se afastou a fim de preparar uma caneca para ele, enquanto Fiona se afastou para ir buscar alguma coisa no quarto. Moveram-se um pouco mais devagar do que era comum, talvez quase com relutância.

No começo da tarde, ela chegou a Newcastle. Um motorista esperava do lado de lá das catracas para levá-la aos tribunais de Quayside. Nigel Pauling a aguardava na entrada dos magistrados e a conduziu ao gabinete que ela ocuparia. Ele chegara de Londres de manhã com os documentos e as togas — os paramentos completos, como disse —, porque Fiona participaria da Corte da Rainha além da Vara da Família. O assistente do tribunal apareceu para dar as

boas-vindas formais, seguido do funcionário que cuidava da agenda, com o qual ela repassou os casos a serem ouvidos nos dias seguintes.

Como havia outras pequenas matérias a tratar, só por volta das quatro da tarde Fiona ficou livre para sair. A previsão era de que uma tempestade de verão chegaria do sudoeste no começo da noite. Ela mandou que o motorista esperasse e deu uma caminhada pelo calçadão junto ao rio, passando por baixo da ponte Tyne e ao longo de Sandhill, pelos novos cafés ao ar livre e por jardins floridos junto a sólidos prédios comerciais com fachadas clássicas. Subiu as escadas até Castle Garth e parou no alto para olhar o rio que ficara para trás. Ela tinha uma queda por aquela mistura exuberante de peças poderosas de ferro fundido, aço e vidro pós-industrial, de velhos armazéns salvos da decrepitude por uma fantasia juvenil de cafés e bares. Compartilhava um passado com Newcastle e se sentia bem lá. Na adolescência, durante as recorrentes doenças de sua mãe, ia passar algum tempo ali com suas primas prediletas. Tio Fred, dentista, era o homem mais rico que ela conhecia. Tia Simone ensinava francês numa escola primária. A casa era agradavelmente caótica, uma libertação dos domínios de sua mãe em Finchley, encerados ao exagero e insuficientemente arejados. As primas, de sua idade, eram alegres e aventureiras, obrigando-a a sair à noite em missões aterradoras que incluíam a ingestão de bebidas e quatro músicos dedicados com cabelos até a cintura e bigodes de pontas caídas, que pareciam transviados mas provaram ser gente boa. Seus pais ficariam horrorizados de saber que a filha estudiosa de dezesseis anos era presença assídua em certos bares, que bebia licor de cereja e cuba-libre, e tivera seu primeiro amante. E, juntamente com as primas, ela era a tiete fiel, e tolerada como assistente novata, de uma banda de blues mal equipada e mal remunerada, ajudando a carregar amplificadores e peças da bateria numa caminhonete enferrujada que vivia enguiçando. Com frequência afinava as guitarras. Sua emancipação tinha muito a ver com o fato de que aquelas visitas, além de ocasionais, nunca duravam mais que três semanas. Se permanecesse por mais tempo — nunca uma possibilidade real —, talvez fosse até autorizada a cantar os blues. Poderia ter se casado com Keith, o principal cantor do grupo e tocador de gaita, que tinha um braço atrofiado e a quem ela adorava timidamente.

Tio Fred mudou seu consultório para o sul do país quando ela tinha dezoito anos, o caso com Keith acabou em lágrimas e em alguns poemas de amor que ela não enviou. Fiona jamais voltou a viver esse tipo de relacionamento arriscado e tremendamente divertido, o qual se tornou parte inseparável da ideia que fazia de Newcastle. Não seria possível reproduzi-lo em Londres, a sede de suas ambições profissionais. Por vários anos ela voltara ao Nordeste sob diversos pretextos, além de quatro vezes para cumprir o circuito judiciário. Sempre fazia bem ao seu espírito se aproximar da cidade pela alta ponte Stephenson sobre o rio Tyne, chegando com o espírito excitado de uma adolescente, descendo do trem

na gare central sob os três grandes arcos criados por John Dobson e saindo pela extravagante *porte cochère* neoclássica desenhada por Thomas Prosser. Foi seu tio dentista, recebendo-a com seu Jaguar verde e suas primas impacientes, quem a ensinou a apreciar a gare e os tesouros arquitetônicos da cidade. Ela nunca se desfizera da impressão de estar no exterior, de se encontrar numa cidade-Estado báltica caracterizada por um curioso otimismo e orgulho. O ar era mais revigorante, a luz de um cinzento amplo e luminescente, os habitantes amistosos, porém mais incisivos, autoconscientes ou ironizando a si próprios como atores numa comédia. Perto do sotaque deles, o dela parecia tenso e artificial. Se, como Jack insistia, a geologia moldava a variedade de tipos e de destinos dos ingleses, então os moradores da cidade eram feitos de granito e ela de calcário friável. Mas, com sua paixonite juvenil pela cidade, com suas primas, a banda e o primeiro namorado, acreditava que poderia mudar, se tornar mais autêntica, mais verdadeira, uma genuína cidadã daquela região. Anos depois, recordar-se de tal ambição ainda a fazia sorrir. No entanto, o sentimento lá estava em cada regresso, uma vaga noção de renovação, de um potencial não explorado em outra vida — e isso mesmo às vésperas de fazer sessenta anos.

O carro em cujo assento ela se reclinou era um Bentley da década de 1960, e seu destino o Leadman Hall, situado dentro de seu próprio parque a um quilômetro e meio dos portões que ela agora transpunha. Logo passou por um campo de críquete, depois por uma alameda de faias com as copas já agitadas pelo vento que crescia, mais tarde por um lago tomado por plantas aquáticas. O palacete, no estilo do arquiteto Andrea Palladio e havia pouco tempo pintado de um branco brilhante demais, tinha doze quartos e nove empregados para servir a dois magistrados do Tribunal Superior em seu circuito itinerante. Pevsner, conhecido historiador da arte arquitetônica, aprovara sem grande entusiasmo a estufa, e nada mais. Somente uma anomalia burocrática havia preservado Leadman de ser destruído por medida de economia do governo, mas o jogo estava chegando ao fim porque aquele era o último ano em que a construção iria contar com o Judiciário. O palacete, alugado algumas semanas por ano de uma família da região com interesses históricos na mineração de carvão, servia principalmente como centro de conferências e local para festas de casamento. Seu campo de golfe, quadras de tênis e piscina externa aquecida eram, como agora se reconhecia, luxos desnecessários para juizes de passagem e muito atarefados. Do ano seguinte em diante, uma empresa de táxi da cidade forneceria um espaçoso Vauxhall para substituir o Bentley. As acomodações seriam num hotel do centro de Newcastle. Os magistrados da Vara Criminal, que às vezes mandavam para a prisão por longos períodos homens da região com parentes assustadores, tinham clara preferência pelo isolamento de um palacete.

Mas ninguém era capaz de argumentar em favor de Leadman sem dar a impressão de que o fazia por puro interesse.

Pauling esperava com a governanta no pátio de cascalho junto à entrada principal. Ele desejava dar um sentido especial àquela derradeira visita. Aproximou-se da porta de trás do carro com um floreio irônico e bateu os calcanhares. Como sempre, a governanta era nova, uma polonesa de uns vinte e poucos anos, calculou Fiona, mas seu olhar era direto e frio, e ela pegou com firmeza a mala mais pesada da juíza até que Pauling a tomou de sua mão. Lado a lado, o assistente e a governanta conduziram Fiona ao quarto do primeiro andar que ela considerava como seu. Ficava na frente da casa, com três janelas altas que davam para a alameda de faias e para o trecho do lago invadido por ervas. Além do quarto de quase dez metros de comprimento, havia a sala de estar com uma mesa de trabalho. O banheiro, no entanto, ficava no fim de um corredor e três degraus atapetados abaixo do nível do quarto. Na última vez em que Leadman tinha sido modernizado, a proliferação generalizada de lavatórios e chuveiros ainda não começara.

A tempestade chegou quando Fiona saiu do banho. Vestida com um lençol, plantou-se diante da janela central observando as pancadas de chuva, cortinas fantasmagóricas que corriam velozes e, por segundos, ocultavam os campos. Viu o galho mais alto de uma das faias próximas se partir e começar a cair, ficando de cabeça para baixo e balançando ao ser contido pelos galhos mais baixos, até mergulhar de novo, voltar a se emaranhar e ser enfim liberado pelo vento para se chocar com um baque contra o solo. Quase tão alto quanto o silvar da chuva no cascalho era o coro de gemidos nas calhas do telhado. Ela acendeu as luzes e começou a se vestir. Já estava atrasada dez minutos para o xerez na sala de visitas.

Quatro homens de terno preto e gravata, cada qual com seu gim e sua tônica, pararam de conversar e se ergueram das poltronas quando ela entrou. Um garçom de paletó branco engomado foi preparar o drinque dela, enquanto Caradoc Ball da Corte da Rainha, colega de Fiona encarregado dos casos criminais, apresentou-a aos demais — um professor de jurisprudência, um homem que tinha negócios no setor de fibras ópticas e alguém que trabalhava para o governo na conservação da costa marítima. Todos de alguma forma eram ligados a Ball. Ela não convidara ninguém para a primeira noite. Seguiu-se a conversa obrigatória sobre o clima tempestuoso. Depois, uma digressão sobre como as pessoas de mais de cinquenta anos e todos os norte-americanos ainda viviam no mundo das temperaturas medidas em Fahrenheit. Depois, como os jornais britânicos, para obter o máximo de impacto, noticiavam as baixas temperaturas em graus Celsius e as quentes em Fahrenheit. Durante todo o tempo ela se perguntava por que o rapaz curvado sobre o carrinho de bebidas estava demorando tanto. Ele trouxe o drinque dela justamente quando estava sendo

lembrada a já distante transição para as moedas decimais.

Fiona já sabia pelo próprio Ball que ele estava em Newcastle para realizar o novo julgamento de um caso de assassinato no qual um homem era acusado de haver matado sua mãe em casa com golpes de porrete devido aos maus-tratos que ela infligia à filha mais jovem, meia-irmã do réu. A arma do crime não tinha sido encontrada e a prova de DNA era inconclusiva. A defesa argumentava que a mulher havia sido morta por um intruso. O julgamento fora anulado quando se descobriu que um jurado tinha revelado aos outros membros do júri informações que colheira na internet pelo celular. Ele encontrara a reportagem de um jornal sensacionalista, publicada cinco anos antes, sobre a prévia condenação do homem por agressão violenta. Na nova era de acesso digital, alguma coisa precisava ser feita para “esclarecer” certas questões aos jurados. O professor de jurisprudência havia pouco tempo apresentara um estudo à Comissão Jurídica, possivelmente objeto da conversa que Fiona interrompera ao entrar na sala. Agora ela foi retomada. O especialista em fibras ópticas perguntou como seria possível impedir que os jurados buscassem informações na privacidade de suas casas ou conseguissem que um membro da família o fizesse por eles. Relativamente simples, segundo o professor. Os próprios jurados se policiariam. Seriam obrigados, sob pena de prisão, a apontar qualquer um deles que discutisse matérias não apresentadas perante o tribunal. Dois anos no máximo pela divulgação de tais matérias, seis meses no máximo por não informar a violação. A Comissão daria seu parecer conclusivo no ano seguinte.

Nesse momento, o mordomo os convidou a seguirem para a mesa de jantar. Embora não pudesse ter mais de trinta anos, seu rosto era doentamente pálido, como se coberto de talco. Tão branco quanto uma aspirina — Fiona certo dia ouvira uma proprietária rural francesa dizer. Mas o mordomo não parecia doente pois mantinha uma atitude impessoal e segura. Enquanto aguardava à pequena distância, com a cabeça inclinada para a frente em sinal de atenção, eles terminaram seus drinques e, seguindo Fiona, atravessaram uma porta de folha dupla rumo à sala de jantar. A mesa, que poderia comportar trinta pessoas, estava posta para cinco numa extremidade solitária. A sala era recoberta de lambris, pintados de um laranja quase fluorescente, com desenhos de flamingos calculadamente espaçados. Os convivas encontravam-se agora no lado norte da casa, atingido em cheio pelo vento e onde as três janelas de guilhotina sacudiam, produzindo um ruído surdo. O ar estava frio e úmido. Havia um buquê de flores secas na lareira. O mordomo explicou que ela havia sido bloqueada muitos anos antes, mas que ele traria um aquecedor elétrico. Eles avaliaram a distribuição dos assentos e, após alguns momentos de polida incerteza, concordaram que, em respeito à simetria, Fiona se sentaria à cabeceira.

Até então ela mal falara. O mordomo pálido serviu um vinho branco. Dois garçons trouxeram patê de arenque e torradas finas. À esquerda dela estava o

perito em conservação, Charlie, um cinquentão gordo, careca e bem-humorado. Enquanto os outros continuavam a falar sobre jurados, ele perguntou cortesmente sobre o trabalho dela. Resignada a uma rodada de conversinha fiada, Fiona explicou em termos gerais o trabalho da Vara de Família. Mas Charlie queria detalhes. Que tipo de decisão iria tomar no dia seguinte? Ela se sentia mais feliz falando sobre um caso específico. Uma instituição local desejava ficar com a guarda de duas crianças, um menino de dois anos e uma menina de quatro. A mãe era alcoólatra e também viciada em anfetaminas. Sofria crises psicóticas durante as quais imaginava estar sendo espionada por lâmpadas elétricas. Tornara-se incapaz de cuidar de si própria ou das crianças. O pai, separado dela, tinha permanecido distante, mas agora alegava que ele e sua namorada podiam cuidar das crianças. Ele também enfrentava problemas com drogas e era fichado na polícia, embora tivesse direito sobre os filhos. Um assistente social se pronunciaria no dia seguinte perante o tribunal acerca da adequação dele como pai. Os avós maternos adoravam as crianças, eram competentes e queriam cuidar delas, porém não tinham amparo legal para isso. A instituição local, cujo serviço de atendimento a menores havia sido criticado num relatório oficial, se opunha aos avós por razões que ainda não estavam claras. As três partes — mãe, pai e avós — estavam amargamente divididas. Outra complicação era existirem opiniões contraditórias acerca da menina de quatro anos. Um pediatra disse que ela tinha necessidades especiais, outro, contratado pelos avós, acreditava que, conquanto a menina estivesse perturbada pelo comportamento da mãe e abaixo do peso normal por causa das refeições em horários irregulares, seu desenvolvimento era normal.

Havia, Fiona disse, muitos outros casos similares agendados para aquela semana. Charlie levou a mão à testa e fechou os olhos. Que encrenca! Se ele tivesse de tomar uma decisão na manhã seguinte em um só caso como aquele, ficaria acordado a noite toda, roendo as unhas e abusando das bebidas oferecidas no quarto do hotel. Fiona perguntou por que ele estava lá. Charlie tinha vindo de Whitehall a fim de persuadir um grupo de fazendeiros da costa a se unir a algumas organizações de proteção ambiental, para permitirem que suas pastagens voltassem a ser cobertas pela água do mar, retornando à condição de pântanos salgados. Essa era de longe a melhor e mais barata forma de defesa contra a inundação da costa, maravilhosa para a vida selvagem, sobretudo pássaros, e boa também para o turismo de pequena escala. Mas havia uma forte oposição de certos segmentos do setor agrícola, embora os fazendeiros fossem ser bem recompensados. Durante todo o dia o tinham calado aos berros nas reuniões. Corria o rumor de que o plano era compulsório. Ninguém acreditava nele quando dizia que não era assim. Viam-no como um representante do governo central, com o qual os fazendeiros estavam irritados por uma série de outras questões que não eram de sua alçada. No final, tinha levado uns trancos

num corredor. Um indivíduo “com metade da minha idade e o dobro da minha força” havia agarrado sua gola e murmurado alguma coisa com o sotaque local que ele não tinha entendido. Melhor assim. Amanhã ele voltaria e tentaria de novo. Estava certo de que no final iria conseguir o que queria.

Bom, isso soava a ela como um dos círculos especiais do inferno, bem pior do que qualquer mãe psicótica. Os dois estavam dando umas risadinhas por conta dessa observação, quando perceberam que os outros três tinham abandonado a conversa deles e os ouviam.

Caradoc Ball, que era um velho colega de escola de Charlie, disse: “Espero que você saiba que está falando com uma juíza muito eminente. Certamente se lembra do caso dos irmãos siameses”.

Todos se lembravam e, à medida que os pratos foram retirados e o *boeuf en croûte* servido com um Château Latour, conversaram e fizeram perguntas a ela sobre o famoso caso. Fiona lhes disse tudo o que queriam saber. Todos tinham uma opinião, mas, como era a mesma, logo passaram a discutir a paixão que a história suscitara nos jornais e como eles a haviam disputado. Dali foi um passo para uma troca de fofocas sobre os lances mais recentes da Investigação Leveson.* Terminaram a carne. À frente, como dizia o cartão com o menu, havia um pudim de pão. Logo, logo, pensou Fiona, estariam discutindo a sabedoria ou a loucura de o Ocidente não mandar tropas para a Síria. Era impossível calar Caradoc sobre aquele tema. E, de fato, ele o introduzia quando se deram conta de vozes ecoando no corredor. Pauling e o mordomo de rosto branco pararam no umbral da porta e depois se aproximaram dela.

O mordomo se pôs de lado, com um olhar contrariado, enquanto Pauling, depois de pedir desculpas a todos com um aceno de cabeça, inclinou-se por cima da cadeira de Fiona e disse baixinho perto de seu ouvido: “Minha senhora, perdão por interromper, mas infelizmente há um assunto que exige sua atenção imediata”.

Ela limpou os lábios com o guardanapo e se pôs de pé. “Me desculpem, senhores.”

Sem mudar de expressão, todos se levantaram e ela atravessou a sala na frente dos dois homens. Já do lado de fora, ela disse ao mordomo: “Ainda estamos esperando por aquele aquecedor”.

“Vou pegar agora.”

Havia algo impertinente em seu jeito ao dar meia-volta, e ela olhou para seu assistente com as sobranceiras erguidas.

Mas ele simplesmente disse: “Por aqui”.

Ela o seguiu através do corredor e do que fora antes uma biblioteca. As estantes estavam repletas de livros comprados em lojas de objetos usados, do tipo que os hotéis adquirem por metro para criar uma atmosfera respeitável em certos ambientes.

Pauling disse: “É o rapaz das testemunhas de Jeová, Adam Henry. A senhora se lembra do caso da transfusão? Parece que ele a seguiu até aqui. Andou na chuva, está completamente encharcado. Queria expulsá-lo, mas achei que a senhora precisava ser informada antes”.

“Onde ele está?”

“Na cozinha. É mais quentinho lá.”

“Melhor trazê-lo aqui.”

Tão logo Pauling saiu, ela se levantou e caminhou lentamente pela sala, consciente de que seu ritmo cardíaco tinha aumentado. Caso houvesse respondido às cartas, não estaria agora defrontando aquilo. Defrontando o quê? O envolvimento desnecessário com um caso fechado. E mais que isso. Mas não havia tempo para refletir. Ouviu passos se aproximando.

A porta se abriu e Pauling fez o rapaz passar. Ela nunca o vira fora da cama e se surpreendeu com sua altura, bem mais de um metro e oitenta. Vestia seu uniforme escolar, calça de flanela cinza, suéter cinza, camisa branca, um blusão bem leve, encharcado da cabeça aos pés, o cabelo em desordem depois de ter sido enxugado. Uma pequena mochila pendia frouxamente de sua mão. O toque patético era dado pela toalha de chá do Leadman, com ilustrações dos pontos turísticos locais, envolvendo suas costas para aquecê-lo.

O assistente se manteve junto à porta enquanto o rapaz deu alguns passos para dentro da sala, parando perto de onde ela se encontrava e dizendo: “Sinto muito mesmo”.

Naqueles primeiros momentos, era mais fácil esconder a confusão de sentimentos sob um tom maternal. “Você parece estar congelado. É melhor trazermos o aquecedor para cá.”

“Eu mesmo vou pegar”, disse Pauling, saindo.

“Bem”, ela disse após um silêncio. “Como você me achou aqui?”

Outra evasão, perguntar como em vez de por quê, mas àquela altura, conquanto sua presença ainda fosse um choque, Fiona não era capaz de entender o que Adam queria dela.

O relato dele foi sóbrio. “Eu a segui num táxi desde King’s Cross, peguei seu trem e, como não tinha ideia de onde a senhora ia saltar, comprei passagem para Edinburgh. Em Newcastle, a segui ao sair da estação, corri atrás da sua limusine e então a perdi de vista. Tive um palpite e perguntei onde eram os tribunais. Quando cheguei lá, vi imediatamente o seu carro.”

Ela o observou falar, enquanto analisava a transformação. A magreza se fora, porém ele continuava esbelto. Novos músculos nos ombros e braços. O mesmo rosto delicadamente estruturado, a pinta marrom na maçã do rosto quase invisível na pele bronzeada pela saúde juvenil. Tênuos indícios das olheiras roxas. Lábios cheios e úmidos, olhos que naquela luz eram demasiado escuros para revelar sua cor. Mesmo enquanto tentava se desculpar, ele se mostrava vívido

demaís, ávido demais para dar uma explicação detalhada. Quando ele afastou o olhar para ordenar a sequência de fatos, Fiona se perguntou se aquele era um rosto que sua mãe chamaria de antiquado. Uma ideia sem nexo. A noção generalizada do rosto de um poeta romântico, um primo de Keats ou Shelley.

“Esperei um tempão até a senhora sair e a segui ao atravessar a cidade e voltar na direção do rio, vendo quando saiu do carro. Levei mais de uma hora até descobrir no meu celular onde os juízes se hospedavam, peguei uma carona, desci na estrada principal, pulei o muro para não passar pela casa do guarda e andei até aqui na chuva. Esperei muito tempo nos fundos, perto das antigas estrebarias, me perguntando o que eu devia fazer, até que alguém me viu. Realmente sinto muito, eu...”

Pauling, irritado e com o rosto vermelho por causa do esforço, chegou com o aquecedor. Talvez tivesse sido necessário arrancá-lo das mãos do mordomo. Os dois ficaram olhando enquanto o assistente se pôs de quatro com um grunhido e desapareceu parcialmente debaixo de uma mesinha de canto para encontrar a tomada. Depois que se reergueu, pousou as mãos nos ombros do rapaz e o levou para a frente do ar aquecido. Antes de sair, disse a Fiona: “Estou esperando do lado de fora”.

Quando ficaram sozinhos, ela disse: “Eu não deveria pensar que tem alguma coisa de esquisito em você me seguir até minha casa e depois até aqui?”.

“Ah, não! Por favor, não pense isso. Não é nada disso.” Olhou em volta impaciente, como se nas paredes estivesse escrita alguma explicação. “Olha, a senhora salvou minha vida. E não é só isso. Papai tentou esconder de mim, mas li sua sentença. A senhora disse que queria me proteger da minha religião. Pois bem, protegeu. Fui salvo!”

Ele riu da própria piada e ela disse: “Não o salvei para que você me seguisse por todo canto”.

Nesse justo instante, uma peça fixa do aquecedor deve ter entrado na órbita de alguma peça móvel, pois um estalido regular tomou conta da sala. O volume aumentou, baixou, se estabilizou. Ela sentiu uma onda de irritação com a casa toda. Um embuste. Um depósito de velharias. Como não tinha visto isso antes?

O momento passou e ela perguntou: “Seus pais sabem onde você está?”.

“Tenho dezoito anos. Posso estar onde quiser.”

“Não me interessa sua idade. Eles vão ficar preocupados.”

Adam soltou um arquejo de exasperação juvenil e depositou a mochila no chão. “Olha, Meritíssima...”

“Chega disso. Me chame de Fiona.” Enquanto pudesse mantê-lo em seu lugar, ela se sentiria melhor.

“Eu não quis ser sarcástico nem nada.”

“Ótimo. E quanto a seus pais?”

“Ontem tive uma briga feia com papai. Tivemos algumas desde que saí do hospital, mas essa foi realmente das grandes, os dois gritando, e eu lhe disse tudo o que achava sobre sua religião idiota, mesmo que ele não estivesse escutando. No final, me afastei. Subi para o quarto, fiz a mala, peguei o dinheiro que tinha guardado e me despedi de mamãe. Depois fui embora.”

“Você precisa telefonar para ela agora.”

“Não há necessidade. Mandeí uma mensagem para o celular dela ontem à noite do lugar onde me hospedei.”

“Mande outra.”

Ele a olhou, ao mesmo tempo surpreso e desapontado.

“Vamos, diga que está são e salvo em Newcastle e que vai escrever outra vez amanhã. Depois disso conversamos.”

Ela se afastou alguns passos e observou enquanto seus dedos longos dançavam sobre o teclado virtual. Em segundos o celular voltara ao bolso dele.

“Pronto”, disse, olhando para ela com ar expectante, como se ela é que lhe devesse alguma explicação.

Fiona cruzou os braços. “Adam, por que você está aqui?” Seu olhar se desviou, ele hesitou. Não ia dizer a ela a razão, pelo menos não de forma direta.

“Olhe, eu não sou a mesma pessoa. Quando a senhora foi me ver eu estava realmente pronto para morrer. É impressionante que alguém como a senhora tivesse perdido tempo comigo. Eu era um tremendo idiota!”

Ela apontou para duas cadeiras de madeira junto a uma mesa oval de nogueira, onde se sentaram frente a frente. A luz branca e sepulcral vinha de quatro lâmpadas LED presas a uma roda rústica de madeira pintada. Por não estar situada diretamente acima da mesa, a iluminação acentuava os contornos das maçãs do rosto e dos lábios de Adam, assim como as finas saliências gêmeas que separavam a parte acima de seu lábio superior. Tratava-se de uma bela face.

“Não achei você um idiota.”

“Mas eu era. Sempre que os médicos e as enfermeiras tentavam me dissuadir, eu me sentia nobre e heroico, dizendo para me deixarem em paz. Eu era bom e puro. Adorava que eles não conseguissem entender como eu era profundo. Eu realmente me achava o tal. Gostava de ver o orgulho dos meus pais e dos anciãos. À noite, quando não tinha ninguém por perto, ensaiei fazer um vídeo, como esses homens-bomba. Ia fazer no meu celular. Queria que fosse reproduzido nos noticiários de televisão e no meu funeral. Acabei chorando no escuro, imaginando meu caixão sendo levado diante dos meus pais, dos meus colegas e professores, de toda a congregação, as flores, as coroas, a música triste, todos chorando, todos orgulhosos de mim e me amando. Sinceramente, eu era um idiota.”

“E onde entrava Deus nessa história?”

“Por trás de tudo. Eu estava obedecendo às instruções dele. Mas era mais

sobre a maravilhosa aventura que eu estava vivendo, como ia morrer gloriosamente e ser adorado. Uma garota que eu conheci na escola sofria de anorexia três anos atrás, quando tinha quinze anos. O sonho dela era se transformar em nada — como uma folha seca soprada pelo vento, foi o que ela disse, mergulhando devagarzinho na morte, todo mundo com pena dela e depois se culpando por não compreendê-la. O mesmo tipo de coisa.”

Agora que o via sentado, Fiona se lembrou dele no hospital, recostando-se nos travesseiros em meio àquela bagunça juvenil. Não era a enfermidade dele que lhe vinha à mente, mas sua avidez, a inocência vulnerável. Até mesmo a palavra anorexia soava como uma diversão. Ele havia tirado do bolso uma tira estreita de tecido verde, talvez parte de um forro, que enrolava e desenrolava entre o indicador e o polegar como as contas do colar de um muçulmano.

“Então, não era muito uma questão de religião; tinha mais a ver com seus outros sentimentos.”

Ele ergueu as mãos. “Meus sentimentos tinham origem na minha religião. Eu estava cumprindo a vontade de Deus, a senhora e todos os outros estavam claramente errados. Como eu teria me metido numa confusão daquelas se não fosse testemunha de Jeová?”

“Parece que sua colega anoréxica conseguiu.”

“Bem, na verdade a anorexia é um pouco como uma religião.”

Diante do olhar cético de Fiona, ele improvisou. “Ah, a senhora sabe, querer sofrer, amar a dor e o sacrifício, pensar que todo mundo está te observando, preocupado com você, que o universo gira em torno de você. E do seu peso!”

Ela não se conteve e riu da ironia contida na última frase. Ele sorriu por seu inesperado êxito em diverti-la.

Ouviram vozes e passos no corredor quando os convidados passaram da sala de jantar para a de visitas a fim de tomarem café, e depois uma sucessão de gargalhadas que mais pareciam latidos perto da porta da biblioteca. O rapaz ficou tenso com a possibilidade de uma interrupção, e ambos mantiveram um silêncio conspiratório enquanto aguardavam que os sons morressem. Adam olhava para baixo, para suas mãos entrelaçadas sobre a madeira envernizada da mesa. Ela imaginava todas as horas de sua infância e juventude dedicadas a orações, hinos, sermões e as diversas restrições que jamais conheceria, a comunidade fechada mas amorosa que o sustentara até quase matá-lo.

“Adam, vou perguntar outra vez. Por que você está aqui?”

“Para lhe agradecer.”

“Há maneiras mais fáceis.”

Ele suspirou com impaciência enquanto repunha no bolso a tira de tecido. Por um momento Fiona acreditou que ele se preparava para partir.

“Sua visita foi uma das melhores coisas que me aconteceram.” E então,

rapidamente: “A religião de meus pais era um veneno e a senhora foi o antídoto”.

“Não me lembro de haver criticado a religião de seus pais.”

“Não criticou. A senhora foi calma, ouviu, fez perguntas e alguns comentários. Aí é que está. É essa coisa que a senhora tem. Fez diferença. A senhora não precisou dizer. Um jeito de pensar e de falar. Se não sabe o que estou dizendo, trate de ouvir os anciãos. E quando tocamos a música...”

Ela disse com rapidez: “Você ainda está tocando violino?”.

Ele fez que sim com a cabeça.

“E a poesia?”

“Sim, muito. Mas odeio as coisas que eu escrevia.”

“Bom, você tem talento. Sei que vai escrever alguma coisa maravilhosa.”

Fiona percebeu o desalento nos olhos dele. Ela estava se distanciando, fazendo o papel da tia solícita. Repassou algumas etapas da conversa, se perguntando por que estava tão ansiosa para não desapontá-lo.

“Mas seus professores devem ser bem diferentes dos anciãos.”

Ele deu de ombros. “Não sei.” Acrescentou à guisa de explicação: “A escola era enorme”.

“E o que é isso que você supõe que eu tenha?”, ela perguntou em tom sério, sem nenhum traço de ironia.

A pergunta não o embarçou. “Quando vi meus pais chorando daquele jeito, chorando e quase urrando de alegria, tudo desmoronou. Mas aí que está. Desmoronou para cair na verdade. Claro que eles não queriam que eu morresse! Eles me amam. Por que não disseram isso, em vez de falar e falar sobre as alegrias do céu? Foi então que eu vi tudo aquilo como uma coisa humana comum. Comum e boa. Não tinha nada a ver com Deus. Isso era só uma bobagem. Como se um adulto entrasse numa sala cheia de crianças que estão se infernizando e dissesse: ‘Chega, parem com isso, é hora do chá!’. A senhora foi esse adulto. Sabia desde o começo, mas não disse. Só fez perguntas e escutou. Toda a vida e o amor que se abrem diante dele — foi o que a senhora escreveu. Essa foi a sua ‘coisa’. E a minha revelação. Começando com ‘The Salley Gardens’.”

Ainda em tom sério, ela disse: “E a tampa da sua cabeça explodiu”.

Ele riu gostosamente por também ser citado. “Fiona, quase consigo tocar uma composição de Bach sem cometer nenhum erro. Toco o tema de *Coronation Street*. Estou lendo o livro de Berryman *Dream Songs*. Vou participar de uma peça teatral e tenho que terminar todos os exames antes do Natal. E, graças à senhora, estou entupido de Keats!”

“Muito bem”, ela disse em voz baixa.

Ele se inclinou para a frente, apoiado nos cotovelos, os olhos escuros brilhando na luz pavorosa, todo o rosto parecendo fremir de expectativa, com um apetite incontrollável.

Depois de refletir por um instante, Fiona disse num sussurro: “Espere aqui”. Levantou-se e hesitou, parecendo prestes a mudar de ideia e que voltaria a se sentar. Mas deu as costas para ele, atravessou a sala e foi para o corredor. Pauling se encontrava de pé, a alguns passos de distância, fingindo interesse pelas páginas do livro de visitantes aberto sobre uma mesa com tampo de mármore. Ela lhe deu rápidas instruções em voz baixa, voltou à biblioteca e fechou a porta atrás de si.

Adam havia retirado a toalha de chá do ombro e examinava a série de atrações locais. Quando ela se sentou de novo, ele comentou: “Eu nunca tinha ouvido falar em nenhum desses lugares”.

“Há muita coisa a ser descoberta.”

Passados os efeitos da interrupção, ela disse: “Quer dizer que você perdeu sua fé”.

Adam pareceu se contorcer. “Sim, talvez. Não sei. Acho que tenho medo de dizer isso em voz alta. Realmente não sei onde estou. Quer dizer, o troço é que, quando a gente se afasta um pouquinho das testemunhas de Jeová, talvez seja melhor sair de vez. Por que substituir um conto de fadas por outro?”

“Talvez todo mundo precise de contos de fadas.”

Ele lhe deu um sorriso benevolente. “Não acho que a senhora esteja dizendo isso pra valer.”

Fiona sucumbiu a seu hábito de resumir a opinião dos outros. “Você viu seus pais chorando e está confuso, pois suspeita que o amor deles por você é maior do que a crença que têm em Deus ou na vida após a morte. Você precisa se afastar. Perfeitamente natural para alguém da sua idade. Talvez curse uma universidade. Isso vai ajudar. Mas ainda não entendo o que está fazendo aqui. E, o que é mais importante, o que vai fazer agora. Para onde é que você vai?”

A segunda pergunta o perturbou mais. “Tenho uma tia em Birmingham. Irmã da minha mãe. Ela vai me receber por uma ou duas semanas.”

“Ela está te esperando?”

“Mais ou menos.”

Fiona estava prestes a obrigá-lo a enviar uma nova mensagem, quando ele estendeu a mão por cima da mesa, enquanto ela, com igual rapidez, recolheu a sua para o colo.

Adam não foi capaz de encará-la ou de ser olhado de frente quando voltou a falar. Pôs as mãos na testa como se protegesse os olhos da luz. “Tenho uma pergunta a lhe fazer. Quando a senhora a ouvir vai achar que é uma idiotice. Mas, por favor, não a rejeite simplesmente. Diga por favor o que pensa sobre ela.”

“O que é?”

Ele se dirigiu ao tampo da mesa. “Quero ir morar com a senhora.”

Ela esperou por mais alguma coisa. Nunca poderia ter previsto tal pedido. Mas agora parecia óbvio.

Adam ainda era incapaz de olhá-la nos olhos. Falou depressa, como se envergonhado com sua própria voz. Ele havia pensado em tudo. “Eu podia ajudar a senhora a cuidar da casa, prestar serviços na rua. E a senhora podia me dar livros para ler, sabe como é, tudo o que achar que eu preciso aprender...”

Ela e havia seguido por um bom pedaço do país, pelas ruas, atravessado uma tempestade para lhe pedir aquilo. Era uma extensão lógica de sua fantasia sobre uma longa viagem marítima com ela, de falarem o dia todo caminhando no convés ao balanço das ondas. Lógica e insana. E inocente. O silêncio os envolveu e uniu. Até mesmo o tilintar do aquecedor parecia ter se reduzido, nenhum som vinha do lado de fora. Ele continuou a proteger o rosto do olhar de Fiona. Ela contemplou o encaracolado de seu cabelo escuro, jovem e saudável, agora totalmente seco e reluzente.

Fiona disse com suavidade: “Você sabe que isso não é possível”.

“Eu não ia atrapalhar, quer dizer, interferir com a senhora e seu marido.” Por fim, ele recolheu as mãos e olhou para ela. “A senhora sabe, como alguém que alugasse um quarto. Quando eu terminar meus exames, posso arranjar um emprego e pagar algum aluguel.”

Ela viu o quarto de hóspedes e as duas camas de solteiro, os ursinhos e outros bichos de pelúcia na cesta de vime, o armário de brinquedos tão cheio que uma das portas não fechava. Tossiu de repente e se pôs de pé, atravessando toda a sala até a janela para dar a impressão de que olhava com atenção para fora. Por fim, sem se voltar, ela disse: “Só temos um quarto livre e uma porção de sobrinhos e sobrinhas”.

“Quer dizer que essa é sua única objeção?”

Ouviu-se uma batida na porta e Pauling entrou. “Estará aqui dentro de dois minutos, minha senhora”, ele disse e saiu.

Ela se afastou da janela e voltou a se aproximar de Adam, abaixando-se para pegar a mochila dele do chão.

“Meu assistente vai levá-lo de táxi até a estação e lhe comprar uma passagem com destino a Birmingham para amanhã de manhã; depois vai levá-lo para um hotel perto de lá.”

Após uma pausa, ele se levantou devagar e pegou a mochila das mãos dela. Apesar de sua altura, parecia uma criança pequena em estado de choque.

“Então é isso?”

“Gostaria que me promettesse que vai entrar em contato outra vez com sua mãe antes de pegar o trem. Diga a ela para onde está indo.”

Adam não respondeu. Ela o conduziu à porta e os dois saíram para o corredor. Ninguém à vista. Caradoc Ball e seus convidados estavam instalados na sala de visitas com as portas fechadas. Ela o deixou esperando na biblioteca e subiu ao quarto para pegar algum dinheiro na bolsa. Ao voltar, viu toda a cena de sua posição elevada no topo da imponente escadaria. A porta da frente estava

aberta e o mordomo falava com o motorista. Atrás dele, abaixo dos degraus do pórtico, estava o táxi, a porta aberta para liberar os alegres e sinuosos acordes da música orquestral árabe. Seu assistente atravessava o vestibulo às pressas, supostamente a fim de impedir que o mordomo criasse algum problema. Quanto a Adam Henry, ele ainda continuava na biblioteca, abraçado à sua mochila. Quando Fiona se aproximou dele, o mordomo, o motorista e o assistente estavam do lado de fora, no pátio de cascalho, conversando junto ao carro, segundo ela esperava, sobre um hotel apropriado.

O rapaz começou a dizer: “Mas nós nem...”, e ela levantou a mão para fazê-lo se calar.

“Você precisa ir.”

Ela segurou delicadamente a gola do blusão leve dele e o puxou para si. Pretendia lhe dar um beijo no rosto, mas, como ergueu o corpo e Adam se curvou um pouco, seus rostos se aproximaram, ele girou a cabeça e os lábios deles se tocaram. Ela poderia ter recuado, ter dado um passo atrás, se afastando dele. Em vez disso, se demorou, inerte diante daquele momento. A sensação de pele contra pele anulou qualquer possibilidade de escolha. Caso fosse possível dar um beijo casto na boca, foi isso que ela fez. Um contato fugaz, porém mais do que a mera sugestão de um beijo, mais do que uma mãe daria no filho adulto. Durou dois segundos, quem sabe três. Tempo suficiente para sentir, na maciez e elasticidade dos lábios dele, todos os anos, toda a vida que a separava de Adam. Ao se afastarem, uma leve adesão de pele poderia tê-los atraído de volta. Mas soavam passos no cascalho e nos degraus de pedra, cada vez mais próximos. Ela largou a gola dele e repetiu: “Você precisa ir”.

Adam apanhou a mochila, que havia deixado cair no chão, e seguiu-a através do vestibulo até o lado de fora, onde foram recebidos pelo ar fresco da noite. Ao pé da escada, o motorista fez uma saudação amistosa e abriu a porta traseira do carro. O rádio havia sido desligado. Ela tinha pensado em dar o dinheiro a Adam, mas, numa súbita e gratuita mudança de ideia, o entregou a Pauling. Ele balançou a cabeça e forçou um leve sorriso ao pegar o rolinho de notas. Com um movimento brusco dos ombros, Adam deu a impressão de se desvencilhar de todos e mergulhou no banco de trás, sentando-se com a mochila no colo e olhando para a frente. Já se arrependendo do que havia posto em movimento, Fiona deu a volta no carro para trocar um último olhar com ele. Adam sem dúvida reparou em seu movimento, mas afastou o rosto. Pauling se sentou na frente, ao lado do motorista. O mordomo fechou a porta de Adam, empurrando-a num gesto insolente com as costas da mão. Ombros encurvados, Fiona subiu às pressas os degraus de pedra rachados enquanto o táxi se distanciava.

* Investigação pública conduzida por lorde Leveson em 2011 e 2012 acerca das práticas e da ética da imprensa britânica após o escândalo das escutas telefônicas feitas pela *News International*. (N. T.)

Ela partiu de Newcastle depois de uma semana, sentenças proferidas ou suspensas à espera de laudos técnicos, deixando para trás litigantes felizes ou amargurados, alguns dos quais com o parco consolo de poderem recorrer. No caso que descrevera para Charlie no jantar, ela havia concedido a guarda aos avós e permitido visitas semanais sob supervisão à mãe e ao pai, separadamente, tudo passível de revisão ao fim de seis meses. Até lá, quem quer que a substituisse teria a vantagem de receber relatórios acerca do bem-estar das crianças, das promessas dos pais de frequentar um programa de tratamento de viciados em drogas e do estado mental da mãe. A menininha continuaria em sua escola, um curso elementar organizado pela Igreja da Inglaterra, onde era bem conhecida. Fiona considerou exemplar, naquele caso, a conduta das instituições de atendimento a menores da cidade.

No final da tarde de sexta-feira, ela disse adeus aos funcionários do tribunal. Na manhã de sábado, no Leadman Hall, Pauling encheu o porta-malas do carro com documentos acondicionados em caixas de papelão e com as togas dela penduradas em cabides. As bagagens pessoais empilhadas no banco traseiro e a juíza instalada na frente, rumaram para Oeste, na direção de Carlisle, passando pelo Tyne Gap e cruzando a Inglaterra de um lado a outro, as Cheviots à direita e as Pennines à esquerda. Mas os dramas da geologia e da história eram embotados pelo tráfego, por seu volume, suas rotinas e pelas placas de sinalização rodoviária características das ilhas britânicas.

Enquanto atravessavam Hexham muito lentamente, Fiona mantinha o celular sem uso na mão e, como fizera durante vários interlúdios ao longo da semana, pensava no beijo. Que loucura impulsiva não ter se afastado! Loucura profissional e social. Em suas recordações, o contato real, carne contra carne, tendia a se prolongar no tempo. Ela então tentava encurtar o momento para que voltasse a ser um beijinho inocente nos lábios. Mas o beijinho logo voltava a se

inflar, até ela não saber o que ele era, o que havia acontecido ou por quanto tempo ela correria o risco de uma desgraça. Caradoc Ball poderia ter passado pelo corredor a qualquer momento. Pior ainda, um de seus convidados, sem as peias da lealdade tribal, poderia tê-la visto e contado a todo mundo. Pauling poderia ter voltado depois de conversar com o motorista de táxi e a apanhado em flagrante. Nesse caso, a distância sensatamente construída entre eles, que tornava possível seu trabalho, teria sido destruída.

Como não era dada a impulsos irrefletidos, Fiona não entendia seu próprio comportamento. Deu-se conta de que havia muito mais a confrontar em sua mistura de sentimentos confusos, porém, no momento, era o horror do que podia ter ocorrido, a transgressão ridícula e vergonhosa da ética profissional, que ocupavam sua mente. A ignomínia que poderia ter se abatido sobre ela. Difícil crer que ninguém a vira, que estava abandonando incólume a cena do crime. Mais fácil acreditar que a verdade, dura e negra como uma semente amarga, estava prestes a ser revelada: que ela tinha sido observada sem saber. Que agora mesmo, a centenas de quilômetros de distância, o caso estivesse sendo discutido em Londres. Que em breve ouviria no telefone a voz pouco à vontade de um colega mais antigo: *Ah, Fiona, escute, sinto muito, mas creio que preciso alertá-la de que, hã, de que surgiu um probleminha.* E então, esperando por ela no apartamento da Gray's Inn, uma carta formal do investigador do departamento de reclamações judiciais.

Apertou duas teclas para telefonar para o marido. Fugindo de um beijo, correndo para se proteger sob o manto de uma mulher casada de boa reputação, em busca de alguma solidez. Fez a chamada sem pensar, por puro hábito, quase sem ter consciência da situação atual entre ela e Jack. Quando ouviu seu alô duvidoso, a acústica lhe disse que ele se encontrava na cozinha. O rádio ligado, talvez Poulenc. Nas manhãs de sábado, embora acordassem cedo, sempre faziam, ou costumavam fazer, o desjejum sem pressa, com vários jornais em cima da mesa, a rádio Três tocando baixinho, café e o *pain aux raisins* comprado na Lamb's da Conduit Street esquentado no forminho. Ele estaria com o robe de seda estampado com formas curvas. Barba por fazer, cabelo desgrenhado.

Num tom cuidadosamente neutro, Jack perguntou se estava tudo bem com ela. Quando Fiona respondeu que sim, ficou surpresa ao ver como tinha soado normal. Começou a improvisar sem dificuldade, bem no instante em que Pauling, com um suspiro de satisfação, se recordou de um atalho e escapou do tráfego. Perfeitamente plausível, em se tratando de rotina doméstica, lembrar Jack de que ela chegaria no fim do mês, e também natural, ou costumava ser, sugerir que na noite em que ela voltasse eles deviam jantar fora. Um restaurante próximo de que gostavam costumava ter todos os lugares reservados com antecedência. Talvez ele pudesse fazer uma reserva agora. Ele achou uma boa ideia. Ela o ouviu suprimir a surpresa na voz, manobrando com cuidado entre a

cordialidade e a frieza. Perguntou de novo se ela estava bem. Conhecia Fiona bem demais, e obviamente ela não parecia normal. Com uma ênfase maior, ela disse que estava ótima. Trocaram algumas palavras sobre assuntos de trabalho. A chamada terminou com um adeus de Jack que soava quase como uma pergunta.

Mas tinha funcionado. Ela havia se livrado dos devaneios paranoicos para cair na realidade de um compromisso, de uma data, de um relacionamento melhorado. Sentiu-se mais bem defendida e no todo mais sensata. Caso tivesse havido alguma queixa, ela já teria tomado conhecimento àquela altura. Tinha sido bom telefonar e dar continuidade àquele momento indefinível no café da manhã. Útil se lembrar de que o mundo nunca era como ela o imaginava em momentos de ansiedade. Uma hora depois, quando o carro começou a se arrastar pela congestionada A69 para entrar em Carlisle, ela estava enfronhada em documentos judiciais.

E foi assim que duas semanas depois, encerrada a temporada itinerante e distribuída a Justiça em quatro cidades do Norte, ela se encontrava diante do marido num canto tranquilo de um restaurante na rua Clerkenwell. Entre os dois uma garrafa de vinho, bebido cautelosamente. Não devia haver nenhuma onda súbita de intimidade. Mantiveram-se distantes do assunto que poderia destruí-los. Ele se dirigiu a ela de forma delicada e canhestra, como se Fiona fosse um tipo incomum de bomba capaz de estourar no meio de qualquer frase. Ela perguntou a respeito do trabalho dele, o livro sobre Virgílio. Uma apresentação e uma seleção, um manual para escolas e universidades que, ele comovedoramente acreditava, o faria ganhar um dinheirão. Nervosa, ela fez uma pergunta após a outra, consciente de que estava se comportando como uma entrevistadora. Esperava observá-lo como se o fizesse pela primeira vez, captar o que havia de estranho nele como acontecera muitos anos antes ao se apaixonar por ele. Não era fácil. Sua voz, seus traços eram tão familiares como os dela próprios. Seu rosto tinha uma expressão áspera, aflita. Atraente, é claro, mas não para ela naquele instante. Fiona esperava que a mão dele, posta sobre a mesa perto do copo, não estivesse prestes a pegar a sua.

Lá para o fim da refeição, quando haviam esgotado os tópicos mais seguros, houve um silêncio ameaçador. Apetites saciados, as sobremesas e metade do vinho permaneciam intocados. A recriminação mútua e não manifestada os perturbava. Na mente dela, ainda a aventura despuadora de Jack; na dele, ela supunha, o senso exagerado de ofensa de Fiona. Num tom forçado, ele começou a relatar a palestra sobre geologia a que comparecera na noite passada. O palestrante havia descrito como a sequência de camadas rochosas sedimentares pode ser lida como um livro que conta a história da Terra, permitindo-se algumas especulações no final. Cem milhões de anos no futuro, quando a maior parte dos oceanos tiver afundado na crosta terrestre e não houver suficiente dióxido de carbono na atmosfera para sustentar as plantas, a superfície

do planeta tendo se transformado num deserto rochoso e sem vida, que provas teria de nossa civilização um geólogo que viesse do espaço? Algumas dezenas de centímetros abaixo da superfície, haveria uma grossa linha negra que nos separaria de tudo o que aconteceu antes. Condensadas nessa camada de fuligem de quinze centímetros, estariam nossas cidades, veículos, estradas, pontes, armas. Estariam também todos os tipos de substâncias químicas não encontradas no registro geológico anterior. O concreto e os tijolos se desintegrariam tão facilmente quanto o calcário, nossos aços mais resistentes se transmudariam em manchas de ferro pulverizado. Um exame microscópico mais cuidadoso poderia revelar uma preponderância de pólen das monótonas planícies cobertas de gramíneas que criamos para alimentar rebanhos gigantescos. Com sorte, o geólogo poderia encontrar ossos fossilizados, até mesmo os nossos. Mas os animais, incluindo aí todos os peixes, mal corresponderiam a um décimo do peso de todos os carneiros e vacas. O visitante espacial terminaria concluindo que estava observando o começo de uma extinção em massa na qual a variedade da vida tinha começado a se estreitar.

Jack vinha falando havia cinco minutos. Estava oprimindo-a com o peso daquele tempo sem sentido. O deserto inimaginável de anos e o fim inevitável o animavam. Mas não a ela. Sentiu-se invadida por um sentimento de desolação que pesava sobre seus ombros e descia até as pernas. Pegou o guardanapo do colo e o depositou sobre a mesa num gesto de rendição, levantando-se a seguir.

Ele estava dizendo, como se aquilo o deixasse perplexo: “É assim que estamos assinando nosso nome no registro geológico”.

Ela disse: “Acho que está na hora de pedirmos a conta”, e caminhou rapidamente através do restaurante até o toalete, onde se postou na frente do espelho, olhos fechados, pente na mão no caso de alguém entrar, respirando fundo e devagar algumas vezes.

O degelo não ocorreu de modo rápido nem linear. De início foi um alívio não ter de se evitarem conscientemente no apartamento, não competirem com toda frieza para saber quem era mais cortês naquela forma sufocante que tinham adotado. Passaram a fazer as refeições juntos, começaram a aceitar convites para jantar com amigos, conversaram — principalmente sobre assuntos de trabalho. Mas ele ainda dormia no quarto de hóspedes e, quando uma sobrinha de dezenove anos foi passar uns dias lá, ele voltou a se instalar no sofá da sala de visitas.

Fim de outubro. Os relógios foram atrasados, marcando a última etapa de um ano exausto, e chegou a escuridão. Durante algumas poucas semanas, o clima de estagnação voltou a imperar entre ela e Jack, quase tão sufocante como antes. Mas ela estava ocupada e cansada demais à noite para iniciar o tipo de conversa exigente que poderia levá-los a um novo estágio. Além da carga normal de casos no Strand, ela estava presidindo um comitê encarregado de

estudar novos procedimentos nos tribunais e participava de outro que devia responder a um relatório do governo a respeito da reforma da legislação sobre a família. Se lhe sobrava alguma energia depois do jantar, ela se exercitava sozinha ao piano, preparando-se para os ensaios com Mark Berner. Jack também estava ocupado, substituindo um colega enfermo na universidade e, em casa, absorto na redação da longa introdução aos poemas selecionados de Virgílio.

O advogado incumbido de organizar as festas de Natal no Great Hall informara que eles haviam sido escolhidos para abrir o concerto. Tocariam no máximo por vinte minutos, deixando uma margem de outros cinco minutos para o bis. Tempo suficiente para a seleção que haviam feito das canções do ciclo de Berlioz *Les nuits d'été*, além de uma de Mahler, “Estou Perdido para o Mundo”, que fazia parte do *Rückert-Lieder*. O coral da Gray’s Inn cantaria algumas peças de Monteverdi e Bach, seguindo-se um quarteto de cordas que interpretaria Haydn. Uma significativa minoria dos membros do Judiciário que moravam na Gray’s Inn passava muitas noites por ano ouvindo música de câmara com grande concentração, as testas franzidas, no Wigmore Hall de Marylebone. Dominavam o repertório. Dizia-se que reconheciam uma nota errada antes mesmo que ela fosse tocada. No concerto natalino, embora se servisse vinho antes e a atmosfera geral, ao menos na aparência, fosse amistosa, os padrões eram punitivamente elevados para uma exibição de amadores. Às vezes Fiona acordava antes de o sol raiar e se perguntava se dessa vez estava em condições de enfrentar o desafio, se havia algum modo de pular fora. Achava que lhe faltava a concentração necessária, e o Mahler era difícil. Tão languidamente lento e bem equilibrado. Ela ficaria exposta. E o desejo germânico de não ser notada a tornava desconfortável. Mark, porém, estava ansioso para se exhibir. Dois anos antes seu casamento havia fracassado. Agora, segundo Sherwood Runcie, havia uma mulher em sua vida. Fiona desconfiava que ela estaria na plateia e Mark desejava ardentemente impressioná-la. Tinha até pedido a Fiona que decorasse as canções, mas isso, ela lhe disse, estava além de sua capacidade. Apenas as três ou quatro pequenas peças para o bis estavam gravadas em sua memória.

No final de outubro, em meio à correspondência entregue pela manhã no tribunal, ela viu o envelope azul que lhe era tão familiar. Pauling se encontrava no gabinete naquela hora. Para ocultar seus sentimentos, uma mescla de excitação e vago temor, ela levou a carta para perto da janela e fingiu que observava alguma coisa lá embaixo no pátio. Depois que Pauling saiu, tirou do envelope uma única página, dobrada em quatro e rasgada embaixo, na qual constava um poema inacabado. O título em letras maiúsculas e sublinhado duas vezes: “A BALADA DE ADAM HENRY”. Apesar da caligrafia miúda, o longo poema ocupava a página inteira. Nenhuma carta o acompanhava. Ela deu uma olhada no primeiro verso, não conseguiu se interessar, pôs a página de lado. Tinha um caso difícil dentro de meia hora, uma série de solicitações e contrassolicitações conjugais

que sem dúvida absorveria duas semanas de sua vida. Cada parte tencionava permanecer extremamente rica à custa da outra. Não era um momento oportuno para ler poesia.

Dois dias se passaram antes que voltasse a abrir o envelope. Eram dez da noite. Jack estava assistindo a outra palestra sobre as camadas sedimentares, ou assim ele disse, e ela preferiu acreditar. Instalou-se na *chaise longue* e abriu a página no colo. Pareciam versos medíocres, desses vistos em cartões de aniversário. Fiona então se forçou para adotar um estado de espírito mais acolhedor. Afinal de contas, tratava-se de uma balada e ele só tinha dezoito anos.

A BALADA DE ADAM HENRY

*Ergui minha cruz de madeira e a arrastei junto ao rio.
Eu era jovem e tolo, e perturbado pela ideia
De que a penitência era uma asneira e os encargos coisa de idiotas.
Mas aos domingos me diziam para seguir todas as regras.*

*As farpas feriam meu ombro, aquela cruz pesava mais que chumbo,
Minha vida de devoto era estreita, e quase morri.
O rio corria alegre e sorridente, a luz do sol dançando a seu redor,
Mas eu devia seguir meu caminho, olhos postos no chão.*

*Então um peixe pulou da água com um arco-íris nas escamas.
Pérolas de água saltitavam formando colares prateados.
"Jogue a cruz na água se você quer se libertar!"
Por isso, à sombra da árvore de Judas, afoguei no rio minha carga.*

*Num êxtase maravilhoso me ajoelhei na margem do rio
Enquanto, apoiada em meu ombro, ela me dava o beijo mais doce.
Mas mergulhou rumo ao fundo gélido onde nunca será encontrada,
E meus olhos se encheram de lágrimas até que ouvi o som das trombetas.*

*E Jesus se pôs de pé sobre as águas e me disse:
"Aquele peixe era a voz de Satã, e você deve pagar o preço.
O beijo dela era o beijo de Judas e traiu meu nome.
Morte àquele*

Morte àquele o quê? As últimas palavras do verso final estavam perdidas em meio a um novelo de linhas entrecruzadas que davam voltas em torno de reconsiderações, palavras cortadas e recolocadas, variantes com pontos de interrogação. Em vez de tentar decifrar aquela mixórdia, ela releu o poema e depois se reclinou, os olhos fechados. Ficou sentida por Adam estar com raiva dela, pintando-a como Satã, e começou a compor em devaneio uma carta para

ele, sabendo que nunca a enviaria pelo correio ou mesmo a escreveria. Seu impulso era aquietá-lo ao mesmo tempo que se justificava. Recorreu a frases prontas. *Tive de mandá-lo embora, Era o que melhor servia a seus interesses, Você tem toda uma vida jovem pela frente.* Depois, com maior coerência: *Mesmo se tivéssemos outro quarto, você não poderia ser nosso inquilino. Uma coisa dessas não é aceitável para uma juíza.* Acrescentou: *Adam, não sou Judas. Talvez uma velha truta...* Essa última frase para dar um toque de leveza à sua firme intenção de se autojustificar.

O “beijo mais doce” dela tinha sido irresponsável, e Fiona não escapara ilesa dele, não no que dizia respeito a Adam. Mas era um gesto de pura bondade não lhe responder. Ele voltaria a escrever, apareceria à sua porta, ela precisaria enxotá-lo de novo. Dobrou a página outra vez e a recolocou no envelope, levando-o para o quarto e guardando na gaveta da mesinha de cabeceira. Em breve ele superaria tudo. Também devia ter sido tragado de volta para a religião, ou então Judas, Jesus Cristo e tudo o mais eram apenas recursos poéticos usados para dramatizar o pavoroso comportamento dela ao beijá-lo e depois mandá-lo embora num táxi. Seja lá o que fosse, Adam Henry provavelmente teria grande sucesso nos exames de recuperação e iria para uma boa universidade. Ela esmaeceria nos pensamentos dele, se tornaria uma figura menor em sua educação sentimental.

Eles estavam num pequeno cômodo sem mobília no porão do prédio onde Mark Berner morava. Ninguém se lembrava como um piano de armário Grotrian-Steinweg tinha sido posto lá, ninguém fora buscá-lo em vinte e cinco anos, ninguém tencionava mudá-lo de lugar. Havia arranhões e marcas de cigarros no tampo, mas o mecanismo funcionava bem e o som era aveludado. Do lado de fora, a temperatura estava abaixo de zero, com os primeiros centímetros de neve da estação dando um toque pitoresco à Gray’s Inn Square. Ali, que chamavam de sala de ensaios, não havia aquecedores, mas certos canos, dos muitos que corriam ao longo de uma parede e datavam dos primórdios da era vitoriana, emitiam um calor débil porém constante que mantinha o instrumento afinado. O assoalho era coberto por um tecido com estrias que lembrava veludo, instalado na década de 1960; ele tinha sido colado ao cimento e agora, além de exibir muitas manchas de café, se erguia aqui e ali rebeldemente, provocando tropeções. A iluminação provinha de uma resplandecente lâmpada de 150 watts atarraxada no teto baixo. Há muito Mark falava que ia instalar uma luminária. Além de uma estante para partituras e do banco do piano, a única mobília adicional era uma frágil cadeira de cozinha na qual eram empilhados casacos e cachecóis.

Fiona estava sentada diante do teclado, as mãos entrelaçadas e postas sobre

o colo para se aquecerem, estudando a partitura, *Les nuits d'été* num arranjo para piano e tenor. Em algum canto de sua sala de visitas estaria o velho disco de vinil de Kiri Te Kanawa. Não o via fazia anos. E não os ajudaria agora. Precisavam urgentemente trabalhar na peça porque até então só haviam feito dois ensaios. Mas Mark estivera no tribunal no dia anterior e continuava irritado, precisando dizer a ela a razão. E o que ele pensava fazer no futuro, pois estava deixando a profissão. Já bastava. Era triste demais, idiotice demais, pondo a perder muitas vidas cheias de esperança. Uma velha e vã ameaça, mas, sentada no banco e tiritando, ela se obrigou a ouvi-lo. Mesmo assim, não podia deixar de olhar para a abertura, a “Villanelle”, os acordes se repetindo suavemente, as colcheias pulsando em staccato, imaginando a doce melodia ou criando suas próprias versões do primeiro verso de Gautier: *Quando chega a nova estação, quando o frio se foi...*

O caso de Berner tinha a ver com quatro homens ainda jovens brigando do lado de fora de um pub perto da Ponte da Torre com outros quatro com quem haviam se encontrado por acaso. Os oito tinham bebido. Só os quatro primeiros foram presos e indiciados. O júri havia decidido que eles eram culpados de provocar ferimentos graves intencionalmente, aceitando o argumento do promotor de que tinham agido em conjunto, devendo assim receber igual punição independentemente do que cada um fizera. Estavam todos no mesmo barco. Depois do veredito, anunciado uma semana antes da sentença, o juiz em Southwark, Christopher Cranham, tinha advertido os quatro de que deveriam esperar longas condenações à prisão. A essa altura, Mark Berner foi chamado pelos parentes aflitos de um dos quatro, Wayne Gallagher. Graças a uma cotização entre os membros da família e amigos, complementada por uma inteligente campanha nas redes sociais, conseguiram juntar as vinte mil libras necessárias. Tinham a esperança de que um advogado de renome poderia obter uma mitigação da pena antes de Gallagher ser sentenciado. Um aconselhamento jurídico perfeitamente correto oferecido pelo Estado foi recusado, embora o advogado original tivesse sido mantido.

O cliente de Berner tinha vinte e três anos e era de Dalston, um homem jovem e algo sonhador cujo principal defeito era a passividade. E a incapacidade de comparecer aos encontros marcados. Sua mãe era alcoólatra e viciada em drogas; o pai, com problemas semelhantes, praticamente esteve ausente na infância de Wayne, marcada pelo caos e pelo abandono. Ele amava a mãe e, segundo insistia, ela o amava. Ela nunca havia batido nele. Passou a maior parte da adolescência tomando conta da mãe, faltando muito à escola. Saiu de casa com dezesseis anos, trabalhou em empregos de baixo nível — numa fábrica de depenar frangos, como trabalhador braçal, num armazém, enfiando anúncios em caixas de correio. Cinco anos antes, com dezoito, fora injustamente acusado de estupro por uma moça, ficou detido numa prisão para jovens durante algumas

semanas e depois ganhou uma tornozeleira eletrônica que o obrigou a não sair de casa à noite por seis meses. A troca de textos nos celulares oferecia boas provas de que o sexo havia sido consensual, mas a polícia se recusou a investigar. Tinham metas a alcançar em casos de estupro. Gallagher era o tipo perfeito para eles. No primeiro dia do julgamento, o testemunho arrasador da melhor amiga da acusadora fez com que o caso fosse encerrado. A suposta vítima pretendia receber uma compensação financeira do programa de assistência do governo. Queria comprar um novo Xbox. Passara uma mensagem a uma amiga anunciando sua intenção. O promotor foi visto atirando a peruca no chão e resmungando: “Garota imbecil”.

“Outra mancha em seu registro criminal”, disse Berner, “foi que, quando Gallagher tinha dezesseis anos, arrancou o capacete de um policial. Uma brincadeira idiota. Mas lá ficou anotado como ‘agressão a policial’.”

A primavera chegou, minha adorada. É o mês abençoado dos que se amam.

O advogado estava próximo do cotovelo esquerdo de Fiona, em frente à estante de partituras. De jeans preto e justo, além de um suéter também preto de gola olímpica, ele a fazia lembrar um beatnik antiquado. Impressão só modificada pelos óculos de leitura presos por um cordão em volta do pescoço.

“Sabe, quando Cranham disse àqueles rapazes o que eles deviam esperar, dois deles falaram que queriam começar a cumprir imediatamente sua pena de prisão. Mansos como ovelhas, perus fazendo fila para entrar no forno. Portanto Wayne Gallagher teve de ir com eles embora quisesse passar mais uma semana com sua companheira. Ela havia acabado de ter um bebê. Por isso eu precisei viajar para um lugar horroroso para lá da área leste de Londres a fim de vê-lo. Thamesmead.”

Fiona virou a página da partitura. “Já estive lá”, ela disse. “Há coisas piores.”

Venha pois para essa margem coberta de musgo, aqui falaremos do nosso maravilhosos amor...

“Pense bem”, Berner continuou. “Quatro garotões de Londres — Gallagher, Quinn, O’Rourke, Kelly. Terceira ou quarta geração de irlandeses. Sotaques londrinos. Todos estudaram na mesma escola. Escola pública mas bem razoável. O policial viu o nome deles e decidiu que eram arruaceiros. Nem se deu ao trabalho de ir atrás dos outros quatro. Por isso os promotores adotaram a tese da ação conjunta, que eles usam para quadrilhas. Coisa simples. Um belo trabalhinho daqueles preguiçosos.”

“Mark”, ela murmurou, “precisamos trabalhar.”

“Estou quase acabando.”

Como se viu depois, a briga ocorreu diante de duas câmeras de segurança.

“Os ângulos eram perfeitos. Deu para ver todo mundo. E em cores decentes. Extraordinariamente nítido. Martin Scorsese não faria melhor.”

Berner teve quatro dias para se inteirar do caso, passar e repassar o DVD e memorizar os movimentos rápidos de uma briga de oito minutos filmada de duas posições distintas, guardando de cor cada passo de seu cliente e dos outros sete. Observou o primeiro contato dos homens na calçada larga entre uma loja fechada com tábuas e um telefone público, uma troca verbal raivosa, alguns empurrões, peitos estufados, fanfarronice masculina, o grupo amorfo indo para lá e para cá, em certo momento saindo da calçada e indo para o meio da rua. Uma mão pegou um antebraço, a palma de outra empurrou um ombro. Então Wayne Gallagher, que estava atrás de seus companheiros, levantou um braço e, infelizmente para ele, desferiu o primeiro e logo depois o segundo golpe. Mas seu punho estava alto demais, ele se encontrava muito atrás, seus movimentos foram dificultados pela lata de cerveja na outra mão. Seus golpes foram ineficazes, e o sujeito que ele atacou mal se deu conta do que tinha acontecido. Os grupos então se dividiram desordenadamente em dois, e Gallagher, ainda longe do centro da briga, atirou sua lata de cerveja. Um arremesso feito sem levantar o braço acima da cabeça, e o suposto alvo só precisou limpar umas gotas de cerveja da camisa. Mas, indo à forra, um dos outros quatro contornou o grupo e acertou um soco poderoso na cara de Gallagher, cortando-lhe o lábio e pondo fim ao envolvimento dele. Gallagher ficou parado, tonto, e se afastou da briga e do campo de visão das câmeras.

A briga continuou sem ele. Um de seus colegas de escola, O'Rourke, deu um passo à frente e derrubou no chão o sujeito que socara Gallagher. Tão logo ele caiu, outro amigo, Kelly, fraturou sua mandíbula com um pontapé. Meio minuto depois, outro homem foi ao chão, dessa vez chutado por Quinn, que abriu um dos lados do rosto do adversário. Quando a polícia chegou, o sujeito que havia dado um soco em Gallagher se levantou e saiu correndo, foi se esconder no apartamento de sua namorada. Ele tinha medo de ser preso e perder o emprego.

Fiona olhou para o relógio. "Mark..."

"Estou quase acabando, Meritíssima. O importante é que meu cliente ficou lá esperando pela polícia. O rosto coberto de sangue. Tão culpado de agressão quanto vítima de agressão etc. e tal. Ossos quebrados, portanto se trata de um caso de ferimento grave causado intencionalmente. A polícia indiciou os quatro com base em vários artigos do código, mas no tribunal a promotoria enfatizou a iniciativa conjunta e o consequente agravamento da pena, que vai de cinco a nove anos. A história de sempre. Meu cliente não participou da violência. Ia ser sentenciado por crimes que outros cometeram e pelos quais nem havia sido indiciado. Ele se declarou não culpado. Devia ter admitido a participação em perturbação da ordem, mas eu não estava lá para aconselhá-lo. Um advogado público deveria ter mostrado ao júri a fotografia que a polícia tirou de seu rosto ensanguentado. De qualquer modo, o sujeito com a mandíbula fraturada se recusou a depor como vítima. Depôs apenas como testemunha de acusação.

Disse ao juiz que não entendia todo aquele estardalhaço. Não havia precisado de tratamento, tinha viajado de férias para a Espanha dois dias depois da briga. Nos dois primeiros dias foi obrigado a tomar vodca de canudinho. Fim da história — essas foram suas palavras, é o que consta na transcrição.”

Continuando a ouvir, ela abriu os dedos formando um acorde mas não o tocou. *Voltemos para casa, carregados de morangos silvestres.*

“Obviamente, eu não podia fazer nada sobre o veredito do júri. Falei durante setenta e cinco minutos, tentando separar Wayne do resto, tentando baixar o nível do indiciamento para um patamar de três a cinco anos de prisão. Defendi também com muito vigor a tese de que o Judiciário lhe devia seis meses de liberdade devido à falsa acusação de estupro. Com isso ele receberia uma punição mas obteria a suspensão da pena de detenção, que era tudo o que merecia por causa da sua imbecilidade. Os outros três advogados falaram por dez minutos em defesa de seus clientes. Cranham fez um resumo. Filho da mãe preguiçoso. Graças a Deus aceitou baixar o nível da condenação para aquele que eu havia pedido, mas não abandonou a tese da iniciativa comum e esqueceu de se manifestar a respeito da questão que eu havia suscitado, sobre o tempo que o Judiciário devia ao meu cliente. Dois anos e meio para todos. Preguiçoso e cruel. Mas, na galeria, os parentes dos outros três choravam de alívio. Estavam esperando um mínimo de cinco anos. Acho que fiz um favor a eles.”

Fiona disse: “O juiz se valeu da sua faculdade de reduzir o nível de indiciamento. Considere-se um homem de sorte”.

“Não é disso que se trata, Fiona.”

“Vamos começar. Temos menos de uma hora.”

“Escute até o fim. Esse é o meu discurso de pedido de demissão. Todos aqueles sujeitos tinham um emprego. Poxa vida, pagavam impostos! Meu cliente não feriu ninguém. À luz de sua história pregressa, ele vinha contrariando todas as probabilidades e se revelando um pai que cuidava do filho. Kelly era técnico de um time de futebol juvenil nas horas vagas. O'Rourke trabalhava nos fins de semana numa instituição de amparo a vítimas da fibrose cística. Não se tratou de um ataque a transeuntes inocentes. Foi uma briga do lado de fora de um pub.”

Ela levantou os olhos da partitura. “Uma fratura de mandíbula?”

“Tudo bem. Uma briga. Entre adultos que sabiam o que faziam. De que serve encher as prisões com esse tipo de gente? Gallagher deu dois socos inofensivos e atirou uma lata de cerveja vazia. Dois anos e meio. A grave condenação por crimes pelos quais nem foi indiciado. Está indo para uma prisão especial de jovens, você sabe, dentro do presídio de Belmarsh. Já estive lá algumas vezes. O site diz que eles têm uma ‘academia de ensino’. Mentira das boas! Tive clientes que ficavam dentro da cela vinte e três horas por dia. Os cursos são cancelados o tempo todo. Dizem que falta pessoal. Cranham, com seu cansaço fingido, querendo dar a impressão de que é irritadiço demais para ouvir

qualquer um. Não liga a mínima para o que pode acontecer com esses rapazes! Jogados naqueles infernos, se tornando amargos, aprendendo a ser criminosos. Sabe qual foi o meu maior erro?”

“Qual?”

“Tentei caracterizar o caso como de bebedeira e ânimos exaltados. A violência foi consensual. ‘Se esses quatro senhores fossem membros do Bullingdon Club da universidade de Oxford, não estariam aqui à sua frente, Meritíssimo.’ Com um pressentimento horrível, quando voltei para casa, pesquisei quem era Cranham no *Who’s Who*. Arrisque um palpite.”

“Ah, meu Deus, Mark. Você está precisando de férias.”

“Abra os olhos, Fiona. É a merda da luta de classes.”

“E na Vara de Família é só *champanhe e fraises des bois*.”

Sem esperar mais, ela começou a tocar os dez compassos da introdução, os acordes suavemente insistentes. Do canto do olho, viu que ele punha os óculos de leitura. E então a bonita voz de tenor, obedecendo à instrução *dolce* do compositor, se fez ouvir com doçura.

*Quand viendra la saison nouvelle,
Quand auront disparu les froids...*

Por cinquenta e cinco minutos não pensaram um só minuto no direito.

Em dezembro, no dia do concerto, ela chegou em casa, de volta do tribunal, às seis da tarde, apressada para tomar um banho e mudar de roupa. Ouviu Jack na cozinha e lhe deu um oi a caminho do quarto. Curvado diante da geladeira, ele respondeu com um grunhido. Quarenta minutos depois ela apareceu no corredor num vestido de seda preta e sapatos de salto alto de verniz preto, os quais lhe garantiriam uma boa alavanca para trabalhar os pedais. Usava no pescoço uma corrente simples de prata. O perfume era Rive Gauche. Do hi-fi raramente usado da sala de visitas, veio o som de música para piano, um velho disco de Keith Jarrett, *Facing You*. A primeira música. Ela parou do lado de fora do quarto para ouvir. Fazia muito tempo que não ouvia a melodia hesitante e só revelada em parte. Tinha se esquecido de como aos poucos a melodia ganhava confiança e se tornava subitamente viva à medida que a mão esquerda mergulhava num *boogie* estranhamente modificado, cada vez mais potente, impossível de ser freado como uma locomotiva a vapor em aceleração. Só um músico com formação clássica, como Jarrett, seria capaz de fazer com que cada mão fosse tão independente da outra.

Jack estava lhe enviando uma mensagem, pois se tratava de um dos três ou quatro álbuns que serviram de fundo musical no início do relacionamento deles.

Naqueles dias, depois dos exames finais, depois da encenação de *Antônio e Cleópatra* só por mulheres, quando ele a persuadiu a passar uma noite, e mais tarde dezenas delas, no quarto sob o beiral do telhado com a janelinha que dava para o leste. Quando ela entendeu que o êxtase sexual era mais que uma expressão exagerada. Quando, pela primeira vez desde os seus sete anos, gritou de prazer. Ela havia caído de costas num espaço remoto e desabitado, e mais tarde, lado a lado na cama, os lençóis os cobrindo só até a cintura como nas poses dos artistas de cinema depois de fazerem sexo, riam da barulheira que ela havia feito. Por sorte, não havia ninguém no apartamento de baixo. Jack, com seu jeito controlado e cabeleira comprida, disse que era o maior elogio que ele já havia recebido. Ela lhe disse que não conseguia imaginar como iria recobrar suas forças, na espinha, nos ossos, para fazer aquilo de novo. Se é que queria voltar viva. Mas o fez, e com frequência. Era jovem.

Nessa época, quando não estavam juntos na cama, ele procurava seduzi-la ainda mais através do jazz. Gostava de vê-la tocar, porém queria afastá-la à força da tirania das notações rígidas e dos gênios havia muito falecidos. Punha para ela ouvir “Round Midnight”, de Thelonious Monk, e lhe deu a partitura. Não era difícil de interpretar. Mas a versão dela, suave e sem acentos, soava como uma peça medíocre de Debussy. Tudo bem, Jack dizia. Os grandes mestres do jazz adoravam Debussy e aprendiam com ele. Fiona ouvia outra vez, persistia, tocava o que se encontrava à sua frente, mas aquilo não era jazz. Não havia pulsação, nenhum sincopado, nenhuma liberdade, os dedos sem vida própria seguindo obedientemente a marcação dos compassos e as notas tal como escritas. Por isso ela estava estudando direito, disse a seu amante. Respeito pelas regras.

Fiona desistiu, mas de fato aprendeu a ouvir, e Jarrett foi o pianista que mais admirou. Levou Jack para ouvi-lo no Coliseu de Roma. A facilidade técnica, o jorro espontâneo de invenção lírica tão copioso quanto o de Mozart, e lá estava ele depois de tantos anos ainda a fazendo parar e lembrar como outrora ela e Jack haviam se divertido juntos. A música fora artisticamente escolhida.

Seguiu pelo corredor e parou de novo na entrada da sala de visitas. Ele estivera ocupado. Dois abajures com lâmpadas havia muito queimadas estavam por fim acesos. Várias velas espalhadas pela sala. As cortinas cerradas ocultando a chuva fina da noite de inverno e, pela primeira vez em mais de um ano, um fogo decentemente preparado na lareira, com lenha além do carvão. Jack estava a postos com uma garrafa de champanhe na mão. À sua frente, numa mesa baixa, um prato de presunto, azeitonas e queijo.

Ele vestia um terno preto e camisa branca sem gravata. Ainda esbelto. Aproximou-se, entregou-lhe uma taça de champanhe *flute* e a encheu, servindo-se depois. Manteve uma expressão séria enquanto erguiam as taças e as faziam tilintar.

“Não temos muito tempo.”

Ela entendeu que ele se referia ao fato de que, em breve, deveriam sair e ir caminhando até o Great Hall. Loucura beber antes de um concerto, mas ela não ligou. Tomou um segundo gole substancial e o seguiu até perto do fogo. Ele lhe ofereceu o prato, Fiona pegou um pedaço de parmesão e cada qual ficou num lado da lareira, apoiando-se na cornija. Como dois enfeites enormes, ela pensou.

Ele disse: “Quem sabe quanto tempo temos. Não muitos anos. Ou voltamos a viver outra vez, a realmente viver, ou entregamos os pontos e aceitamos que vai ser uma droga daqui até o fim”.

O velho tema dele. *Carpe diem*. Ela ergueu a taça e disse em tom solene: “Ao nosso reviver”.

Viu a ligeira mudança no semblante de Jack Alivio e, por trás disso, algo mais intenso.

Jack reencheu a taça dela. “Por falar nisso, seu vestido é fabuloso. Você está muito bonita.”

“Obrigada.”

Olharam-se no fundo dos olhos até não haver mais nada a fazer senão avançarem um na direção do outro e se beijarem. Beijaram-se de novo. A mão dele pousou de leve na parte de baixo das costas de Fiona sem descer até a coxa, como ele costumava fazer. Estava avançando por etapas, e sua delicadeza a tocou. Se não estivessem sujeitos a um grande dever musical e social, ela não tinha dúvida sobre o que se seguiria àquele momento de distensão. Mas a partitura estava atrás dela na *chaise longue* e eles estavam obrigados a se manter vestidos da cabeça aos pés. Por isso trocaram um abraço apertado e se beijaram mais uma vez; voltando a se separar, pegaram as taças, as tocaram em silêncio e beberam.

Ele tampou a garrafa de champanhe com um aparelhinho engenhoso, dotado de mola, que ela lhe dera fazia tempo no Natal. “Para depois”, Jack disse, e ambos riram.

Pegaram os casacos e saíram. Para se equilibrar nos saltos altos, Fiona caminhou apoiada no braço do marido e sob o guarda-chuva dele, mantido galantemente sobre a cabeça dela.

“Você é que é a artista”, ele disse. “Você é quem está de vestido de seda.”

A azáfama de conversas e risadas anunciou a presença de uns cento e cinquenta espectadores, cada qual com um copo de vinho na mão. As cadeiras haviam sido dispostas, porém ninguém se sentara ainda, o Fazioli e uma estante musical aguardando no palco. Eram todos moradores da região, membros do Judiciário, a maior parte da vida profissional e social dela reunida num único lugar. Por mais de trinta anos ela havia cooperado ou se confrontado com dezenas de pessoas que via ali no salão. Vários magistrados eminentes, muitos de

fora, da Lincoln's Inn, do Inner Temple ou do Middle Temple — o próprio lorde que presidia o Judiciário, alguns membros do Tribunal de Recursos, dois juizes da Corte Suprema, o promotor geral, uns vinte advogados famosos. Os executivos da lei, que decidiam a sorte das pessoas e privavam cidadãos de sua liberdade, tinham desenvolvido um senso de humor peculiar e paixão pelas conversas sobre assuntos profissionais. O barulho era ensurdecedor. Em poucos minutos ela e Jack se perderam de vista. Alguém se aproximara e pedira a ajuda dele com alguma frase em latim. Ela foi atraída para um grupo que fofocava sobre um amigo excêntrico do presidente da Vara Cível, a segunda maior autoridade judiciária do país. Ela nem precisava se mover de onde estava. Os amigos vinham abraçá-la e lhe desejar boa sorte, outros apertavam sua mão. Tinha sido um golpe de gênio do comitê de advogados da Gray's Inn permitir que os concertos fossem precedidos de uma vasta reunião social. Vinho, Fiona esperava, poderia mitigar as faculdades críticas dos frequentadores assíduos do Wigmore Hall.

Quando um garçom se aproximou com uma bandeja de prata, ela estava se sentindo bem demais para recusar. Ao pegar uma taça, Mark Berner surgiu em sua linha de visão, a uns quinze metros de distância e com umas cem pessoas entre eles, sacudindo um dedo em sinal de proibição. Claro que ele tinha razão. Ela ergueu a taça na direção dele e tomou um pequeno gole. Um amigo, valoroso magistrado, levou-a para lhe apresentar um advogado “brilhante” que por acaso era seu sobrinho. Observada pelo tio orgulhoso, ela fez perguntas solícitas a um jovem magricela com uma gagueira dolorosa. Começava a desejar companhias mais animadas, quando uma velha colega da Middle Temple apareceu de repente e a roubou, levando-a para um grupo de expansivas e jovens advogadas, que lhe disseram, de forma brincalhona, que não estavam recebendo as causas de maior qualidade, todas entregues aos homens.

Funcionários do salão começaram a circular anunciando que o concerto estava prestes a começar. As pessoas se instalaram com relutância nas cadeiras. Era difícil trocar subitamente um bom vinho e fofocas por música solene. Mas, com os copos sendo recolhidos, o alarido foi se amainando. Ela ia caminhando para os degraus do lado direito do palco, quando sentiu um toque no ombro e se voltou. Era Sherwood Runcie. O juiz do caso de Martha Longman. Por alguma razão ele vestia um smoking, o que conferia um ar patético, de bicho apanhado numa armadilha, a homens de certa idade com panças volumosas. Pousou a mão no braço de Fiona desejando transmitir-lhe uma informação de interesse dela que fora mantida fora dos jornais. Ela se inclinou para ouvir suas palavras. Com a mente já focada no concerto, a pulsação se acelerando, foi difícil concentrar-se no que era dito, embora tivesse a impressão de havê-lo entendido. Quando ia pedir ao juiz que repetisse, deu-se conta de que Mark, à sua frente, se voltava para ela fazendo sinais impacientes. Endireitou o corpo, agradeceu a Runcie e seguiu o tenor na direção do palco.

Enquanto esperavam ao pé da escadinha que a audiência se acomodasse e fossem chamados, Mark disse: “Você está se sentindo bem?”.

“Estou bem. Por quê?”

“Parece pálida.”

“Hum.”

Automaticamente, ela tocou seu cabelo com a ponta dos dedos de uma das mãos. Na outra estava a partitura, que segurou com ainda mais força. Será que estava com uma cara ruim? Calculou o que havia bebido. Não mais do que três goles de vinho branco. Mark a advertira para não beber. Umas duas taças ao todo. Ia ficar bem. Ele lhe deu a mão ao subirem os degraus e até chegarem junto ao piano, quando ambos curvaram a cabeça num gesto de saudação e receberam o tipo de aplauso reservado ao time da casa. Afinal de contas, aquele era o quinto concerto de Natal deles no Great Hall. Depois de se sentar, pôr a partitura no lugar e ajustar o banco, ela respirou fundo e expirou devagar para se livrar dos últimos retalhos das conversas recentes, do advogado gago, das jovens carentes de trabalho. E de Runcie. Não. Não havia tempo para pensar. Mark acenou com a cabeça para ela a fim de mostrar que estava pronto, e de imediato seus dedos passaram a extrair do colossal instrumento os acordes suavemente ondulantes, parecendo carregar consigo sua mente. A entrada do tenor foi perfeita e, depois de alguns poucos compassos, eles estavam congregados numa unidade de propósitos raramente atingida nos ensaios, não mais se concentrando apenas em fazer as coisas certas, mas capazes de se dissolver na música sem o menor esforço. Passou por sua cabeça que ela havia bebido a quantidade certa de vinho. O poder macio e profundo do Fazioli a despertou. Era como se ela e Mark estivessem sendo levados com facilidade rio abaixo numa corrente de notas. A voz dele soava mais cálida em seus ouvidos, perfeitamente afinada, livre do vibrato não pedido pela melodia e que ele às vezes exibia, livres para explorarem todas as delícias da composição de Berlioz para a “Villanelle” e depois para o “Lamento”, toda a tristeza da linha abruptamente cadente: *Ah! Sans amour s'en aller sur la mer!* Sua interpretação jorrava de forma espontânea. À medida que seus dedos tocavam as teclas, ela se ouvia como se estivesse sentada no fundo da sala, como se dela só se exigisse estar presente. Juntos, Fiona e Mark penetraram no hiperespaço sem horizonte do fazer musical, mais além do tempo e do espaço. Ela tinha a vaga noção de que algo a esperava na volta, um pontinho estranho lá embaixo numa paisagem bem conhecida. Talvez nem estivesse lá, talvez não fosse verdade.

Eles vieram à tona como se saídos de um sonho, lado a lado, para se defrontar de novo com a audiência. O aplauso foi retumbante, mas sempre era. No espírito de generosidade que imperava no Great Hall durante a festa natalina, era com frequência ainda mais alto para as performances modestas. Foi só ao trocar olhares com Mark e ver o brilho em seus olhos que ela se certificou de que

havam rompido os limites usuais dos músicos amadores. Tinham de fato contribuído com alguma coisa para a peça. Se havia uma mulher na plateia que Mark quisesse impressionar, então ela teria sido cortejada no estilo antigo e sem dúvida ficaria caída por ele.

De repente se fez silêncio quando tomaram posição para o Mahler. Agora ela estava sozinha. A longa introdução pareceu estar sendo inventada pela pianista enquanto se desenrolava. Com infinita paciência, duas notas soaram de forma hesitante, foram repetidas, outra se somou a elas, as três foram repetidas, e só ao surgir a quarta nota a linha se estendeu luxuriosamente para cima numa das mais adoráveis melodias que Mahler compôs em toda a sua vida. Ela não se sentiu exposta de um modo desagradável. Conseguiu mesmo alcançar o que é uma segunda natureza para os mestres do piano, extraíndo um som de sino de certas notas acima do dó médio. Em outros trechos, achou que, pela forma como tocava, era capaz de persuadir seus ouvintes de que percebiam a harpa presente na versão para orquestra. Desde sua entrada, Mark absorveu o espírito de serena resignação. Por alguma razão ele havia insistido em cantar em inglês, e não em alemão, uma liberdade só concedida aos amadores. A vantagem era a compreensão instantânea que todos tinham de um homem que se afastava do tumulto. *Eu realmente me sinto como se estivesse morto para o mundo.* Os dois tiveram a certeza de que dominavam a audiência, e o desempenho deles ganhou ainda mais força. Fiona também sabia que estava avançando com passos majestosos rumo a algo terrível. Era verdade, não era verdade. Só saberia quando a música cessasse e ela confrontasse aquilo.

De novo o aplauso, as reverências apenas esboçadas e, agora, pedidos de bis. Ouviram-se até pés batendo no chão, cada vez mais ruidosos. Os dois executantes se entreolharam. Lágrimas nos olhos de Mark Um gosto metálico na boca de Fiona ao voltar a se sentar no banco do piano enquanto a plateia silenciava. Manteve durante alguns segundos as mãos no colo e a cabeça baixa, recusando-se a olhar para seu parceiro. Da seleção de peças que sabiam de cor, já haviam se decidido por “An die Musik”, de Schubert. Uma velha favorita. Nunca falhava. Pôs as mãos sobre as teclas, se preparando, sem ainda erguer a vista. O silêncio na sala era absoluto, e então ela começou. O fantasma de Schubert talvez tenha abençoado a introdução que tocou, mas as três notas que subiam, um acorde incompleto carinhosamente ecoado mais abaixo, e depois ainda mais abaixo até por fim se tornar harmônico, pertenciam a alguma outra mão. Nas notas tranquilas e repetidas que pulsavam no fundo, talvez houvesse uma homenagem a Berlioz. Quem saberia? Até a canção de Mahler, com sua aceitação melancólica, talvez tenha subliminarmente ajudado Britten em seu arranjo. Fiona não sinalizou nenhum pedido de desculpa para Mark. Seu rosto permanecia tão rígido como fora antes seu sorriso. E ela só olhava para as mãos. Ele teve apenas alguns segundos para reorganizar seus pensamentos, mas estava

sorrindo ao sorver o ar e seu tom foi doce, e ainda mais doce no segundo verso.

*Num campo junto ao rio, meu amor pousou de leve
A mão branca como a neve
No meu ombro inclinado, me dizendo
Que levasse a vida com leveza,
Como o capim cresce na margem da represa;
Mas eu era jovem e tolo, e hoje só me resta chorar.*

Tratava-se de uma plateia sempre generosa mas que raramente se punha de pé para fazer uma ovação. Isso era coisa para concertos de música pop, assim como gritos e assobios. Mas todos se levantaram de uma só vez, notando-se somente alguma hesitação de algumas figuras mais eminentes do Judiciário. Alguns entusiastas mais jovens gritaram e assobiaram. Mas Mark Berner recebeu o tributo sozinho, com uma mão pousada no piano, balançando a cabeça e sorrindo em agradecimento, enquanto também observava com preocupação a pianista, que atravessava às pressas o palco, olhos postos no chão, e descia os degraus, abrindo caminho entre os componentes do quarteto de cordas, que aguardavam sua vez, e se dirigindo em passos largos para a saída. Como todos deduziram que a experiência devia ter sido incomumente intensa para ela, magistrados e amigos foram compreensivos e bateram palmas ainda mais fortes quando passou diante deles.

Fiona pegou o casaco e, sem se importar com a nova chuvaçada, caminhou até o seu apartamento tão depressa quanto ousava com salto alto. Na sala de visitas, umas poucas velas permaneciam acesas, como eles descuidadamente as haviam deixado. Ainda de casaco, o cabelo grudado no crânio, água escorrendo pelo pescoço e pelas costas, ela ficou imóvel, tentando recordar o nome de uma mulher. Tanta coisa acontecera desde que havia pensado nela pela última vez. Lembrava-se de um rosto, ouvia uma voz, e aí o nome voltou. Marina Greene. Fiona pegou o celular na bolsa e fez a chamada. Desculpou-se por telefonar àquela hora. A conversa foi breve porque crianças gritavam ao fundo e a voz da jovem denotava cansaço e irritação. Sim, ela confirmava. Quatro semanas atrás. Deu os poucos detalhes que sabia e se disse surpresa pela juíza não haver sido informada.

Fiona continuou parada no mesmo lugar, o olhar fixo, por nenhuma razão em particular, no prato de comida preparado por Jack, a cabeça misericordiosamente vazia. A música que acabara de tocar não ressoava em seus ouvidos como costumava acontecer. Já havia se esquecido do concerto. Até onde era neurologicamente possível não pensar, ela não tinha nenhum pensamento. Passaram-se vários minutos. Impossível saber quantos. Voltou-se ao ouvir um

ruido. O fogo estava nas últimas, se desmanchando na grelha. Foi até lá, se ajoelhou e cuidou de reanimá-lo levantando fragmentos de lenha e carvão com as mãos e não com as tenazes, e os colocando em cima ou perto das brasas. Depois de três sopros do fole, uma lasca de pinho pegou fogo, que se espalhou para dois pedaços maiores enquanto ela observava. Aproximou-se e deixou que o espetáculo das pequenas chamas, com seus movimentos espásticos contra o negro do carvão, enchesse seus olhos.

Por fim, os pensamentos chegaram sob a forma de duas perguntas insistentes. Por que você não me disse? Por que não pedi minha ajuda? A resposta veio em sua própria voz imaginada. *Fiz isso*. Ela se levantou, consciente da dor nos quadris ao caminhar até o quarto para pegar o poema na mesinha de cabeceira, onde ficara por seis semanas. Não tinha podido reler o poema por causa de seu tom melodramático e pela sugestão puritana de que a busca da liberdade, ao atirar a pesada cruz no rio e receber um beijo casto, deviam ser inspiradas por Satã. Havia algo pegajoso ou sufocante naquela parafernália cristã — a cruz, a árvore de Judas, as trombetas. E ela era a mulher pintada, o peixe com arco-íris nas escamas, a criatura traiçoeira que levou o poeta para o mau caminho e o beijou. Sim, aquele beijo. Foi a culpa dela que a tinha mantido distante.

Ela se agachou outra vez perto do fogo e pôs o poema à sua frente sobre o tapete Bokhara. Como havia mexido no carvão, suas impressões digitais ficaram marcadas no topo da página. Foi direto ao último verso — Jesus Cristo milagrosamente de pé sobre as águas do rio, anunciando que o peixe era Satã disfarçado e que o poeta devia “pagar o preço”.

*O beijo dela era o beijo de Judas e traiu meu nome.
Morte àquele*

Fiona alcançou os óculos na mesa atrás dela e se inclinou para ler as palavras riscadas e circundadas. “Faca” havia sido riscada, assim como “preço”, “Deixe que ele” e “culpa”. As palavras “ele próprio” tinham sido riscadas, depois recolocadas e mais uma vez eliminadas. “Não deve” foi substituído por “deve”, “afunde!” por “afoguei!”. “Morte àquele” se destacava, sem um círculo em volta, flutuando acima da confusão com uma seta para indicar que deveria substituir “E”. Fiona estava pegando o jeito do método e da caligrafia dele. E de repente tudo ficou claro. Havia mesmo uma linha sinuosa conectando as palavras escolhidas. O Filho de Deus tinha proferido uma maldição.

Morte àquele que afogou minha cruz com as próprias mãos.

Ela não se voltou ao ouvir a porta da frente sendo aberta, e foi assim que

Jack a viu de relance ao passar pela sala de visitas em direção à cozinha. Achou que ela estivesse cuidando da lareira.

“Capricha no fogo”, ele disse. E já mais afastado: “Você foi brilhante! Todo mundo adorou. E tão emocionante!”.

Quando voltou com o champanhe e duas taças limpas, ela havia se posto de pé para tirar o casaco, jogando-o sobre as costas de uma cadeira, e se livrar do sapato. Estava de pé no meio da sala, esperando. Ele não percebeu sua palidez ao lhe dar uma das taças, que ela ergueu para ser servida.

“Seu cabelo. Quer que eu pegue uma toalha?”

“Daqui a pouco ele seca.”

Ele removeu a tampa de metal e encheu a taça de Fiona, depois a dele, que deixou sobre um móvel enquanto se dirigia à lareira, onde despejou a cesta de carvão e pôs três pedaços grandes de lenha ensarilhados. Ligou o hi-fi, para tocar de novo o disco de Jarrett.

Ela murmurou: “Jack, agora não”.

“Claro. Depois de hoje à noite! Burrice minha.”

Vendo que Jack queria retornar rapidamente à situação em que se encontravam antes do concerto, sentiu pena dele. Ele estava fazendo o possível. Logo, logo ia querer beijá-la. Aproximou-se de Fiona e, no silêncio que passara a silvar nos ouvidos dela desde o instante em que o hi-fi foi desligado, tocaram suas taças e beberam. Ele então comentou o desempenho dela e de Mark, das lágrimas de orgulho do tenor quando todos se puseram de pé ao final e o que as pessoas disseram depois.

“Saiu tudo bem”, ela disse. “Estou muito feliz que tudo correu bem.”

Ele não era músico e gostava unicamente de jazz e blues, mas fez observações bastante plausíveis sobre o concerto e se lembrava de cada peça executada. *Les nuits d'été* havia sido uma revelação. Emocionou-o em particular o “Lamento”, chegou mesmo a entender o francês. Precisaria ouvir de novo o Mahler, porque percebeu um imenso reservatório de sentimento na peça, mas não foi capaz de apreender tudo naquela primeira vez. Ficou contente de Mark ter cantado em inglês. Todos tinham vontade de fugir do mundo, poucos ousavam fazê-lo. Ela escutou com seriedade, ou pareceu que o fazia, dando respostas breves ou assentindo com a cabeça. Sentia-se como um paciente hospitalizado que desejava ardentemente que o visitante bondoso vá embora para que ele possa voltar a se sentir mal. O fogo pegou e Jack, notando que ela tiritava, levou-a para perto da lareira e lá serviu o resto do champanhe.

Residiam na praça havia bastante tempo e ele conhecia os membros do Judiciário que eram seus vizinhos quase tão bem quanto ela. Começou a lhe falar das pessoas que encontrara naquela noite. Os moradores do lugar eram muito unidos e os fascinavam. Aquele *post mortem* no final das noites era uma característica do relacionamento dos dois. Era fácil para ela continuar

resmungando uma resposta aqui e ali. Jack permanecia excitado com a performance dela e com o que imaginava que iria acontecer. Ele contou sobre um criminalista que estava montando com outros uma escola gratuita. Precisavam de uma tradução em latim para o moto “Toda criança é um gênio”. Coisa curta, que pudesse ser costurada no blusão escolar debaixo de uma fênix heráldica se erguendo das cinzas. Um problema fascinante. A ideia de gênio surgira no século XVIII, e as palavras correspondentes a “criança” em latim traziam em geral a definição do gênero. Jack se saíra com “*Cuiusque parvuli ingenium*” — não tão forte quanto gênio, mas o conceito de inteligência ou aptidão natural era um substituto razoável. Com um pouco de boa vontade, “*parvuli*” poderia englobar as meninas. Depois o advogado havia perguntado se ele estaria interessado em criar um curso descontraido de latim para jovens de nível variado entre onze e dezesseis anos. Desafiador. Irresistível.

Fiona ouviu sem exprimir nenhuma emoção. Nenhum filho seu jamais usaria aquele maravilhoso emblema. Deu-se conta de que estava excessivamente vulnerável.

Ela disse: “Seria uma coisa boa de fazer”.

Jack sentiu a falta de entusiasmo em sua voz e a olhou de forma diferente.

“Tem alguma coisa te incomodando.”

“Eu estou bem.”

Franzindo a testa ao lembrar a pergunta que deixara de fazer, ele disse: “Por que você saiu daquele jeito no fim?”.

Ela hesitou: “Foi demais para mim”.

“Quando todos se levantaram? Eu quase chorei.”

“Foi a última música.”

“O Mahler.”

“Não, ‘The Salley Gardens’.”

Ele achou a resposta engraçada e lhe lançou um olhar de descrença. Já a tinha visto executar aquela música com Mark dezenas de vezes. “Como assim?”

Havia também um toque de impaciência na atitude dele. Jack queria realizar a promessa de uma noite formidável, repor o casamento nos trilhos, beijá-la, abrir outra garrafa, levá-la para a cama, fazer com que tudo se tornasse mais uma vez fácil entre os dois. Ela o conhecia bem, entendeu tudo e, de novo, teve pena de Jack. Mas sentiu tudo isso de uma grande distância.

Ela disse: “Uma recordação. Do verão”.

“É mesmo?” Seu tom denotava apenas uma leve curiosidade.

“Um jovem tocou essa melodia para mim no violino. Ainda estava aprendendo a música. Foi num hospital. Acompanhei cantando. Acho que fizemos uma barulheira. Depois ele quis tocar outra vez, mas eu precisava ir embora.”

Jack não estava interessado em quebra-cabeças. Esforçou-se para que sua

voz não demonstrasse irritação. “Comece de novo. Quem era o rapaz?”

“Um jovem muito estranho e bonito.” Ela falou num tom vago, as palavras saindo lentamente.

“E?”

“Suspendi a sessão enquanto fui vê-lo em seu quarto no hospital. Você se lembra. Uma testemunha de Jeová, muito doente, recusando o tratamento. Saiu em todos os jornais.”

Se precisava ser lembrado era porque naquela época ele estava instalado no quarto de Melanie. De outro modo, teria discutido o caso.

Ele disse com firmeza: “Acho que me lembro”.

“Permiti que o hospital o tratasse e ele se recuperou. A sentença teve... um grande efeito sobre ele.”

Como antes, estavam de um lado e do outro da lareira, que agora irradiava um forte calor. Ela fixou os olhos nas chamas. “Acho... acho que ele se apegou muito a mim.”

Jack descansou a taça vazia. “Continue.”

“Quando eu estava no circuito, ele me seguiu até Newcastle. E eu...” Fiona não ia lhe contar o que havia acontecido lá, mas mudou de ideia. Não havia razão para ocultar nada agora. “Ele andou na chuva para me encontrar e... eu fiz uma idiotice. No hotel. Não sei o que eu estava... Eu o beijei. *Beijei o rapaz.*”

Ele deu um passo atrás para se distanciar do calor do fogo, ou dela. Fiona não se importava mais.

Sussurrou: “Ele era uma pessoa muito doce. Queria vir morar conosco”.

“Conosco?”

Jack Maye tinha atingido a maioria dos idos da década de 1970 em meio a suas múltiplas correntes de pensamento. Ensinara numa universidade durante toda a sua vida adulta. Conhecia tudo sobre a falta de lógica dos padrões morais diferentes para homens e mulheres, mas esse saber não era capaz de protegê-lo. Fiona viu a raiva no rosto dele, a tensão dos músculos em torno das mandíbulas, o olhar se endurecendo.

“Ele imaginou que eu poderia modificar sua vida. Acredito que queria me transformar numa espécie de guru. Achou que eu podia... Estava tão ávido, com tanta fome de viver, de tudo. E eu não...”

“Então você o beijou e ele quis viver com você. O que é que está tentando me dizer?”

“Mande-o embora.” Ela balançou a cabeça e não conseguiu continuar.

Em seguida olhou para Jack. Ele se manteve bem longe dela, os pés afastados, braços cruzados, o rosto ainda bonito e afável agora enrijecido pela raiva. Alguns pelos prateados do seu peito escapavam pela gola aberta da camisa. Ela já o vira levá-los vez por outra com um pente. A noção de que o mundo era repleto de tais detalhes, de tantos pontos minúsculos da fraqueza

humana ameaçou esmagá-la e ela se viu forçada a desviar os olhos.

Só agora, que a chuva tinha parado, eles perceberam que ela estivera martelando as janelas.

Naquele silêncio mais profundo, ele disse: “E o que aconteceu? Onde ele está agora?”.

Fiona respondeu baixinho, num tom monocórdio. “Eu soube hoje pelo Runcie. Algumas semanas atrás sua leucemia voltou e ele foi levado para o hospital. Recusou a transfusão que queriam lhe dar. Foi sua decisão. Já tinha dezoito anos e ninguém pôde fazer nada. Com a recusa, seus pulmões se encheram de sangue e ele morreu.”

“Então ele morreu por suas crenças.” A voz de seu marido soou fria.

Ela o olhou sem entender. Deu-se conta de que não havia se explicado nem um pouco, que havia muita coisa que deixara de lhe contar.

“Acho que foi suicídio.”

Durante alguns segundos nenhum dos dois falou. Ouviram vozes, risadas e passos na praça. O espetáculo musical tinha acabado.

Jack limpou a garganta delicadamente. “Você estava apaixonada por ele, Fiona?”

A pergunta a derrubou. Deixou escapar um som terrível, um urro sufocado. “Ah, Jack, ele não passava de uma criança! Um menino. Um menino adorável!” E por fim ela desandou a chorar, de pé junto à lareira, os braços caindo inermes ao longo do corpo, enquanto Jack observava, chocado por ver sua mulher, sempre tão contida, num paroxismo de dor.

Fiona não conseguia falar, o choro não iria parar e ela não podia mais permitir que fosse vista naquele estado. Abaixou-se para pegar os sapatos e, só de meia, atravessou correndo a sala e o corredor. Quanto mais se afastava dele, mais alto chorava. Entrou no quarto, bateu a porta e, sem acender a luz, se atirou na cama, enfiando o rosto num travesseiro.

Meia hora depois, ao acordar das profundezas de um sonho em que subia por uma interminável escada vertical, ela não se recordava de haver caído no sono. Ainda confusa, manteve-se deitada de lado, voltada para a porta. Por baixo dela, um fiapo de luz vindo do corredor trazia algum conforto. Mas não as cenas que visitavam sua imaginação. Adam doente de novo, retornando à sua casa enfraquecido para ser recebido com amor pelos pais, encontrando os bondosos anciãos, readquirindo as crenças antigas. Ou as usando como um pretexto perfeito para se destruir. *Morte àquele que afogou minha cruz com as próprias mãos.* Ela o reviu na penumbra em que o encontrara ao visitar a unidade de tratamento intensivo. O rosto fino e pálido, as sombras roxas abaixo dos grandes olhos cor de violeta. A língua coberta por uma película branca, braços como

gravetos, tão doente, tão decidido a morrer, tão cheio de encanto e vida, páginas com seus poemas espalhadas pela cama, implorando a ela que permanecesse e os dois tocassem de novo a música, quando Fiona precisava regressar ao tribunal.

Lá, com a autoridade e dignidade de sua posição, ela lhe havia oferecido, em vez da morte, toda a vida e o amor que se abriam diante dele. E proteção contra sua religião. Sem fé, como o mundo deve ter lhe parecido ilimitado, belo e aterrador! Com tal pensamento, ela foi caindo de novo num sono ainda mais profundo e acordou minutos depois ao ouvir o cantar e os suspiros das calhas do telhado. Será que a chuva iria parar algum dia? Viu a figura solitária caminhando pela alameda do Leadman Hall, encurvada para se defender da tempestade de verão, avançando em meio às trevas, ouvindo os galhos que caíam. Ele devia ter visto à frente luzes na casa e sabido que ela se encontrava lá. Tiritou de frio numa dependência dos fundos, sem saber o que fazer, aguardando uma oportunidade de falar com ela, arriscando tudo na busca de — o quê, exatamente? E acreditando que poderia obtê-lo de uma mulher de sessenta anos que jamais arriscara nada na vida a não ser nuns poucos episódios estouvados em Newcastle fazia muito tempo. Ela devia ter se sentido lisonjeada. E pronta. Em vez disso, num impulso poderoso e indesculpável, o beijara e depois o mandara embora. Mais tarde, ela fugira também. Negara-se a responder às cartas dele. Negara-se a decifrar o alerta no poema dele. Que vergonha sentia agora dos temores mesquinhos que tivera sobre sua reputação! Aquela transgressão escapava ao alcance de qualquer comitê disciplinar. Adam a tinha procurado e ela não ofereceu nada no lugar da religião, nenhuma proteção, embora a lei fosse clara ao determinar que sua principal preocupação devia ser o bem-estar dele. Quantas páginas em quantos julgamentos ela já não devotara a esse propósito? Bem-estar, felicidade, um conceito social. Nenhuma criança é uma ilha. Ela pensava que suas responsabilidades terminavam na porta do tribunal. Mas como seria possível? Adam tratou de encontrá-la, querendo o que todo mundo quer, e que só pessoas de mente aberta, e não o sobrenatural, podiam dar: um sentido para a vida.

Quando ela mudou de posição, sentiu contra o rosto o travesseiro úmido e frio. Agora inteiramente desperta, o empurrou para pegar outro, e se surpreendeu ao tocar num corpo quente a seu lado, às suas costas. Voltou-se. Jack estava deitado com a cabeça apoiada na mão. Com a outra afastou o cabelo que cobria os olhos de Fiona. Um gesto de ternura. A luz vinda do corredor lhe permitia apenas vislumbrar o rosto dele.

Jack disse simplesmente: “Fiquei vendo você dormir”.

Depois de algum tempo, bastante tempo, ela murmurou: “Obrigada”.

Fiona então perguntou se ele ainda a amaria depois de ela ter lhe contado toda a história. Era uma pergunta impossível de ser respondida, porque ele ainda não sabia quase nada. Suspeitou que Jack tentaria persuadi-la de que não lhe

cabia nenhuma culpa.

Ele pôs a mão no ombro dela e a puxou para si: “Claro que sim”.

Ficaram um diante do outro na semiescuridão e, enquanto a grande cidade lavada pela chuva entrava em seus ritmos noturnos mais suaves, e o casamento deles recomeçava com movimentos titubeantes, Fiona lhe falou, numa voz calma e compassada, de sua vergonha, da paixão daquele doce rapaz pela vida e da parte que lhe cabia na morte dele.



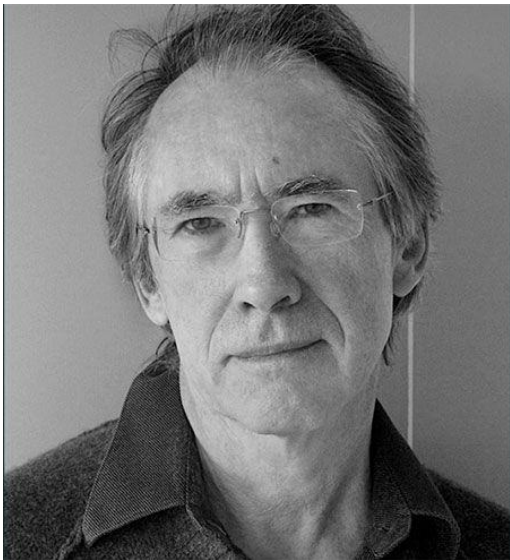
Agradecimentos

Este romance não teria sido possível sem sir Alan Ward, membro do Tribunal de Recursos, um magistrado de grande sabedoria, humor e compaixão. Minha história tem origem num caso a que ele presidiu no Tribunal Superior na década de 1990 e em outro no Tribunal de Recursos na década de 2000. No entanto, meus personagens, suas opiniões, personalidades e circunstâncias não guardam nenhuma relação com quaisquer das partes envolvidas naqueles casos. Tenho uma grande dívida de gratidão para com sir Alan, por me aconselhar sobre diversas técnicas jurídicas, assim como sobre o cotidiano de um juiz do Tribunal Superior. Também lhe sou grato por dedicar seu tempo à leitura de um rascunho do livro, fazendo comentários. Quaisquer erros cabem a mim.

Recorri também a uma sentença soberbamente formulada por sir James Munby em 2012, embora, também nesse caso, meus personagens sejam fictícios e não tenham a menor semelhança com os participantes do julgamento em questão.

Agradeço os conselhos de Bruce Barker-Benfield, da Bodleian Library, e de James Wood, do Doughty Street Chambers. Sou grato, ademais, por haver lido “Managing Without Blood”, um ensaio amplo e profundo de Richard Daniel, advogado e testemunha de Jeová. Mais uma vez agradeço a Annalena McAfee, Tim Garton Ash e Alex Bowler pela leitura atenciosa e pelas úteis sugestões.

Ian McEwan



ANNALENA MCAFEE

IAN MCEWAN nasceu em Aldershot, Inglaterra, em 1948. É um dos ficcionistas mais importantes de sua geração. Seus livros já lhe renderam uma série de prêmios literários, incluindo o Man Booker Prize e o Whitbread Award.

Copyright © 2014 by Ian McEwan
Proibida a venda em Portugal.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
The Children Act

Capa
Claudia Espinola de Carvalho

Foto de capa
Michal Bryc/ E+/ Getty Images

Preparação
Ciça Caropreso

Revisão
Mariana Zanini
Valquíria Della Pozza

ISBN 978-85-438-0212-1

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)